



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS**



NORACI CRISTIANE MICHEL BRAUCKS

**A DIÁSPORA INTERAMERICANA EM *AZUL-CORVO*, DE
ADRIANA LISBOA**

DOURADOS-MS

2015



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS**



NORACI CRISTIANE MICHEL BRAUCKS

**A DIÁSPORA INTERAMERICANA EM *AZUL-CORVO*, DE
ADRIANA LISBOA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados / Mestrado em Letras – Área de Concentração: Literatura e Práticas Culturais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da professora Dr.^a Leoné Astride Barzotto.

DOURADOS-MS

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

B825d	Braucks, Noraci Cristiane Michel. A diáspora interamericana em Azul-corvo, de Adriana Lisboa. / Noraci Cristiane Michel Braucks. – Dourados, MS : UFGD, 2015. 147f. Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Leoné Astride Barzotto. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados. 1. Literatura. 2. Diáspora. 3. Relações interamericanas. I. Título. CDD – B869
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS**



NORACI CRISTIANE MICHEL BRAUCKS

**A DIÁSPORA INTERAMERICANA EM AZUL-CORVO, DE
ADRIANA LISBOA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados / Mestrado em Letras – Área de Concentração: Literatura e Práticas Culturais, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da professora Dr.^a Leoné Astride Barzotto.

BANCA DE DEFESA

Prof.^a Dr.^a Leoné Astride Barzotto (UFGD) – Presidente/Orientadora

Prof.^a Dr.^a Alba Krishna Topan Feldman (UEM) – Membro Titular Externo

Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (UFGD) – Membro Titular

Prof.^a Dr.^a Alexandra Santos Pinheiro (UFGD) – Membro Suplente

Dourados – MS, 31 de março de 2015.

Aos meus cúmplices, Silvano, William, Gabriel e Emanuelli.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo fôlego diário de vida, por seu cuidado comigo e com os meus mais queridos.

Agradeço ao meu esposo e aos meus filhos, pelo companheirismo, compreensão, ajuda, paciência, muita paciência, amor, risadas e abraços; por insistentemente atraírem minha atenção para fora da vida de papel; quando eu retornava para ela, voltava mais feliz.

Agradeço à minha mãe Noraci, ao meu pai Breno (*in memoriam*) e ao meu irmão Matias, por terem sido minha primeira casa, para onde sempre é muito bom voltar.

Agradeço à querida Marly, ao mesmo tempo irmã e mãe na fé, pela atenção dedicada a mim e por se alegrar tanto com meus estudos.

Agradeço à minha orientadora Leoné, por ter me ajudado a olhar “mais longe”; por sua orientação de longa data traduzida em dedicação, esforço, boa vontade, horas de trabalho e principalmente, disponibilidade; saber que você estava sempre “ali” foi muito importante ao longo desse processo de pesquisa, o qual é um pedaço da vida também; Você se tornou um exemplo para mim!

Agradeço aos professores da FACALE, pelas aulas de graduação, porque essa dissertação teve início há seis anos atrás.

Agradeço aos professores do PPG-Letras da UFGD, especialmente Alexandra S. Pinheiro, Paulo Nolasco dos Santos, Rogério Pereira, Gregório F. Dantas, Paulo Bungart e Leoné Barzotto, pelas aulas inspiradoras.

Agradeço à Suzana, secretária do PPG, pelo sorriso ao desempenhar seu trabalho.

Agradeço também à CAPES, pela Bolsa concedida, a qual viabilizou essa pesquisa e dissertação, as quais constituem uma importante etapa de minha formação acadêmica e profissional.

*Portanto, vocês já não são estrangeiros
nem forasteiros, mas concidadãos dos
santos e membros da família de Deus.*
(BÍBLIA, Efésios 2.19)

BRAUCKS, Noraci Cristiane Michel. **A diáspora interamericana em *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa**. 2015. 147f. Dissertação (Mestrado em Letras – Área de Concentração Literatura e Práticas Culturais) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

RESUMO: O romance *Azul-corvo* (2010), da escritora brasileira Adriana Lisboa, traz a lume questões identitárias que estão implicadas nos movimentos migratórios interamericanos, especialmente os deslocamentos da América Latina para os Estados Unidos da América. Com base em aporte teórico oriundo dos Estudos Pós-Coloniais, como a noção de diáspora moderna de Stuart Hall, a pesquisa lança-se às seguintes temáticas: globalização (Jameson), relação entre as Américas pelo viés literário (Moreno, Bernd), imigração latina nos Estados Unidos (Medina), imigração brasileira nos Estados Unidos e identidade do imigrante (Tosta, Margolis), dentre outras. Diversos aspectos estéticos de *Azul-corvo* coadunam com o cunho reflexivo existencialista da literatura contemporânea (Cortázar). Desta forma, a análise deste romance demonstra que a experiência imigrante metaforiza a condição do ser humano contemporâneo, dado o deslocamento instaurado pelo processo de globalização. A metodologia de pesquisa faz uma abordagem bibliográfica de fontes literárias e teóricas para, por meio desta investigação, cumprir o objetivo de compreender como a literatura produzida por brasileiros que vivem no exterior pode revelar a condição dos imigrantes através de suas mobilidades culturais entre as Américas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Diáspora. *Azul-corvo*. Adriana Lisboa. Relações Interamericanas.

BRAUCKS, Noraci Cristiane Michel. **A diáspora interamericana em *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa**. 2015. 147f. Dissertação (Mestrado em Letras – Área de Concentração Literatura e Práticas Culturais) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

ABSTRACT: The novel *Azul-corvo* (2010), written by the Brazilian author Adriana Lisboa, brings to light identity issues that are part of the inter-American migratory movements, especially the movements from Latin America to the United States of America. Based on theoretical input by the Post-Colonial Studies, as the notion of modern diaspora by Stuart Hall, the research reveals the following themes: globalization (Jameson), relationship among Americas through the literary field (Moreno, Bernd), Latin immigration in the USA (Medina), Brazilian immigration in the United States and the identity of the immigrant individual (Tosta, Margolis), among others. Various aesthetic aspects of *Azul-corvo* line with the existentialist and reflexive nature of the contemporary literature (Cortázar). Thus, the analysis of this novel shows the immigrant's experience as a metaphor for the condition of the contemporary human beings on the globe, given the displacement brought by globalization. The research methodology is a bibliographic approach of literary and theoretical sources, so that we can fulfill the goal of understanding, through this research, how this literature produced by Brazilians living abroad can reveal the immigrant's condition within their cultural mobility among the Americas.

KEYWORDS: Literature. Diaspora. *Azul-corvo*. Adriana Lisboa. Inter-American relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
« CAPÍTULO 1 »	21
1 DIÁSPORA	21
1.1 Diáspora na contemporaneidade	27
1.2 A diáspora, por Stuart Hall	33
1.3 Cultura e globalização	36
1.4 O quebra-cabeças da dispersão, em <i>Azul-corvo</i>	43
1.4.1 A metáfora da casa	43
1.4.2 A impossibilidade de retorno à terra natal	46
1.4.3 O <i>clash</i> cultural	50
« CAPÍTULO 2 »	53
2 TRAVESSIAS INTERAMERICANAS	53
2.1 Um esboço da formação da identidade latino-americana	58
2.1.1 A América nomeada “latina”	59
2.1.2 A controvérsia com o vizinho do norte: entre o pan-americanismo e o latino-americanismo	61
2.1.3 O Modernismo apresenta as “nossas línguas”	64
2.2 A pluralidade americana e suas relações	69
2.2.1 Algumas Américas, por Ana Pizarro	71
2.2.2 Ainda outra América: latinos nos Estados Unidos	74
2.2.2.1 A “grande cerca”: a política de imigração dos Estados Unidos da América	75
2.2.2.2 Brazucas são latinos?	77
2.2.3 O Caribe no meio do caminho	80
2.3 Mobilidades culturais interamericanas em <i>Azul-corvo</i>	81
2.3.1 Os sentimentos da chegada	82
2.3.2 Estratégias de adaptação	83
2.3.3 Diferença comportamental	85
2.3.4 A apropriação do outro	87
2.3.5 Cercas e muralhas defensivas	88
2.3.6 Ilegais	89
2.3.7 Identidade permanentemente em trânsito ou duplicada	91

« CAPÍTULO 3 »	93
3 A BRICOLAGEM CULTURAL EM AZUL-CORVO	94
3.1 A vida no romance	99
3.1.1 Uma singular intersecção entre romance e poesia	100
3.1.1.1 A poesia de Marianne Moore em <i>Azul-corvo</i>	102
3.1.2 Reflexão de cunho existencial	105
3.1.3 Cúmplices humanos	109
3.2 Estratégias narrativas	110
3.2.1 Lacunas na memória	113
3.3 <i>Life is good</i>	120
3.3.1 Amizade de laços familiares	125
3.3.2 Alienação da paternidade	127
CONCLUSÃO	129
REFERÊNCIAS	132
ANEXO	138

INTRODUÇÃO

Em 2010, a escritora brasileira Adriana Lisboa lançou seu quinto romance, *Azul-corvo*. Nessa época, eu era graduanda no curso de Letras da Universidade Federal da Grande Dourados e iniciava o primeiro projeto de Iniciação Científica. Orientada pela Prof^a. Dr^a. Leoné Astride Barzotto, o projeto recebeu o título “Literatura e religiosidade no crioulisto de Hélio Serejo”. Tal jornada proporcionou um “mergulho” na história cultural do Estado do Mato Grosso do Sul, estado no qual residia há poucos anos. A literatura de Hélio Serejo, especialmente *Contos Crioulos* (1998), lançou-me na perspectiva da análise literária via crítica cultural. Desse projeto inicial surgiu outro, “Allende & Pratt: intermediações religiosas na zona de contato”, o qual também foi orientado pela professora Leoné. A análise desse projeto recaiu sobre *A ilha sob o mar* (2010), de Isabel Allende, a partir da perspectiva teórica de *Sob os olhos do império*, de Mary Louise Pratt. Paulatinamente, ampliou-se meu conhecimento acerca do aporte teórico pós-colonial e me apaixonei cada vez mais por sua versatilidade. Em ambos os projetos, as análises permitiram verdadeiras visitas históricas ao passado colonial do Brasil, inicialmente, e depois à história da revolução negra das Américas (Haiti). Concomitantemente, mudava meu olhar crítico em relação às diversas obras literárias com as quais ia tendo contato no transcorrer das aulas de graduação. Em todo momento, emergiam as heranças coloniais, as novas formas imperialistas, as misturas culturais. Dali para frente, a literatura nunca mais seria a mesma para mim, antes, passaria a ser um caldeirão fervente de culturas em contato. Em fins de 2012, minha trajetória acadêmica entrecruzou com o romance de Adriana Lisboa, *Azul-corvo* (2010), do qual me “apropriei” como objeto de estudo para análise científica em nível de mestrado. Felizmente, o pré-projeto de pesquisa foi acolhido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), na Área de Concentração “Literatura e Práticas Culturais”. Tão melhor, a continuidade da orientação da professora Leoné Barzotto garantiu o aprofundamento nos Estudos Pós-coloniais e um frutífero tempo de leituras e reflexões.

Azul-corvo foi escolhido pela atualidade temática, uma vez que aponta para diversas relações entre as Américas, especialmente os movimentos migratórios das últimas décadas. A vibrante questão do “viver num país como estrangeiro”, remeteu imediatamente à noção de diáspora de Stuart Hall, na qual a trajetória humana leva a uma inquietante sensação de “não estar em casa”. No romance *corpore* de investigação, a

história é a da adolescente Evangelina, ou Vanja. Quando sua mãe morre, a menina decide deixar Copacabana e vai para os Estados Unidos da América viver com o ex-marido de sua mãe e procurar seu pai biológico. Vanja estava com 13 anos de idade e, no país de seus avós e de seu pai, ela vive os dilemas identitários da imigração. Ao redor de Evangelina, nos Estados Unidos da América, estão outras pessoas que também vieram “de fora”, especialmente de outros países latino-americanos; tais personagens vivem seus próprios conflitos identitários.

Ser estrangeiro numa terra em que outros são nativos é pontuado em diversos episódios de *Azul-corvo*. Por exemplo, Vanja descreve a comida de preparo rápido ou congelada na casa de Fernando, muito embora mencione a presença de alimentos tipicamente brasileiros, como o café comprado numa loja de produtos brasileiros: “A casa, aninhada em suas cortinas fechadas e em suas portas fechadas, cheirava a café e torrada” (LISBOA, 2010, p. 112). Esses aromas remetem à melancolia da saudade, tão comum aos imigrantes.

O deslocamento da protagonista de *Azul-corvo* pode ser compreendido como um empenho por identidade, metaforizada na busca do pai biológico. Entretanto, isso não se limita ao autoconhecimento, mas aprofunda-se no conhecimento do “outro” para a construção identitária. Na narrativa, entretanto, enquanto Evangelina procura o “outro”/pai biológico, depara-se com diversos “outros” que também contribuem na construção de sua identidade. Contudo, cada um desses “outros” estão igualmente fragmentados, multiplicando as nuances do complexo sistema denominado “identidade cultural”.

Dentre tais “outros” está Fernando. Ele é o homem com quem Suzana, mãe de Evangelina, fora casada por seis anos, antes do nascimento da filha. A pedido da ex-mulher, Fernando registra Evangelina como sua filha. Embora não se conhecessem, é para ele que a adolescente recorre quando decide procurar o pai biológico nos EUA. Assim, ela passa a residir na casa de Fernando, em Lakewood, no Estado do Colorado. Ex-guerrilheiro que lutou na Guerrilha do Araguaia, as lembranças da personagem surgem como enxertos em meio à narrativa, revisitando episódios dessa parte da história da ditadura militar no Brasil: a perseguição política, o treinamento na China comunista de Mao Tsé Tung, o refúgio na mata, as torturas e assassinatos dos guerrilheiros presos pelo exército brasileiro naquele período. À medida em que as memórias de Fernando são trazidas à luz, Evangelina conhece um “outro” Brasil.

Além de Evangelina, a protagonista, outros personagens representam dilemas próprios dos imigrantes latinos nos EUA. Destaca-se o menino Carlos, de 9 anos de idade, cuja família salvadorenha vive *sin papeles* no mesmo bairro de Fernando, no Estado do Colorado. Vanja passa a ajudar Carlos com os estudos, visto que ele ainda tem bastante dificuldade com o inglês, o que limita seu aprendizado. Ao longo da história, Carlos sintetiza a necessidade de apropriação da nova língua e o desejo de tornar-se um “nativo”.

Isabel, uma amiga da mãe da adolescente, vive um permanente conflito entre viver no Novo México ou em Porto Rico, sua cidade natal. A casa em que mora na cidade de Albuquerque é de propriedade do ex-marido norte-americano e, segundo ela, não lhe pertence. Mas no país de origem não se sente mais “em casa”; vive, por isso, no trânsito Porto Rico-EUA constantemente.

Bem sabemos que a migração para os Estados Unidos não é a única no âmbito mundial, nem é nova. As ondas migratórias têm marcado a história dos povos ao longo da história. Esse fenômeno tem a força de remodelar e reestruturar as sociedades, à medida em que coloca culturas diferentes em contato no espaço e no tempo. Foi o que aconteceu de maneira contundente na era colonial, quando milhares de pessoas migraram, espontânea ou forçosamente, ao redor do mundo, incorporando os três continentes americanos no mapa ocidental e transformando a África.

No século passado, as migrações tiveram importantes motivações econômicas, especialmente pelas duas guerras mundiais, levando massas a migrarem dos países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos, ou do Sul para o Norte. No caso das Américas, tornou-se inevitável o deslocamento dos países “abaixo” do Rio Bravo para os Estados Unidos, dado seu alto desenvolvimento econômico.

As grandes imigrações, como a latina para os EUA, causam forte impacto na economia do país hospedeiro. Entretanto, muitos outros impactos são vividos nas regiões de significativa imigração, principalmente, na cultural local. As mesclas culturais geradas nas situações de imigração implicam a complexidade de questões em torno da identidade tanto dos imigrantes quanto dos “nativos”. Assim, emergem questões quanto às estratégias de adaptação e sobrevivência que os imigrantes estabelecem na “nova terra” para alcançarem a tão desejada “vida melhor”. Ao mesmo tempo, as relações “estrangeiros-nativos” exacerbam as diferenças, afirmando novos e velhos estereótipos. Tudo isso precisa ser levado em conta quando nos propomos a responder o que significa ser o estrangeiro pobre na terra próspera do “outro”.

Pela amplitude desses questionamentos, baseei a presente pesquisa no viés teórico pós-colonial, dada extensão de seu horizonte crítico, visando relacionar as transformações econômicas e culturais que o mundo globalizado vem sofrendo. De acordo com Thomas Bonnici (2005), a teoria pós-colonial se dispõe a abranger as questões da colonialidade perpetuada¹, desde o período colonial, até a contemporaneidade:

Se o termo ‘pós-colonialismo’ e a teoria “pós-colonial” referem-se ao impacto cultural entre os europeus e os outros, recém-descobertos e inventados, desde os primeiros contatos até a contemporaneidade, há uma estreita ligação entre os eventos contemporâneos envolvendo os povos do Sul e aqueles relacionados ao projeto colonial europeu de outrora. Novas formas de capitalismo, veiculadas por uma mais vigorosa e sofisticada globalização, geraram outras questões ou revelaram aspectos mais profundos da história dos últimos quinhentos anos. No início do século 21, a literatura é assaz sensível para representar, a seu modo peculiar, as repercussões do racismo, diáspora, multiculturalismo e outros tópicos que revelam a condição humana e sua luta para encontrar sentido de sua existência (BONNICI, 2005, p. 275).

Como já tenho exposto, em *Azul-corvo* convergem questões identitárias próprias da situação do imigrante, especialmente no trânsito interamericano. A convergência de personagens imigrantes e descendentes de imigrantes na narrativa chama a atenção do leitor e remete aos fluxos Brasil-EUA, Costa Rica-Eua, El Salvador-EUA, México-EUA, principalmente². A complexidade da vida cotidiana de seus personagens é frequentemente perpassada por memórias; em algum ponto no sentido nacional, pois a narrativa revisita um episódio específico da história do Brasil – a guerrilha do Araguaia, durante o período da ditadura militar. E, ainda, numa perspectiva individual, onde as lembranças do passado vivido na terra natal se misturam ao “sonho americano” e às urgências da adaptação à vida norte-americana. As identidades se duplicam em todo momento e às vezes até se multiplicam. Movimento, instabilidade, incertezas e algum conforto caracterizam as histórias das personagens.

O trânsito Brasil-EUA também é vivido pessoalmente pela autora. Adriana Lisboa é carioca, nascida em 1970. Cresceu em sua cidade natal e, mais tarde, morou na França, em Paris e Avignon e, por um curto período, no Japão, como pesquisadora-

¹ Walter Mignolo (2003) discute as formas perpetuadas do colonialismo, com base na noção de “colonialidade do poder” de Aníbal Quijano. O colonialismo, como sistema de dominação mundial, não se esgotou com a independência das colônias europeias; pelo contrário, permanece arraigado nos sistemas ideológicos, penetrando, portanto, nas culturas contemporâneas.

² Há referência também às imigrações Índia-EUA, Irlanda-EUA.

visitante. Desde dezembro de 2006, vive nos Estados Unidos da América, no estado do Colorado. Em 1999, Adriana estreou como romancista e, até 2015, escreveu seis romances, sendo *Azul-corvo* o quinto. Os primeiros romances têm a memória como uma temática recorrente. Em *Os fios da memória* (1999) é reconstruída a história do Brasil a partir das memórias da família de Beatriz, descendente de portugueses e africanos. *Sinfonia em branco* (2001), o segundo romance, traz relatos da vida das irmãs Maria Inês e Clarice, onde a memória não é apenas lembrança, mas o compartilhar cúmplice do passado entre as irmãs. *Sinfonia em Branco* recebeu o Prêmio José Saramago em 2003. A memória também é o viés de *Um beijo de Colombina* (2003). Nele, as lembranças de Teresa, uma mulher que morreu afogada numa praia de Mangaratiba (RJ), não abandonam o pensamento de seu namorado, que decide escrever sua história com Teresa para organizar seus sentimentos após a tragédia; além de escrever, esse homem parece encontrar um pouco da mulher amada na poesia de Manoel Bandeira. A partir do quarto romance, o trânsito entre países passa a fazer parte das narrativas de Lisboa. Em *Rakushisha* (2007), o casal Haruki e Celina se conhece quando estão prestes a embarcar para o Japão. Lá, redescobrem seu passado e a paixão pela obra haikai de Matsuo Bashô. A seguir, no romance *Azul-corvo* (2010) os deslocamentos das personagens se dão principalmente entre países americanos, como informado. O mais recente romance de Adriana Lisboa é *Hanoi* (2013) e narra a história do casal Alex, uma jovem vietnamita, e David, brasileiro, que vivem em Chicago; David viverá mais um deslocamento ao ir para Hanói, no Vietnã, viver seus últimos meses de vida – a morte eminente, por uma doença terminal, parece levar a personagem a uma nova dimensão do mundo e da vida, como desenraizamento e transitoriedade máximos.³ Adriana Lisboa escreveu dois desses romances como parte de trabalhos acadêmicos. Sua dissertação de mestrado (2002), cujo título é “Um beijo de colombina: diálogo com a poesia de Manuel Bandeira”, a qual tematizou modernismo, pós-modernidade e poesia, originou o romance *Um beijo de Colombina*; e a tese de doutorado intitulada “O viajante – o diário de viagem Oku no Honomichi’, de Matsuo Bashô”, inserida no campo da Literatura Comparada, originou *Rakushisha*.

³ A obra de Adriana Lisboa conta ainda com quatro livros de literatura infanto-juvenil, um livro de minicontos, *Caligrafias* (2004), além de participação em antologias literárias, coletâneas de contos e periódicos. Sua última publicação é um livro de poesias, *Parte da Paisagem* (2014). A escritora também é graduada em música pela UniRio, foi cantora de música popular brasileira na França e professora de música no Rio; Adriana Lisboa também destacou-se como tradutora de obras literárias, como dos autores Robert Louis Stevenson, Cormac McCarthy, Marilynne Robinson, Jonathan Safran Foer e Maurice Blanchot. Essas informações encontram-se no site de Adriana Lisboa: <http://www.adrianalisboa.com.br>.

A discussão que procurei introduzir está inserida no âmbito da noção de diáspora cultural, conforme é apresentada especialmente por Stuart Hall em *Da diáspora* (2013). Procuo trazer justamente este balizamento no primeiro capítulo deste trabalho – uma abordagem do fenômeno identitário comum aos processos migratórios (diáspora⁴), nos quais a identidade se torna ainda mais forte e clara em terra exterior.⁵

São apresentadas, a partir de Hall, evidências de que as raízes e as tradições, bem como a esperança do retorno à terra de origem explicam a formação de guetos e tribos, como dos caribenhos no Reino Unido, dos mexicanos nos Estados Unidos da América, ou dos nordestinos em São Paulo. Embora isso seja fato, a identidade cultural vem sendo abordada em sua complexidade, devido às muitas questões imbricadas nas situações diaspóricas. Tem-se descoberto que o contato com a cultura local é inevitável, assim como a transmuta com a cultura do gueto. Ambas se transformam pelo contato intercultural.

O processo global é apresentado como um espaço temporal e geográfico no qual circulam diferentes culturas, colocando o sujeito pós-moderno permanentemente em contatos interculturais (HALL, 2013). Destes, podem surgir estratégias de resistência e revide como apropriação crítica e ressignificação, ou desarticulação do significado, de elementos das culturas dominantes gerando formas culturais transformadas e híbridas. Observa-se, entretanto, que a globalização em outra via pode servir aos interesses homogeneizantes e hegemônicos de uma cultura pró-capitalismo (JAMESON, 1998). Apresento, ainda, uma breve análise de como esses temas estão articulados no romance *Azul-corvo*.

No segundo capítulo, importei-me em estudar, conhecer e reconhecer as formas de hibridismo cultural que nos constituiu enquanto sujeitos americanos. Não simplesmente como reconhecimento de raízes múltiplas, mas na verificação do quanto à

⁴ Termo que designa a dispersão judaica no período do império romano e que recentemente vem sendo utilizado como referência às migrações modernas dos países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos economicamente. Vem ganhando também o sentido de apropriação cultural própria da globalização, onde as fronteiras se flexibilizam e as culturas se globalizam.

⁵ A perspectiva da diáspora na crítica literária de *Azul-corvo* é inédita. Alguns importantes trabalhos de dissertação e tese já foram publicados sobre a obra de Adriana Lisboa. Em 2011, Ana Amélia Gonçalves da Costa defendeu a dissertação intitulada “Novos territórios da escritura: reflexões sobre exotismo e identidade em Amélie Nothomb e Adriana Lisboa”, cujo *corpus* eleito se refere ao romance *Rakushisha* (2007). Também de caráter comparatista, em 2014, Sheila Couto Caixeta, defendeu a dissertação “Memória e identidade em narrativas de migrantes: *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy e *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa”. Antes disso, em 2008, numa perspectiva bem diferente, Virgínia Maria Vasconcelos Leal publicou a tese “As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero”, na qual Adriana Lisboa está entre as escritoras brasileiras analisadas sob a perspectiva da escrita feminina e a representação de gênero em seus romances.

mistura de culturas europeias e indígenas foi criativa, promovendo novidades na cultura, na língua, nas ideias, nas políticas. Concentrei especial atenção em apresentar as relações da América Latina com a “outra” América, a saber, a América do Norte.

A heterogeneidade cultural, portanto, é abordada na perspectiva da diversidade de raças e línguas dentro do território que abrange a América Central e do Sul, dando voz à sua divisão por grandes áreas culturais (PIZARRO, 2006). A atenção recai especialmente para a área latina extraterritorial, a saber, a comunidade latina nos Estados Unidos, bem como a questão divergente da inclusão dos brasileiros neste grupo. Analisamos, ainda, as possibilidades de se pensar em “americanidade” (BERND, 2008) em termos amplos, abrangendo os três continentes que levam a nomenclatura “América”.

A partir daí, abre-se à discussão a condição (i)migratória entre as Américas, nesse quadro local/globalizante. A análise se volta para o caso específico da imigração de latino-americanos para os Estados Unidos da América, na qual se percebe as nacionalidades criando novas formas de “muralização” de suas fronteiras. Em contrapartida, estratégias de adaptação à nova vida são necessárias aos imigrantes, a fim de “driblarem” as hostilidades dos cidadãos nativos, as rígidas leis de imigração e suas próprias incertezas identitárias. Quanto a esse último aspecto, a vida no país estrangeiro impõe perguntas acerca do ser brasileiro, mexicano, porto-riquenho, etc, dado o apego às suas raízes natais; ao mesmo tempo, a vida noutro país requer aquisição dos códigos identitários próprios daquele lugar. Portanto, as alternativas encontradas por muitos imigrantes apontam para formas de hibridismo e transnacionalidade (MARGOLIS, 2013; TOSTA, 2007, 2012-2013). A análise final deste capítulo recai, então, sobre os casos específicos das imigrações interamericanas presentes em *Azul-corvo*.

O terceiro capítulo destaca os aspectos estéticos de *Azul-corvo*. De acordo com Júlio Cortázar (2006), a inclusão do valor poético no romance é percebida como grande “sacada” dos romancistas desde o século passado. O “homem”, ou o ser humano, é trazido ao pedestal da observação poética, mas com a perspicácia do romance. Assim, esse romance de Lisboa participa desse exercício de reflexão sobre a existência humana. Isso se dá também na dimensão autobiográfica, apresentada por Leonor Arfuch (2010), na qual as vidas da autora, das personagens e dos leitores se transformam em uma biografia única – um espaço biográfico.

Desta forma, a Literatura afirma-se como parte das ciências da vida (NITSCHACK, 2008). A vida humana prevalece no contexto da globalização, vencendo

as imposições das novas formas imperialistas de produção e consumo; subterfuja esse contexto funesto para se conhecer e se reconhecer a partir da arte. Sim, a vida humana se reconhece na arte.

« CAPÍTULO 1 »

1 DIÁSPORA

Carlos espiava a carta. Apontava para a palavra trabalho, formulava a palavra trabajo, e abria um sorriso. Apontava para a palavra tempo, e formulava a palavra tiempo. Me perguntava o que significava a palavra filho. Hijo, eu dizia, e ele ficava um pouco decepcionado pela falta de semelhanças mais óbvias.

(O menino Carlos procurando semelhanças entre o português e o espanhol, nos Estados Unidos da América, em *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa).

Na epígrafe, a voz de uma criança, filho de imigrantes salvadorenhos que vivem no estado do Colorado, Estados Unidos da América. Sua família está ilegalmente no país norte-americano há alguns anos. Talvez por isso, Carlos tenha tanta dificuldade em aprender inglês e, conseqüentemente, em aprender os conteúdos da escola. A interlocutora de Carlos no trecho acima é Evangelina, a protagonista de *Azul-corvo* (2010)⁶; Ela ajuda-o na compreensão da língua inglesa e nas tarefas escolares. Talvez porque sua mãe, Suzana, tenha sido professora de inglês para imigrantes latinos, Evangelina tenha tanta facilidade com a língua, e ainda conheça bem o espanhol. A adolescente se considera brasileira, já que crescera no Rio de Janeiro, embora possua dupla nacionalidade, pois nascera no Novo México.

Os Estados Unidos se tornam o lugar de cruzamento das vidas de Carlos e Evangelina, e também de outra personagem, Fernando. Ex-guerrilheiro na Guerrilha do Araguaia (1967-1974), o brasileiro vive em Lakewood há alguns anos. Autoexilou-se, por assim dizer, pois vive como vigia da Biblioteca de Denver e, nas horas livres, é faxineiro. A ligação de Fernando com Evangelina e Carlos é a seguinte: Evangelina é filha de sua ex-mulher, a Suzana, e também sua filha em termos civis (ele registrara a menina por ocasião de seu nascimento); quando Suzana morreu, a adolescente decidiu ir para os EUA morar com Fernando para juntos procurarem Daniel, seu pai biológico. A família do menino Carlos é vizinha de Fernando.

A diáspora tem o potencial de criar um encontro como esse – um menino salvadorenho um tanto sozinho e receoso, pelo medo de que a ilegalidade de sua família

⁶ AC daqui em diante.

seja delatada; uma adolescente brasileira órfã de mãe e possuída de dois “não-pais”, ou “meio-pais”; e um homem de cinquenta e seis anos, outrora combatente revolucionário, então albergado num cotidiano comum nos Estados Unidos. Na terra estrangeira aos três, estabelece-se um vínculo essencialmente humano – a amizade.

De acordo com Maria Zilda Cury (2006), multiplicam-se atualmente na literatura histórias de imigrantes em busca do “sonho americano”, do desejo de viver “perto dos familiares”, de trabalho e sobrevivência, de fuga por perseguição política e religiosa. Histórias que estão atreladas ao fator econômico, dadas tantas diferenças nas condições de vida entre os países do globo. Ao abordar a figuração literária dos imigrantes, Cury pontua que o movimento de pessoas ao redor do mundo tem sido intenso. “De acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Organização das Nações Unidas, o número de imigrantes que vivem em todos os países do mundo é de 175 milhões, mais pessoas do que a população de um país como o Brasil” (CURY, 2006, p. 10).

Não somente as pessoas viajam, mas certamente identidades transitam, alteram-se e são alteradas no contato com as identidades dos locais por onde passam ou fazem morada. De acordo com Homi K. Bhabha (1998), ao tomar a condição de imigração e a figura do imigrante como foco narrativo, a literatura contemporânea traz à tona o estranhamento entre as culturas:

O estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de “alteridade”. Talvez possamos sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e divisas – possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial (BHABHA, 1998, p. 33).

Surgem, então, obras literárias preocupadas em dar conta da complexidade que representa o fenômeno diáspora: suas imbricações nas políticas de imigração dos países, o impacto dos fluxos migratórios nas economias nacionais, os sentimentos contraditórios em relação à nação de origem e também à nova nação, as mesclas culturais, e mais profundamente, o hibridismo, onde as relações individuais tornam-se fortes metáforas para o macroacontecimento – a globalização.

AC certamente se destaca enquanto representação literária da diáspora contemporânea. No romance, a diáspora ganha ainda perspectiva interamericana, pois encontramos nele a história da menina Evangelina, de 13 anos de idade, no trânsito Brasil-Estados Unidos, e suas amigas têm nacionalidades americanas diversas,

inclusive as amigadas de sua mãe falecida, que a adolescente encontra em viagem ao Novo México.

Diáspora foi a palavra que Stuart Hall usou para se referir aos fluxos migratórios pelo trabalho, no século XX. O teórico cultural fez alusão aos deslocamentos humanos em massa que ocorreram, e ainda ocorrem, dos países outrora colonizados para os países desenvolvidos economicamente, ou o “primeiro” mundo – a diáspora moderna. No livro *Da diáspora* (2013), Hall discute a problemática econômica das massas de imigrantes e seus desdobramentos individuais, a partir de sua experiência pessoal enquanto imigrante caribenho na Inglaterra.

De maneira semelhante, no conhecido texto “Disseminação. O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, Homi K. Bhabha utiliza diáspora para designar a condição imigrante, principalmente sua relação com a legalidade e sua organização política. Atenho-me às asserções destes teóricos nesse primeiro capítulo.

Frequentemente usada como equivalente à dispersão, a palavra “diáspora” derivou do verbo grego διασπειρω (*diáspeiro*) que significa dispersar, espalhar, estender. O mesmo encontramos na constituição da palavra grega διασπορα (*diáspora*), provavelmente formada por δια (*dia*) – “através”–, e σπορα (*sporá*) – sêmen ou semente⁷. De forma basilar, remete à dispersão dos judeus ao redor do mundo, a princípio no período do império romano e, ao longo do tempo, sendo aplicável aos movimentos imigratórios de outros povos⁸.

Desta forma, a discussão acerca de diáspora visita uma das primeiras aplicações da palavra diáspora na história da humanidade. De acordo com o teólogo René Krüger (2009), o termo surgiu primeiramente na tradução grega da Bíblia, a Septuaginta. Lá, diáspora designava a dispersão do povo judeu em várias regiões do mundo então conhecido. Estava diretamente relacionado aos deslocamentos massivos de judeus no Antigo Testamento, como os exílios na Assíria e na Babilônia. Mais tarde, o termo foi também utilizado para designar a condição da igreja cristã que, pela perseguição sofrida nos primeiros três séculos d.C., espalhou-se por todo o mundo. Ao que tudo indica, a escolha do termo pelos tradutores da versão Septuaginta não foi aleatória, pois a palavra

⁷ Em *Dicionário Eletrônico Babylon*.

⁸ Em *Dicionário Eletrônico Houaiss*.

carregava consigo uma perspectiva missionária, dando sentido e esperança aquele povo minoritário⁹.

Certamente, uma análise mais atenciosa da diáspora judaica bíblica irá demonstrar a ruptura com o paradigma da escravidão como dominação absoluta de um povo sobre outro(s). O povo dominado pelos babilônicos não sucumbiu culturalmente, antes se misturou ao sistema cultural e social da Babilônia, subvertendo-o a favor de sua sobrevivência. As novelas da diáspora bem representam essa capacidade de revide:

José se transformou em ministro da agricultura de todo o Egito; Daniel e seus companheiros ocuparam cargos importantes na Babilônia; e Ester se transformou na esposa do rei persa. Embora esses heróis tenham enfrentado graves conflitos, conseguiram superá-los com a ajuda de YHVH; e nos três casos a respectiva posição de destaque beneficiou seus correligionários (KRÜGER, 2009, p. 32).

Desse breve panorama, depreendemos implicações para a noção de diáspora moderna, ou a diáspora do século XX, fenômeno que ainda não cessou no tempo em que nos encontramos – o século XXI. Aqui, já estamos pensando a diáspora em dois eixos de reflexão. Primeiro, a diáspora das massas ao redor do mundo, pensada em sua relação com as crises econômicas dos períodos pós-guerras do século XX. Cenas dos grandes movimentos de imigração desse período incluem famílias inteiras viajando de navio, jovens atravessando rios a nado, tribos deslocando-se “em fila” pelo deserto¹⁰. Embora hoje, já seja possível fazer uma transição para outro país com maior segurança,

⁹ De acordo com René Krüger (2009), ao falar de diáspora judaica, é importante que se leve em conta que: “Muitíssimos séculos antes do uso bastante recente – e com nuances denominacionais e mais tarde também políticas –, o termo *diáspora* foi empregado para designar especificamente a dispersão do povo judeu fora de sua pátria, cuja classe dirigente foi levada para o exílio na Babilônia, longe de sua pátria natal, em 586 a.C.; que, por outro lado, formou uma extensa coletividade em Alexandria, no Egito, e que finalmente foi expulso pelos romanos no seu país e disseminado por todo o vasto território do império depois da segunda guerra romana contra os judeus em 135 d.C. Entretanto, deve-se destacar antes de tudo que *diáspora* não é um equivalente terminológico nem de conteúdo a *exílio*, mas que ultrapassa amplamente esse vocábulo e encerra em si outros conteúdos. A diáspora não é exílio. Desde a LXX, o termo passou ao ambiente cristão para qualificar a situação da jovem igreja. Porém também se deve ressaltar que a ideia original da diáspora cristã ainda não consistia em uma relação denominacional entre minoria e maioria, mas um fenômeno puramente cristão: partindo da situação de efetiva dispersão geográfica, fazia referência à existência cristã no mundo, mas não apenas à característica de uma comunidade eclesial isolada e localizada em algum lugar ‘fora’ ” (KRÜGER, 2009, p. 5-6, grifos do autor).

¹⁰ O fator econômico é o principal motivo das imigrações dos séculos XX e XXI. O nível de voluntarismo da diáspora moderna, porém, parece ter variado de acordo com a região do globo e a época em que aconteceram. A pobreza pressionou os caribenhos em direção à oferta de trabalho na Inglaterra, na década de 1950, assim como a milhares de latino-americanos, desde a década de 1970, fazendo com que muitos optassem por imigrarem para os Estados Unidos. Entretanto, o deslocamento de jovens brasileiros recentemente, de Minas Gerais para os Estados Unidos parece estar muito mais relacionado à realização do “sonho americano”, ou seja, a melhoria nas condições de vida dentro dos padrões de consumo norte americanos.

ainda é vigente a imigração ilegal para dentro dos países mais desenvolvidos. A grande motivação – a busca de “uma vida melhor” também permanece. Num segundo sentido, a humanidade experimenta, pelo franco processo de globalização, uma suspensão dos valores tradicionais da sociedade, tais como cultura, nação e identidade, de maneira que a imigração metaforiza essa diáspora, que talvez pudéssemos denominar pós-moderna.

Para Michele Reis (2004), o termo “diáspora” diz respeito a três períodos históricos: o Clássico, no qual se ambientou a diáspora judaica bíblica e no qual também ocorreu a dispersão da cultura grega pelo mundo então conhecido; o Moderno, o qual diz respeito aos deslocamentos de massas de pessoas ao redor do mundo motivadas pela expansão da Europa, primeiramente no processo colonial, e no desenvolvimento da Revolução Industrial que alargou o alcance do sistema capitalista europeu no mundo, e no período entre guerras, já no século XX, dadas as diferenças sociais geradas pelas guerras entre os países; e o Contemporâneo, a partir da segunda grande guerra até os dias atuais, no qual os deslocamentos populacionais estão ligados à globalização.

Reis afirma que no período Contemporâneo existem muito mais motivos do que no período clássico para as migrações ao redor do mundo. Para a autora, os estudos sobre a diáspora, após 1945, têm revelado que não apenas crise e trauma promovem eventos imigratórios:

Diaspora is largely a phenomenon created either when ethnic groups “migrate of their own free will, leaving to study, work or join their family abroad” (Kasasa, 2001:29), and as such, need not arise only as a result of a crisis or traumatic event. Within recent times, and emerging as a result of the end of the Cold War, the collapse of communism has given rise to a number of precarious political situations and pressures that have triggered a massive exodus of peoples from many different regions (REIS, 2004, 46)¹¹.

Até as melhorias tecnológicas no transporte e comunicação, próprias da globalização, têm impulsionado a dispersão contemporânea. Dessa forma, diáspora e globalização têm sido considerados fenômenos convergentes:

¹¹ Diaspora é em grande parte um fenômeno criado quando grupos étnicos “migram por sua livre e espontânea vontade, partindo para estudar, trabalhar ou se juntar a sua família no exterior” (Kasasa, 2001: 29), e como tal, não precisa surgir apenas como resultado de uma crise ou evento traumático. Nos últimos tempos emergentes, como resultado do fim da Guerra Fria, o colapso do comunismo deu origem a uma série de situações políticas precárias e pressões que provocaram um êxodo maciço dos povos de várias regiões diferentes (Tradução livre).

Diasporization and globalization can thus be considered as coeval processes, with globalization having the most impact on the contemporary phase. The most obvious example of the diasporic process becoming globalized is through “the profound technological revolution that has occurred in telecommunications, and particularly information technology” which has “created the conditions for increased cross-border communication and exchange, and, therefore, laid the basis for an expansion of economic transactions among states on a global scale” (Hall and Benn, 2000: 24), (REIS, 2004, p. 47)¹².

Dedico, assim, a parte inicial deste capítulo a uma breve delimitação das temporalidades que já foram mencionadas até aqui: modernidade, pós-modernidade e contemporaneidade. A noção de pós-modernidade, a partir de Hugo Achugar (2006), caracteriza-se pela globalização do consumo veloz e descartável, especialmente dos bens tecnológicos; e, em Juremir Silva (2012), define-se pela adesão do indivíduo em oposição ao sistema de controle e dominação do período moderno. Para Sandra Regina de Almeida (2012), há uma multiplicidade de eixos identitários na reflexão contemporânea acerca da diáspora, o que se reflete no romance *AC*. O contemporâneo liga-se à discussão da diáspora, portanto, por meio de um feixe de temas, que vai de questões identitárias à globalização.

A seguir, exponho, com base em Fredric Jameson (1998) e Sherif Hetata (1998), a relação da diáspora cultural contemporânea com a globalização do consumo. As perspectivas de Fredric Jameson e Sherif Hetata sobre o fenômeno da globalização constam em *The cultures of globalization* (1998) e apontam para uma nova forma de imperialismo tem atingido as culturas ao redor do globo – a cultura do consumo. Ligada diretamente ao estilo de vida norte-americano, a maneira de se vestir, divertir-se, pensar e relacionar-se, estaria sendo determinada hegemonicamente. A pureza cultural há muito tem sido questionada; entretanto, esse processo crescente de homogeneização cultural tem enfraquecido culturas minoritárias e, agravadamente, tem servido a uma dominação econômica que não é nova – dos países ricos sobre os países empobrecidos.

Contudo, procuro estabelecer a relação entre as problemáticas enfrentadas na imigração, principalmente no tocante às questões de identidade, e à condição da diáspora contemporânea. Ao estar “fora de casa”, o imigrante torna-se representante de

¹² Diasporização e globalização podem assim ser considerados como processos coevos, tendo a globalização o maior impacto sobre a fase contemporânea. O exemplo mais óbvio do processo diaspórico tornar-se globalizado é "a revolução tecnológica profunda, que ocorreu em telecomunicações, tecnologia da informação e em particular", que "criou as condições para o aumento da comunicação transfronteiriça e de câmbio e, portanto, lançou as bases para uma expansão das transações econômicas entre os estados em uma escala global "(Hall e Benn, 2000: 24), (Tradução livre).

uma miríade de questões vinculadas ao mundo globalizado, como o trânsito entre culturas, entre línguas, entre nacionalidades, entre visões de mundo. Em todo momento, as identidades culturais estão sendo reconstruídas.

1.1 Diáspora na contemporaneidade

Quando chegamos aos meados do século XX, os ideais modernos de igualdade social e liberdade individual não haviam chegado de igual modo para todos e um quadro global de discrepâncias socioeconômicas, perseguição política e religiosa levou ao deslocamento de massas ao redor do globo. O principal trânsito se deu dos países subdesenvolvidos, ou empobrecidos, para os mais desenvolvidos, arbitrariamente denominados “primeiro mundo”. Os teóricos Stuart Hall e Homi K. Bhabha são oriundos deste período, e discutem, dentre outras reflexões, as questões das grandes imigrações do século passado; e não somente isso, mas também as consequências dessas movências em grandes cidades do mundo, como Londres, na Inglaterra, até os dias de hoje¹³.

Em Hugo Achugar (2006) encontramos a ideia de velocidade norteando a crítica da modernidade e da pós-modernidade. Velocidade no deslocamento (transportes) e velocidade na comunicação (multimídias) são vistas como experiências centrais na modernidade e potencializadas contemporaneamente. “A velocidade, hoje, é um das formas como se apresenta o contemporâneo e parece caracterizar, de um modo peculiar, os tempos que se chamam modernamente pós-modernos” (ACHUGAR, 2006, p. 15-16).

Assim, Achugar destaca como a literatura, especialmente a poesia do século XX, expôs a experiência da velocidade. O autor traz como exemplo o poema “Paisagem”, de Federico García Lorca:

O campo
de oliveiras
se abre e se fecha
como um leque.
(LORCA *apud* ACHUGAR, 2006, p. 20).

¹³ No ponto 1.2 (“A diáspora, por Stuart Hall”) detenho-me sobre essa perspectiva.

A imagem é a que um observador podia ter a bordo do trem de ferro. Trata-se de um passageiro do século XX, sentado, no interior do trem que se movimenta; a imagem que visualiza é, portanto, acelerada. Tanto mais aceleração experimenta o indivíduo do século XXI, dados os avanços tecnológicos e a rapidez que estes trouxeram aos meios de transporte.

Com a popularização da televisão, do cinema e da internet, multiplicaram as “janelas” da observação humana, com telas que reproduzem imagens cada vez mais rápidas e perfeitas. Assim, o tempo moderno, marcado pela criação de meios de transportes mais rápidos e pela televisão, desemboca no pós-moderno, com seus aviões supersônicos e trens bala, e suas tecnologias de “alta resolução”. Aliás, o consumo de bens tecnológicos, e sua rápida obsolescência, tornaram-se marcas da sociedade pós-moderna.

Para Juremir Silva (2012), o consumo caracteriza a pós-modernidade. O mercado globalizado opera com mecanismos de controle na configuração do imaginário coletivo, de maneira que o consumo já está interiorizado nos indivíduos desse tempo. Se na modernidade os mecanismos operavam no sentido vigilância e punição, como destacou Michel Foucault (1926-1984), na pós-modernidade apelam à adesão dos indivíduos por meio de sedução. Assim, se antes o controle pretendido era o dos indivíduos para fins de trabalho e da manutenção do poder civil instituído, na pós-modernidade o controle é para assegurar o indivíduo como consumidor.

De Adorno a Foucault, passando, claro, por Heidegger, a preocupação com o controle pela técnica correspondeu a uma espécie de estágio primitivo das sociedades. Hoje, no apogeu das culturas hedonistas, o controle, direto e por vigilância permanente, persiste como um vestígio, demonstração de que existem brechas de imaginário. O controle total ocorre quando não há mais qualquer necessidade de controle. As sociedades modernas funcionam com base na vigilância e na punição; as pós-modernas, na sedução e na recompensa a baixo investimento (SILVA, 2012, p. 25).

Juremir Silva destaca ainda que os mecanismos da ideologia do mercado apelam, hoje, ao afeto e ao prazer. O termo que o autor utiliza para esses mecanismos é “tecnologias”:

A pós-modernidade, na linha de Maffesoli, é a sinergia do arcaico com a tecnologia de ponta. Nesse sentido, as tecnologias do imaginário tendem para a sedução, assim como as tecnologias da

política do corpo inclinavam-se para a manipulação. O mundo pós-moderno forja tecnologias do afeto e domina os sujeitos pela adesão, pelo consentimento, numa espécie de contrato, revogável a qualquer momento, de assimilação consentida de valores e de práticas sociais efêmeras. O preço da adesão é o prazer imediato (SILVA, 2012, p. 25).

Desta forma, o indivíduo pós-moderno é dominado por tais mecanismos. Porém, não se trata de uma dominação passiva, mas de uma dominação com participação, com voluntariedade:

O receptor moderno seria manipulado, submetido, subjugado. O pós-moderno adere, consente, participa de sua “dominação”. É como o apaixonado que se submete voluntariamente à demência da paixão que o devasta. Há nisso um argumento de legitimidade: soberano, maior de idade, livre, cidadão, integrante de uma sociedade democrática, o indivíduo não pode ser legitimamente um escravo do que escolhe nem das tecnologias que usa, livremente, para estabelecer contato. Resta o argumento do vício, a comparação com as drogas. Mas não seria o indivíduo livre para escolher a sua dependência e até mesmo a sua morte? Submissão à *la carte* (SILVA, 2012, p. 64).

Por fim, modernidade e pós-modernidade coexistem. Talvez não devêssemos falar em dois tempos distintos, mas em desenvolvimento de um a partir do outro, numa espécie de palimpsesto temporal.

Não há modernidade pura. Nem pós-modernidade absoluta. Há uma ponte: o “pós”. O moderno está no pós-moderno por hipérbole. O pós-moderno não passa de um hipermoderno. Tais categorias fluidas servem apenas de fragmentos de orientação. Por não serem definitivas, mudam tudo (SILVA, 2012, p. 68).

Diante de tantos apelos ao consumo, o sujeito pós-moderno precisa buscar espaços de constituição identitária na contemporaneidade, para não diluir-se numa alienação humana. Uma busca para além do que o constitui como *consumidor*.

Para o filósofo Giorgio Agamben (2009), especialmente na arte, a aplicação de contemporâneo diz respeito à uma percepção crítica do tempo. “Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN, 2009, p. 59). Assim, a contemporaneidade artística corresponde a certa contrariedade com o tempo atual.

Nietzsche situa a sua exigência de “atualidade”, a sua “contemporaneidade” em relação ao presente, numa desconexão e

numa dissociação. Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 58-59).

Transferida à literatura, essa noção de contemporaneidade, o escritor contemporâneo é um delator de sua temporalidade, pois expõe as pretensões de seu tempo. Revela-as, mostra suas lacunas, denuncia seus exageros, fala de suas doenças.

Sandra Regina de Almeida (2012), ao analisar a obra literária da escritora caribenho-canadense Dionne Brand, afirma a diáspora contemporânea como “um processo inerentemente ambíguo”: dúbio pertencimento, deslocamento, memória e esquecimento, impossibilidade de retorno. O sentimento permanente no indivíduo diaspórico contemporâneo é o de viver “sem destino”, onde o desembarque em determinado local geográfico nunca é definitivo. Para Almeida, esse é o espírito de deriva, do qual Stuart Hall se refere. Tal condição transparece no romance *AC*, especialmente na personagem Fernando. Quando Evangelina lhe questiona “Como foi que você veio parar aqui?”, indagando o que levava aquele homem a viver sozinho em Lakewood, ele conta sua história de amor com Suzana, mãe da adolescente. Teria vindo para os EUA atrás da mulher que conhecera em Londres e, resume a continuidade da história de maneira desesperançosa:

Depois disso, você sabe como é a vida (não, eu não sabia), você lembra um dia e tem cinquenta anos de idade e já perdeu a vontade de fazer coisas, de andar por aí, de procurar um lugar no mundo porque a verdade é que o mundo é uma porra de um lugar selvagem do cacete. Não vale à pena. Não faz diferença (LISBOA, 2010, p. 80).

Fernando logo se desculpa por ter usado palavrões, mas talvez quisesse se desculpar da ausência de rumo em sua trajetória. Em outro momento, Evangelina afirma: “Fernando olhava sempre para algum lugar que me parecia estranho e longe dali. Fernando parecia estranho e longe dali. Mas esse era ele, de modo geral” (LISBOA, 2010, p. 108). Talvez o mundo em que Fernando vivesse fosse o de suas lembranças. Primeiro, sua vida como militante político e guerrilheiro, provavelmente cheio de ideais e objetivos. Só que ele é um militante desertor; ao abandonar a região da guerrilha, é possível que tenha deixado lá algo que lhe desse sentido, o tal rumo. É igualmente possível que ele tenha encontrado no amor por Suzana, alguns anos depois,

um novo sentido existencial. Novamente, perdera esse “norte”, pois Suzana decidiu se separar de Fernando e foi embora para o Brasil. Agora, quando reencontra Evangelina, Fernando passa a procurar caminhos novamente. A preparação para a viagem ao Novo México, onde buscava informações sobre o pai biológico de Evangelina, é emblemática nesse sentido:

Mais tarde, já em casa, Fernando abriu um mapa muito usado do Novo México e um mapa muito usado do Colorado sobre a mesa de jantar. Juntou-os na fronteira. De tão usados, as dobras estavam descoloridas e em alguns lugares já tinham rasgado. Ele me mostrou onde fica Albuquerque. Explicou as distâncias, seguiu com os dedos as estradas. Falou do inverno em que eu nasci, ele não gostava da autoestrada I-25 mas era a mais rápida para chegar a Albuquerque. A mais bonita era a 285, que deixava o grumo urbano de Denver pela ponta sudoeste e se embrenhava pelas montanhas. Li no mapa os nomes das cidades no caminho. Fairplay, Poncha Springs, Saguache, Monte Vista, Alamosa, Antonio. E, já no Novo México, Tres Piedras, Ojo Caliente, a capital Santa Fé (LISBOA, 2010, p. 108).

Evangelina, por outro lado, representa o oposto de “deriva”. Depois de alguns meses nos EUA, ela recebe um elogio da professora de inglês na escola: estava indo muito bem em suas aulas; *smooth sailing* foi a expressão que a professora usou. *Smooth sailing* diz respeito ao velejar tranquilamente, com o vento a favor e as águas calmas, o que, no contexto da aprendizagem, significava avançar sem dificuldade. Entretanto, Evangelina confere um sentido mais amplo da expressão para o momento que está vivendo:

Então eu velejava. Numa única expressão a professora de inglês definiu aquelas minhas primeiras semanas num estado inteiramente continental, sem qualquer contato com qualquer praia de qualquer oceano. [...] Barcos que velejam por mares calmos desconhecem cascalho, pedras soltas no caminho, desconhecem pés. Sua mobilidade é feita de ondas e de vento, com as ondas certas e o vento certo o barco a vela desliza livre e metafísica. Feito uma equação de primeiro grau (LISBOA, 2010, p. 94-95).

Comparando as imagens de “deriva” e de “velejar”, percebemos uma diferença significativa. Velejar implica avançar, progredir num percurso traçado e objetivo, diferente de ficar à deriva, o que corresponde a não ter curso algum a ser seguido, sendo a embarcação levada de um lado para outro, conforme os rumos dos ventos e das águas. Era como se Fernando estivesse vivenciando os acontecimentos de sua vida, da maneira como se apresentavam, sem se sentir no controle dos rumos que sua vida tomava; por isso a ideia de “deriva”. Evangelina, porém, parece estar com o “leme” diante de si,

“velejando” objetivamente, e seu objetivo naquele momento é encontrar seu pai biológico, Daniel. O que ela mesma afirma

E eu intuía que era preciso manter aquele *smooth sailing* rumo a Daniel. Era preciso que a vida coubesse numa lista de afazeres. Como deve ser mais ou menos a rotina de um velejador. É preciso um mundo ordenado e físico, cheio de cálculos e ângulos, para que o barco veleje” (LISBOA, 2010, p. 96).

No primeiro capítulo da narrativa, a personagem Evangelina já indica sua determinação:

Eu tinha decidido ser de uma coragem absoluta, inabalável. O que quer que a minha vida fosse, feliz ou infeliz ou N.D.A., isso dizia respeito apenas a mim. E depois essas categorias pareciam tão pouco dignas de confiança quanto o conceito frouxo das coisas importantes, com o qual topei ao arrumar a mala. Eu ia fazer o que tinha que ser feito e não seria o nariz seco à noite que haveria de me trazer uma autoconsciência trágica, depois de tudo. Não mesmo. Minha situação era óssea, era da ordem das estruturas, sem carne, sem glacê. Eu cabia dentro de um corpo de treze anos de idade e todos os meus bens materiais cabiam, agora, numa mala pesando vinte quilos. E tudo se orientava pela sombra potencial do passado – uma sombra de meio-dia, que você não vê, mas sabe se guardar em segredo nas coisas, pronta para começar a vazar pelo chão assim que o planeta virar um pouquinho de perfil (LISBOA, 2010, p. 20).

Essa é a mesma tônica dada por Suzana, mãe de Evangelina, em alguns conselhos que dera à filha, antes de morrer: “E minha vida ia seguir em frente, porque eu mandava nela, e não ela em mim” (LISBOA, 2010, p. 55).

Ambas as posturas, das personagens Fernando e Evangelina, dizem respeito ao modo de vivenciar a diáspora. Talvez o sentimento de “deriva” seja muito comum, como a literatura contemporânea já tem apontado. Ainda assim, a personagem “velejadora” indica a possibilidade de fazer escolhas, tomar decisões, encontrar e perseguir objetivos, apesar de toda a indeterminação identitária que o contexto global, que é o contexto de nossa existência, vivencia. Nesse sentido, Sandra Regina de Almeida (2012), entende que já é possível falar numa estética da diáspora contemporânea. As narrativas contemporâneas estão marcadas por personagens em francos diálogos transculturais, deslocamentos geográficos e culturais contínuos; e esses personagens estão refletindo sobre a condição diaspórica, como foi exposto com as personagens Fernando e Evangelina. Para Almeida, a reflexão em torno da diáspora contemporânea já está constituindo um “espaço diaspórico”:

Espaço esse que irrompe da interseccionalidade de vários vetores e da confluência de processos políticos, econômicos, sociais e culturais, acometendo não somente os sujeitos dos trânsitos, mas também aqueles que, apesar de não vivenciarem a mobilidade, são igualmente por ela afetados (ALMEIDA, 2012, p. 51).

Apesar da análise breve, já começamos a delinear o contexto contemporâneo como um tempo que coincide com os dias atuais, em que a experiência pós-moderna, com seus mecanismos de sedução e determinação dos comportamentos individuais, acentuam-se e instauram-se. Ser pós-moderno é estar imerso nas questões que a globalização cultural e econômica impõe às identidades. Portanto, a pós-modernidade é o tempo contemporâneo e, por isso, o tempo da diáspora contemporânea. A literatura contemporânea tem feito parte do esforço em penetrar o universo diaspórico da pós-modernidade.

1.2 A diáspora, por Stuart Hall

O primeiro capítulo de *Da diáspora* (2013) intitula-se “Pensando a diáspora, reflexões sobre a terra no exterior”, onde o autor Stuart Hall escreve sobre a situação de caribenhos migrados para a Grã-Bretanha logo após a segunda guerra mundial¹⁴. Desta forma, o fenômeno da diáspora moderna é apresentado no horizonte da complexidade identitária no mundo globalizado, perpassada pela questão multicultural desde suas origens.

De maneira semelhante, Homi K. Bhabha refere-se à condição das migrações modernas, motivadas pelas necessidades de trabalho. No difundido texto: “Disseminação. O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, também fala de sua experiência pessoal, destacando a diáspora gerada dos deslocamentos humanos modernos:

Vivi aquele momento de dispersão de povos que, em outros tempos e em outros lugares, nas nações de outros, transforma-se num tempo de reunião. Reuniões de exilados, *émigrés* e refugiados, reunindo-se às

¹⁴ Stuart Hall foi pessoalmente vivenciador da diáspora caribenha na modernidade. Nascido em 1932, na Jamaica, um dos 14 territórios ultramarinos do Reino Unido, chegou à Inglaterra em 1951, com uma bolsa de estudos. Já havia três anos que caribenhos desembarcavam na Inglaterra, a geração *Windrush*, como ficou conhecida por causa do nome do primeiro navio a desembarcar imigrantes caribenhos no Reino Unido. Hall radicou-se na Inglaterra e desenvolveu uma carreira intelectual com forte ênfase nas questões políticas e culturais. Foi fundador da escola hoje conhecida como Estudos Culturais, juntamente com Richard Hoggart e Raymond Williams.

margens de culturas “estrangeiras”, reunindo-se nas fronteiras; reuniões nos guetos ou cafés de centros de cidade; reunião na meia-vida, meia-luz de línguas estrangeiras, ou na estranha fluência da língua do outro; reunindo os signos da aprovação e aceitação, títulos, discursos, disciplinas; reunindo as memórias de subdesenvolvimentos, de outros mundos vividos retroativamente; reunindo o passado num ritual de revivescência; reunindo o presente. Também a reunião de povos na diáspora: contratados, migrantes, refugiados; a reunião de estatísticas incriminatórias, performance educacional, estatutos legais, status de imigração – a genealogia daquela figura solitária que John Berger denominou o sétimo homem. A reunião de nuvens às quais o poeta palestino Mahmoud Darwish pergunta: “Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?” (BHABHA, 1998, p. 198).

Baseado na migração caribenha para o Reino Unido, Hall questiona o significado de nação, identidade e sujeito na condição de diáspora. A ligação com a nação de origem torna-se, muitas vezes, problemática. Embora felizes por estar em casa, muitos dos caribenhos aposentados que retornam sentem como se a terra tivesse se tornado irreconhecível. Isso porque a condição de diáspora implica, não somente a impossibilidade de retorno à terra natal concretamente, mas ao passado. Para aqueles que deixam sua terra original, o passado permanecerá obscurecido na memória.

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e “autenticidade”, pois há sempre algo no meio [*between*]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando trazido par dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem (CAMBERS *apud* HALL, 2013, p. 30).

Stuart Hall compreende ainda, que, no mundo globalizado, todos sentimo-nos fora de casa, em franca diáspora. Essa condição nos aproxima da problemática identitária das imigrações:

Essa é a sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual – parece cada vez mais – não precisamos viajar muito longe para experimentar. Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Queda, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, “não estamos em casa” (HALL, 2013, p. 29-30).

Preocupações quanto ao descentramento do sujeito aparecem em outro momento do pensamento de Hall. Em *Identidades culturais na pós-modernidade* (2006), Hall aborda questões que corroboram com o sentido de crise identitária exposto até aqui. De acordo com o autor, cinco novos pensamentos do século XX proporcionaram impacto

sobre a noção de “indivíduo soberano” que o ideal moderno estipulara. Marx tirou o indivíduo do centro de suas discussões e centrou nas relações sociais baseadas na exploração do trabalho. Depois, o pensamento psicanalítico de Freud desestabilizou a noção de sujeito lógico e racional de Descartes, mostrando como ele pode agir por impulsos do inconsciente; e Lacan instaurou o sujeito dividido interiormente, dados seus conflitos e sentimentos contraditórios. Saussure trouxe a perspectiva de que o sujeito não é o autor do significado expresso na língua, pois essa é dada pelo sistema social e não individual. Por fim, Foucault trouxe à tona o paradoxo entre a coletividade e a vigilância do indivíduo, os mecanismos do poder disciplinar, pelo qual o corpo, as instituições e o povo são controlados. Já o feminismo inseriu as reivindicações políticas a partir das identidades, das diferenças, aguçando os sentidos de outros grupos para a questão do pertencimento. Tudo isso operou em conjunto para a configuração de um sujeito fragmentado, com uma identidade aberta, contraditória e inacabada – o sujeito pós-moderno.

Esse sujeito é exatamente o que vivencia o processo atual de difusão cultural por meio das tecnologias, como a Internet. Portanto, mesmo que um indivíduo não seja um imigrante em país estrangeiro, tem tamanho contato com outras culturas, que sua identidade pode ser constantemente negociada. Assim, no mundo globalizado, as “compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o “lugar” [...] As culturas, é claro, têm seus “locais”. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam.” (HALL, 2013, p. 40). Pode-se falar, então, numa diáspora cultural.

Para Hall, existem duas forças ou processos contemporâneos de globalização cultural: o fluxo cultural norte-americano, francamente homogeneizante, no estilo “McDonald-ização” ou “Nike-zação”, o qual ele chama de “mesmice”; e a contrapartida disso, no descentramento dessas formas, ditas ocidentais, pela disseminação da diferença cultural. Essa última ainda não tem poder de repelir a anterior, mas já lhe tem resistido, subvertido e “traduzido”, num processo vagaroso, mas contundente. Esse fenômeno de resistência tem se mostrado como “erosão”, uma resposta à discriminação do diferente, do outro desde o processo colonial, assim como o racismo de outras eras – uma política de reconhecimento.

As culturas emergentes que se sentem ameaçadas pelas forças da globalização, da diversidade e da hibridização, ou que falharam no projeto de modernização, podem se sentir tentadas a se fechar em

torno de suas inscrições nacionalistas e construir muralhas defensivas. A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de “pertencimento cultural”, mas abraçar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da “diáspora”, que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna (HALL, 2013, p. 52).

Pensar a diáspora, de acordo com Stuart Hall (2013), significa rever a questão da tradição/modernidade. As culturas ditas tradicionais podem se apresentar mais delimitáveis que as culturas modernas, mas não podem mais ser consideradas fixas, autônomas ou autossuficientes.

Como resultado da globalização em seu sentido histórico amplo, muitas delas se tornaram formações mais “híbridas”. A tradição funciona, em geral, menos como doutrina do que como *repertório de significados*. Cada vez mais, os indivíduos recorrem a esses vínculos e estruturas nas quais se inscrevem para dar sentido ao mundo, sem serem rigorosamente atados a eles em cada detalhe de sua existência (HALL, 2013, p. 81-82, grifo do autor).

É preciso, portanto, combinar identidade e diferença, liberdade e igualdade, com a diversidade. Esse é o grande desafio político que o momento multicultural oferece. Não basta reafirmar a democracia, mas revê-la enquanto um “espaço genuinamente heterogêneo”, afirma Hall. “Deve-se construir uma diversidade de novas esferas públicas nas quais todos os particulares serão transformados ao serem obrigados a negociar dentro de um horizonte mais amplo” (HALL, 2013, p. 97).

Nesse sentido, dispersão carrega o sentido de “perigo” da disseminação cultural, ou seja, do esparrame em fragmentos, da dissolução, ou ainda, da pulverização das culturas minoritárias. Tal ameaça se concretiza na exploração do trabalho imigrante, e em suas condições de vida instáveis, por vezes clandestinas, geralmente precárias.

1.3 Cultura e globalização

Para Fredric Jameson (1998), a globalização designa uma nova fase multinacional do capitalismo, posto que lhe é uma característica intrínseca. Essa nova fase é justamente aquela em que nos encontramos e que também está associada a outro fenômeno, o qual vem sendo chamado de pós-modernidade.

A globalização traz consigo novas revoluções tecnológicas, muito celebradas, tanto por indivíduos quanto por grandes corporações. Entretanto, vivencia-se o

desaparecimento da história como o elemento fundamental, o fim de uma visão de mundo essencialmente modernista, e o perecimento da luta política, onde grandes ideologias tinham força social, da mesma forma que as religiões em tempos anteriores (JAMESON, 1998, p. 55).

Essa revolução no modo de viver tem modificado diretamente as culturas das nações. Assim, a globalização já significa, em nossos dias, exportação e importação de cultura e esse fluxo cultural tem se dado pelas ferramentas midiáticas tecnológicas, em especial, internet e cinema (JAMESON, 1998, p. 58).

No que tange aos comportamentos individuais, está cada vez mais visível a tendência à americanização e ao consumismo. Sobre isso, Jameson afirma que, hoje, o *american way of life*, através dos meios de comunicação, desemboca num comportamento que temos denominado de consumismo; e este é, ao mesmo tempo, pivô do atual sistema econômico e também do modo de vida diária. Uma influência sem paralelo na história.

We have to understand, in this country, something that is difficult for us to realize: namely, that the United States is not one country, or one culture, among others, any more than English is just one language among others. There is a fundamental dissymmetry in the relationship between the United States and every other country in the world, not only third-world countries, but even Japan and those of Western Europe, as I will suggest in a moment (JAMESON, 1998, p. 58).¹⁵

Tal assertiva não significa que os Estados Unidos da América sejam o centro na globalização à semelhança da Europa no período colonial. O descentramento de agora impossibilita marcar um centro, como vimos em Hall. A complexidade do descentramento se dá pela dissipação do centro, de maneira que não é mais possível opor-se a um alvo central. A esse fenômeno podemos chamar “americanização” e ele surge em todos os lugares do globo, e não apenas nos EUA.

Jameson também avalia como desaparecida a antiga oposição do mundo colonizado, entre ocidentalizadores e tradicionalistas. O descentramento, neste novo momento pós-moderno do capitalismo, fez desaparecer outra oposição, entre metrópole e províncias, ou periferias, entre centro e margens. A responsável por tal apagamento é a padronização que dilui a diferença em nível global – a americanização. Por isso,

¹⁵ Temos que entender, nesse país, algo que é difícil percebermos: a saber, que os Estados Unidos não são um país, ou uma cultura, entre outros, da mesma forma que o Inglês não é apenas uma língua, entre outras. Há uma dissemetria fundamental na relação entre os Estados Unidos e todos os outros países do mundo, não só os países do terceiro mundo, mas até mesmo o Japão e os países da Europa Ocidental, como vou sugerir noutra momento (Tradução livre).

Jameson ainda faz uma consideração sobre a noção de hibridização, do teórico mexicano Néstor Garcia Canclini¹⁶. Haveria muito otimismo, e mesmo utopia, no pensamento acerca da mistura das culturas, pois a cultura de massa exclui qualquer pensamento e prática cultural que se lhe oponha. Jameson não acredita na convivência e troca entre as culturas atualmente. Tal convivência seria apenas um discurso demagogo por parte dos mercados. O alvo permaneceria sendo o domínio econômico via americanização.

De acordo com Sherif Hetata (1998), a supremacia cultural corresponde à econômica. E, ainda, que a dominação cultural (amercianização) pretende a econômica. Daí o jargão “uma cultura global para um mercado global”. O autor analisa essa conjuntura econômica através da dolarização.

What the World bank calls *structural adjustment* is a potencial economic genocide. The dollarization on the prices in the South means raising these prices to the world levels equal to those prevalent in the United States and Europe. However, average earnings in the South are seventy times lower than in the North. A retail salesman in the North receives a wage that is forty times more than a factory worker in Egypt. The salary of a medical doctor in Egypt starts at the equivalent of \$40 a month.

International trade is plunder of the majority of people, especially in the South. A pair of Nike shoes are sold in the United States for about U.S. \$80. A woman worker in the Nike factory in Indonesia receives for the labor 12^c in every pair; Roasted coffee retails at more than \$10 a kilogram in the market of developing countries, yet the international price of green coffee is U.S. \$1 per kilogram. The farmer in the third world will receive 50-70^c in the form of profits and commercial margins associated with transportation, storage, processing, and export of the coffee. From its retail price of U.S. \$10, U.S. \$9 will be appropriated by international merchants, distributors, wholesalers, and retailers in the OECD countries. The surplus appropriated at this phase, essentially by nonproducers, is more than twenty times the farmgate price. Only a fraction of the farmers' 25-50^c actually enters his pocket for the work put in. Rent must be paid, agricultural loans must be reimbursed, farm inputs be paid, and so forth (HETATA, 1998, p. 276).¹⁷

¹⁶ Nestor Garcia Canclini, em “Diferentes, desiguais e desconectados” (2009) diferencia o mundo multicultural, no qual há a aceitação do heterogêneo, do mundo intercultural e globalizado. Para o teórico, a interculturalidade carrega relações de negociação entre os diferentes. A negociação nem sempre é pacífica, mas os conflitos e empréstimos são recíprocos (CANCLINI, 2009, p. 17).

¹⁷ O que o mundo chama de “voltar ao ajustamento estrutural” é um genocídio econômico potencial. A dolarização dos preços no Sul significa elevar estes preços aos níveis mundiais, iguais aos que prevalecem nos Estados Unidos e na Europa. No entanto, a renda média no Sul é setenta vezes menor do que no Norte. Um vendedor de varejo no Norte recebe um salário que é quarenta vezes maior que de um trabalhador de fábrica no Egito. O salário de um médico no Egito começa com o equivalente a US\$ 40 por mês./ O comércio internacional é a pilhagem da maioria das pessoas, especialmente no Sul. Um par de tênis *Nike* são vendidos nos Estados Unidos por cerca de US \$ 80. Uma trabalhadora na fábrica da

Já delineamos até aqui que a globalização decorre, em boa medida, de domínio cultural, pelo enfraquecimento e destruição de outras culturas. Um domínio, revestido de americanização, em que a cultura, a moeda e a língua do dinheiro são as norte-americanas. Um problema que tem se mostrado insolúvel.

Sherif Hetata ainda destaca que, para expandir o mercado mundial, multinacionais usam o poder econômico e político de controle. Contudo, o processo tem se mostrado conflituoso, pois o curso da história já provou que as pessoas sempre resistem à exploração e à injustiça. E não apenas isso, mas também lutam por sua liberdade, necessidades e segurança. O anseio por uma vida melhor persiste na história da sociedade humana.

Por isso, torna-se “mais fácil” se as pessoas forem persuadidas a fazer o que a economia global exige. Para Hetata, a cultura tem feito o papel de seduzir as pessoas, tornando-as consumidoras e, com isso, abrandado a resistência.

To expand the global Market, increased the number of consumers, make sure that they buy is sold, develop needs that conform to what is produced, and develop the fever of consumerism, culture must play a role in developing certain values, patterns of behavior, visions of what is happiness and success in the world, attitudes toward sex and love. Culture must model a global consumer (HETATA, 1998, p. 277).¹⁸

Os principais meios de influência cultural são nossos conhecidos. A televisão tem provado seu poder de determinar o comportamento individual. Hetata dá um exemplo pessoal:

In my village, I have a friend. He is a peasant and we are very close. He lives in big mud hut, and the animals (buffalo, sheep, cows, and

Nike na Indonésia recebe pelo trabalho 12 ¢ em cada par; o café torrado é vendido a mais de US \$ 10 por quilo, de acordo com os marcadores de países em desenvolvimento, enquanto o preço internacional do café verde é de US\$1 por quilo. O fazendeiro no terceiro mundo receberá 50-70¢ como lucro e margens comerciais associadas ao transporte, armazenamento, processamento e exportação do café. Desde o seu preço de varejo de US\$10, US\$9 serão apropriados pelos comerciantes internacionais, distribuidores, atacadistas e varejistas nos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). O excedente apropriado nesta fase, essencialmente por não produtores, é mais de vinte vezes o preço do portão da fazenda. Apenas uma fração do 25-50¢ dos produtores realmente entra em seus bolsos pelo trabalho desenvolvido. O aluguel deve ser pago, os empréstimos agrícolas devem ser reembolsados, os insumos agrícolas devem ser pagos, e assim por diante (Tradução livre).

¹⁸ Para expandir o mercado global, o aumento do número de consumidores, certifica-se de que eles comprarão o que for vendido, desenvolvendo-se necessidades que estejam em conformidade com o que é produzido, através da implementação da febre do consumismo, onde a cultura desempenha um papel na disseminação de certos valores, padrões de comportamento, visão do que é felicidade e sucesso no mundo, atitudes em relação ao sexo e amor. A cultura deve modelar um consumidor global (Tradução livre).

donkeys) live in the house with him. Altogether, in the household, with the wife and children of his brother, his uncle, the mother, and his own family, there are thirty people. He wears a long *galabeya* (robe), works in the fields for long hours, and eats food cooked in the mud oven.

But when he married, he rode around the village in a hired Peugeot car with his bride. She wore a white wedding dress, her face was made up like a film star, her hair curled at the hairdresser's of the provincial town, her finger and toe nails manicured and polished, and her body bathed with special soap and perfumed. At the marriage ceremony, they had a wedding cake, which she cut with her husband's hand of hers. Very different from the customary rural marriage ceremony of this father. And all this change in the notion of beauty, of femininity, of celebration, of happiness, of prestige, of progress happened to my peasant friend and his bride in one generation.

The culprit, or the benevolent agent, depending on how you see it, was television (HETATA, 1998, p. 278).¹⁹

Fica demonstrado que a inclusão no novo sistema cultural não se dá por meio de imposição violenta, mas por adesão individual. Esse tipo de domínio cultural caminha para o que tanto se almejou no período colonial – o domínio econômico global.

Na narrativa de *AC* há um momento em que Evangelina reflete sobre a influência da padronização cultural sobre as escolhas dos indivíduos. A adesão pode indicar, muitas vezes, o desejo de inclusão em determinado estigma social. Na escola dos EUA, a personagem adolescente se deparara com a distinção que os colegas fazem entre os “populares” e os *losers*.

Descobri sozinha, um pouco mais tarde, que o oposto da *loserhood*, essa doença de que padecem todos os *losers*, era o meu dentista. Ele tinha a foto de sua família inteira na mesa. Todos usavam roupas combinando – em vermelho e branco, sobre o fundo de pinheiros nevados, num arranjo de Natal. Foi a primeira vez que vi uma família

¹⁹ Na minha aldeia, eu tenho um amigo. Ele é um camponês e moramos muito perto. Ele vive em uma grande cabana de barro, e os animais (búfalos, ovelhas, vacas e burros) vivem na casa com ele. Ao todo, em sua casa, entre esposa, filhos de seu irmão, tio, mãe, e sua própria família, há trinta pessoas. Ele veste um longo *galabeya* (manto), trabalha nos campos durante longas horas, e come alimentos cozidos no forno de barro./ Mas quando ele se casou, circulou pela aldeia com sua noiva, num carro Peugeot alugado. Ela usava um vestido de casamento branco, seu rosto foi maqueado como o de uma estrela de cinema, e seu cabelo enrolado no cabeleireiro da cidade provincial. Suas unhas estavam feitas e polidas, e seu corpo banhado com espuma especial e perfumada. Na cerimônia de casamento, eles tiveram um bolo de casamento, que a noiva cortou com a mão do marido sobre a dela. Muito diferente da cerimônia de casamento rural habitual de seus pais. E toda essa mudança na noção de beleza, de feminilidade, de celebração, de alegria, de prestígio, de progresso aconteceu com meu amigo camponês e sua noiva em uma geração./ O culpado, ou o agente benevolente, dependendo de como você vê-lo, foi a televisão (Tradução livre).

reunida para uma foto temática. Todos eram louros, bonitos e sorridentes. Principalmente sorridentes, é claro.

Eu me sentia envergonhada diante daquela foto: não tinha família. Também era americana, segundo os meus papéis, mas em essência era mesmo um produto latino, estava na cara – e no resto – com aquele monte de melanina insistente na pele.

E ainda por cima usava um casaco de ponta de estoque. Quase todas as minhas roupas eram ponta de estoque. Os modelos que com certeza estariam na coluna *out* das revistas de modas.

Mas havia esperança. Aquela foto parecia indicar que se eu me tratasse com aquele dentista quem sabe um dia viesse a ter dentes como os de sua família, e dentes como os de sua família poderiam me resgatar de todos os males e me tornar aproveitável para o mundo. As coisas boas de Janis Joplin + as coisas boas da minha mãe, pinçadas de modo criterioso. *Life is good* (LISBOA, 2010, p. 40).

Nesse trecho, a personagem demonstra como as escolhas pessoais e o consumo estão interligadas a uma aparência “preferível”. Ela compreende nesse momento que essas são a cor da pele, roupas e costumes aprovados, e que esse é o padrão, o parâmetro a ser seguido por aqueles que não querem ser “fracassados”. Desta forma, vai sendo estabelecida uma ideologia capaz de padronizar os anseios individuais, deixando pouco espaço para a diversidade cultural.

Para caracterizar a atual situação global, Sherif Hetata (1998) usa a palavra neocolonialismo, processo semelhante à colonialidade do poder, investigada por Walter Mignolo (2003)²⁰. Trata-se, para o autor, de um verdadeiro imperialismo global. Diante da falência dos movimentos que representavam a chance de um futuro melhor, das dificuldades da situação econômica, da adesão das pessoas, considerando próprias uma cultura e uma identidade estrangeira, o sintoma tem sido a perda da esperança. Na ausência de perspectivas de percepção para o futuro, as pessoas costumam agarrar-se ao que lhes é familiar. Em vez de uma mudança “para frente”, a reação é voltar-se às tradições fechadas: comunidade, raça ou grupo étnico, ou ainda à religião. Voltam-se para o passado, procurando algo que os confira identidade. A humanidade torna-se, assim, mais uma vez dividida em suas rivalidades marcadas pelas diferenças. Em face da agressão cultural global, em vez de unirem-se, os seres humanos constroem barreiras destrutivas e fortificações, atitudes que dividem movimentos políticos e culturais que levam à separação. Ressurgem velhas formas de pensar, intolerância e discriminação (HETATA, 1998, p. 282).

²⁰ Cf. nota de rodapé 1.

De acordo com Sherif Hetata (1998), muitos intelectuais emigrantes²¹ têm contribuído para a reflexão acerca da problemática da imigração. Na academia, nas áreas de literatura, artes ou humanidades, é natural que tais intelectuais sejam atraídos para as áreas do pensamento multicultural e intercultural. Eles representam mais de uma cultura, ou pelo menos, uma cultura dupla. A fertilização mútua de duas culturas possibilita *insights* sobre os dois polos, Norte e Sul, permitindo a comparação. Esses intelectuais têm à sua disposição todo um conhecimento acumulado, fornecido pela tecnologia e os seus meios, a disciplina, a formação, o estado de espírito que motiva a investigação e compreensão (HETATA, 1998, p. 284-285).

Não apenas na academia, embora às vezes vinculados a ela também, escritores têm abordado a questão da multiculturalidade e interculturalidade. De acordo com Núbia Hanciau (2006), a literatura canadense é exemplo disso. A autora analisa o romance *Le Québécoite* (2001), da escritora canadense Régine Robin. Tratando das dificuldades e vantagens de viver na multiculturalidade, o romance “passeia entre a ficção e a realidade, gerando esse espaço intervalar que propicia todo o tipo de experimentos, memórias, acontecimentos, percepções, em que se tornam opacos os limites temporais e espaciais” (HANCIAU, 2006, p. 109). Para refletir sobre as questões de migrância, Robin optou por uma personagem exilada. O exílio, para Hanciau,

é metáfora da condição do homem moderno, do entre-dois, vai-e-vem incessante, território criado pelo despedaçamento identitário que toma uma tripla forma: da cidade, da linguagem e da memória, que aparece como perda, ruptura, mas também como reinvenção criativa. Somente com o exílio se tem noção do pertencimento a um lugar, pois é ele que revela ao exilado – após sua partida – que ele habitava naquele lugar. Como a palavra, o exilado é incapaz de unir suas duas inconciliáveis identidades (a de antes do exílio e aquela engendrada por ele). Ele oscila entre as duas, erra entre elas, por assim dizer... (HANCIAU, 2006, p. 109).

Temas problematizados pela teoria crítica atualmente estão presentes em AC, tais como a busca por identidade, descentramento do sujeito, a problemática dos

²¹ Mantenho aqui a palavra utilizada pelo autor, emigrantes. A ênfase parece recair então, sobre a saída de pessoas em massa de um determinado país do Sul, rumo aos países do Hemisfério Norte. A saída implica no transplante de culturas, tradições e valores para o meio de outro país, no qual se tornaram imigrantes. Há ainda outro termo que utilizaremos a seguir, que se refere à migrância, ou migração, aproximando-se da noção de nomadismo, ou trânsito contínuo de pessoas, massas, ou culturas.

movimentos migratórios ilegais para os Estados Unidos, questões de memória, dentre outros. Por isso, estabelecemos uma conexão entre o romance e as tendências da crítica literária atual, possível influência da passagem de Adriana Lisboa pela academia e a experiência como migrante que “nasceu no Rio de Janeiro, morou na França, passou algum tempo no Japão e vive hoje nos Estados Unidos”²².

1.4 O quebra-cabeças da dispersão, em *Azul-corvo*

Vários aspectos que culminam no fenômeno que denominamos diáspora, na dimensão do que ficou delineado até aqui, fundamentam a trama de *AC*. Algumas personagens, inclusive, figuram muito bem a experiência da diáspora contemporânea. Passo, então, a contextualizar algumas dessas peças-chave.

1.4.1 A metáfora da casa

Já no início da narrativa, a protagonista anuncia o sentimento de “não estar em casa”.

Eu tinha treze anos. Ter treze anos é como estar no meio de lugar nenhum. O que se acentuava devido ao fato de eu estar no meio de lugar nenhum. Numa casa que não era minha, numa cidade que não era minha, num país que não era meu, com uma família de um homem só que não era, apesar das interseções e das intenções (todas elas muito boas), minha (LISBOA, 2010, p. 11-12).

Na literatura contemporânea, a metáfora da casa tem sido recorrente. O desejo de construir vem da intenção de morar, nos chama a atenção Maria Bernadette Porto (2013), em “O lugar da memória nas cartografias da distância nas Américas”. Heidegger já enfatizara o fator humano na relação entre construir, morar e pensar, até mesmo porque o termo alemão *bauen* (construir) significava originalmente “ser em um dado lugar”, sentido que foi perdido ao longo do tempo. “Morar equivale a ser, ou existir, na face da terra, uma expressão identitária, portanto” (PORTO, 2013, p. 31). O lar é definido como

²² Conforme site da escritora, que pode ser visualizado no endereço eletrônico <http://www.adrianalisboa.com.br/pt/biografia/index.html>. Lá também são encontradas outras informações sobre a carreira como escritora e acadêmica de Adriana Lisboa. Acesso em 11 de novembro de 2013.

um sistema socioespacial que representa a fusão da unidade física da casa com a unidade social daqueles que a habitam, provendo, portanto, um contexto para análise das práticas da intimidade, família, parentesco, gênero, classe, idade e sexualidade. É, portanto, um sítio de experiência do ser no mundo (MALLET *apud* PORTO, 2013, p. 32).

Logo, procurando mapear um sentido contemporâneo para lar, Maria Porto retoma algumas noções teóricas. Para Avtar Brah, o lar está relacionado com a experiência vivida no “lugar”. Assim, “sentir-se em casa envolve a imersão do ser na localidade, uma vivência que vem a ter lugar através dos sentidos e da memória” (BRAH *apud* PORTO, 2013, p. 33). Nesse mesmo sentido, Theano S. Terkenli associa o fator repetição com o sentimento de pertença a um lugar chamado lar, isto é, através dos hábitos comportamentais. Ambas as noções aparecem na reflexão de Evangelina, em seu processo de apropriação da nova vida nos Estados Unidos: “A casa de Fernando na Jay Street em Lakewood, Colorado, foi aos poucos se tornando a minha casa também, por hábito. Por costume” (LISBOA, 2010, p. 215). Ao longo desse processo sua noção de casa vai se alterando:

Um fenômeno curioso acontece quando você passa tempo demais longe de casa. A ideia do que seja essa casa – uma cidade, um país – vai desbotando como uma imagem colorida exposta diariamente ao sol. Mas você não adquire logo outra imagem para pôr no lugar (LISBOA, 2010, p. 70).

A palavra casa (do latim “casa”) tratava, num primeiro sentido, da simples edificação de um espaço para abrigo, especificamente dos camponeses pobres. Seu uso foi se ampliando, até representar genericamente qualquer edificação para fins de moradia. Outra palavra remete à ideia de casa, é *domus* (do latim), a qual designava a construção das famílias mais abastadas e nobres na Roma Antiga; essas edificações possuíam um jardim central e vários compartimentos, ou quartos, para fins específicos, como quartos para dormir, quartos de banho e salas apropriadas para refeições. A noção de casa como lugar de convivência se originam, portanto, nessas residências. Teresinha Maria Gonçalves (2014), em “Habitar: a casa como contingência da condição humana”, reúne os sentidos que vão sendo agregados, ao longo do tempo, à noção de “casa”, como as conotações mais subjetivas. Afirma que:

O homem, como resultado da experiência íntima com o seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo com as necessidades que não são apenas biológicas, mas também sociais, culturais e psicológicas. Portanto, a casa está além do abrigo do corpo (GONÇALVES, 2014, p. 91).

A casa, assim vista, tem um papel importante no imaginário e no simbólico dos sujeitos, contribuindo na construção de suas identidades. Assim, “toda pessoa tem uma história social, cultural e ambiental. Isso quer dizer que a pessoa, na sua história social, carrega fatos, lembranças, relações que foram importantes. “Todos esses elementos ganham valor simbólico, se analisados sob o ponto de vista da cultura. O valor simbólico é o sentido que o sujeito dá para todas as coisas, desde coisas materiais até as imateriais, como os elementos do mundo afetivo e espiritual” (GONÇALVES, 2014, p. 93).

Por isso, ao adentrar em uma casa é possível perceber um pouco da história das pessoas que moram ali, suas preferências de lazer, o lugar de onde veio, ou por onde passou; fragmentos de sua vida que são sutilmente depositados nos quadros, nos retratos, nos artefatos decorativos, nos móveis e utensílios. Na viagem ao Novo México, Fernando, Vanja e Carlos vão à casa de June, amiga de Suzana e Daniel na época em que tiveram o relacionamento do qual Evangelina foi fruto. A protagonista observa o gosto de June pelo trabalho da artista Georgia O’Keeffe.

Sua casa tinha muitas cores por dentro e era habitada também por um casal de mastiffs – Georgia e Alfred (o O’Keeffe e o Stieglitz subentendidos para muitas pessoas, mas não para nós, a quem June teve que explicar quem tinha sido aquela mulher que gostava de pintar flores e esqueletos de bichos, e quem tinha sido aquele homem que se apaixonou pela mulher que gostava de pintar flores e esqueletos de bichos e a fotografou com os cabelos soltos e uma camisa branca. Carlos espiou umas reproduções num livro e disse que a tal Georgia pintava bem mas que ele achava que aquelas montanhas estavam meio esquisitas naquele quadro, não pareciam montanhas de verdade, pareciam uns montinhos feitos com massa de modelar, e por que é que ela pintava aquelas flores tão grandes, ele pessoalmente não achava flores coisas tão interessantes assim).

[...]

E logo percebemos que, como a tal Georgia pintora, ela também gostava de esqueletos de bichos. Havia duas caveiras na sala e uma, pequena, no banheiro. As duas da sala tinham chifres enrugados. A do banheiro não (LISBOA, 2010, p. 157-158).

Porém, a característica marcante da casa de June é o acolhimento. Evangelina registra:

June preparou um jantar que encheu a casa de cheiros quentes. Colocou música e estendeu no ar ganchos invisíveis que nos aproximavam, laços de uma trama de crochê na ponta da agulha. Éramos um mundo de compatibilidades, estávamos irmanados, nos

equivalíamos – e onde não nos equivalíamos, nos compensávamos (LISBOA, 2010, p. 158).

Para Teresinha Maria Gonçalves, as casas são justamente espaços de acolhida, como a casa de June; são lugares de encontros, e estão, portanto, relacionadas com nossas subjetividades.

Esses lugares devem transmitir liberdade e segurança, pois são os verdadeiros pontos de encontros e despedidas; um externo/interno sempre leal ao sujeito e ao seu grupo, à reunião. O sujeito não vive sem espaços de convívio de construção, de memórias, de sítios de recordações. Assim, o espaço registra, atesta e testemunha percursos e práticas: é o ponto de nascimento da ética e da ontologia (GONÇALVES, 2014, p. 93-94).

A casa, assim compreendida, é um elemento essencial na vida cotidiana e sua fixidez confere segurança e referência, o sentimento familiar de “sentir-se em casa”. Como vimos, Stuart Hall estende o sentido de tal sentimento para além da casa como o local de residência. É possível, e mesmo necessário ao indivíduo, “sentir-se em casa” dentro de uma cultura; isto é, os costumes, a língua, as práticas religiosas, as canções populares, os códigos sociais de comportamento (como, por exemplo, as saudações de encontro e de despedida), os hábitos alimentares, são frequentemente reconhecidos como “familiares”. Ao se encontrar estrangeiro em outro país, toda essa gama de referências precisa ser negociada com as novas práticas culturais; todavia nesse encontro, por vezes, conflituoso, perpetua-se mesmo por anos, uma sensação de desconforto, de não reconhecimento, de segurança parcial, o qual equivale ao não sentimento de estar “em casa”.

1.4.2 A impossibilidade de retorno à terra natal

Como vimos anteriormente, Stuart Hall questiona o significado de nação, identidade e sujeito na condição de diáspora. As “certezas” de outrora são substituídas pela ambivalência de sentimentos em relação à terra natal. A ligação com a nação de origem torna-se, muitas vezes, problemática. Embora felizes por estar em casa, muitos dos caribenhos aposentados, que retornaram ao Caribe, sentiram-se como se a terra tivesse se tornado irreconhecível.

Suzana, mãe de Evangelina, teve uma amiga na cidade de Albuquerque, Novo México, onde a filha nasceu. Porto-riquenha, imigrou para os EUA sonhando em ser

atriz, mas acabou tornando-se *stripper*. Tentara várias vezes voltar a morar em Porto Rico, mas reconhece que quando volta para lá sente vontade de “ir embora de novo”, representando a impossibilidade do retorno à pátria natal. Como se impregnados da nova nação e de uma nova identidade, os novos sujeitos não mais se adequam à nação e identidade de origem. Em determinado momento, ela afirma:

Mas a casa não é minha. Um dia eu vou embora daqui, desta casa, desta cidade. Um dia acho que volto para Porto Rico. Volto para lá de novo. O problema é que quando vou embora de Porto Rico quero voltar para lá, e quando volto para lá quero ir embora de novo (LISBOA, 2009, p. 203).

A família do menino Carlos experimenta uma total imersão na nova sociedade, a norte-americana. Apesar da instabilidade social da imigração ilegal, essas personagens encontram uma nova vida, de maneira que não desejam mais o retorno para seu país de origem, ao menos não de forma definitiva. Em determinado momento, Carlos disse a Evangelina que “tinha dois pares de avós e que quando fosse grande ia **visitá-los**” (LISBOA, 2010, p. 133, grifo meu).

O menino Carlos, inclusive, sonha em tornar-se um “nativo”. Em determinado momento, nos é informado: “No Colorado, algumas pessoas usavam adesivos nos carros com a palavra NATIVO. Uma vez Carlos havia jurado que ao crescer e conseguir seus *papeles* e ter um carro ia comprar um adesivo daqueles” (LISBOA, 2010, p. 155).

Para Avtar Brah (2005) o termo “nativo”, no passado colonial, indicava a subordinação do povos autóctones das regiões colonizadas:

The ways in which indigenous peoples are discursively constituted is, of course, highly variable and context-specific. During imperial conquests the term ‘native’ came to be associated with pejorative connotations. In the British Empire the transformation of the colonised from native peoples into ‘the Native’ implicated a variety of structural, political and cultural processes of domination, with the effect that the word Native became a code for subordination (BRAH, 2005, p. 187).²³

Atualmente, porém, “nativo” vem sofrendo uma inversão de significado, de maneira a indicar as pessoas que tem o *status* de prioridade na propriedade do lugar.

²³ As maneiras em que os povos indígenas são discursivamente constituídos são, naturalmente, altamente variáveis de um contexto específico. Durante as conquistas imperiais, o termo ‘nativo’ teve conotações pejorativas. No Império Britânico a transformação dos povos nativos colonizados em ‘o Nativo’, implicou uma variedade de processos estruturais, políticos e culturais de dominação; o efeito foi que a palavra nativa tornou-se um código para subordinação (Tradução livre).

Assim, fica evidente que o desejo de “naturalização” como “cidadão norte-americano”, manifesto pela personagem Carlos, é o anseio pelo acesso ao referido *status* social.

Os pais do menino Carlos acabam mudando-se do Colorado para a Flórida, onde mora a filha mais velha, Dolores. A jovem encontrou no casamento a ponte para viver o *American dream*, e, depois de estabelecida, levou os pais para morarem com ela e o marido, em sua casa, num bairro de classe média, longe das angústias da ilegalidade: “Faz pouco mais de um ano que os pais de Carlos se mudaram para a Flórida, onde Dolores, a filha maldita e fujona, se transformou na filha pródiga e guarda carros gêmeos com placas DELE (XO) e DELA (XO) em sua garagem de Tallahassee” (LISBOA, 2010, p. 217). O casamento significou o fim de diversas dificuldades para a jovem que sonhava estudar medicina em Harvard, enquanto trabalhava como camareira em um hotel de Denver:

Depois de passar vários anos servindo café aguado e ovos com bacon numa lanchonete, ela diria adeus ao namorado excessivamente ciumento e cederia às tentativas de sedução rotineiras de certo freguês da lanchonete [...] Ao contrário dela, de seu namorado excessivamente ciumento e das famílias de ambos, o freguês da lanchonete tinha *papeles*. Mais do que isso. Ele era gringo. Americano mesmo, de pai e mãe americanos e avós irlandeses. Se era vinte e tantos anos mais velho do que ela, e daí? Ele tinha uma casa de três quartos em Tallahassee, com televisão nova e um belo gramado que podava regularmente com seu cortador de grama elétrico Black & Decker [...] O sol do Colorado usava palmatória e tinha lábios curvados para baixo, entre montanhas literais de rugas. O sol da Flórida servia suco de laranja processado com um sorriso, de sandálias e bermuda, bem informal. E não tinha aspirações a Islândia no inverno. A família encontraria a felicidade ali (LISBOA, 2010, p. 124-126).

Já a porto-riquenha Isabel mostra-se desconfortável com uma situação semelhante. Ela se casou com um americano bem mais velho e passou a viver com ele em Albuquerque, no Novo México. Anos depois veio o divórcio:

Eu vim para cá aos dezoito anos, disse Isabel. Depois voltei para San Juan. Depois vim de novo. Comecei a trabalhar, conheci meu marido, parei de trabalhar.

Ela deu de ombros.

Não sinto nenhum orgulho disso. Tenho trinta e quatro anos e a minha vida o que é, a minha vida não é nada. Moro na casa dele, vivo com o dinheiro que ele me dá. Mas eu vou fazer alguma coisa em breve. Vou fazer alguma coisa. Em breve (LISBOA, 2009, p. 203).

Embora o divórcio lhe rendesse casa e dinheiro para viver, Isabel representa uma mulher mais inquieta com essa condição de dependência do que a personagem Dolores.

Tal desconforto remete também ao seu desajuste entre as nações, Porto Rico e EUA, explicitando que não pertence a nenhum dos lugares, antes, ficara “a meio caminho”, entre o sonho não realizado e a terra natal irreconhecível.

As histórias dessas personagens remetem à ambiguidade de sentimentos em relação, não apenas à terra natal, mas ao novo lugar. Desta forma, Carlos, Dolores e Isabel representam diferentes posicionamentos frente a uma condição comum. Isso porque, conforme Brah (2005), existe uma diferença significativa de como as chamadas “primeira geração” e “segunda geração” de imigrantes se relaciona com a terra natal e com o novo lugar; a diferença de posicionamento também se dá pelas implicações de gênero:

Clearly, the relationship of the first generation to the place of migration is different from that of subsequent generations, mediated as it is by memories of what was recently left behind, and by the experiences of disruption and displacement as one tries to reorientate, to form new social networks, and learns to negotiate new economic, political and cultural realities. Within each generation the experiences of men and women will also be differently shaped by gender relations. The reconfigurations of these social relations will not be a matter of direct superimposition of patriarchal forms deriving from the country of emigration over those that obtain in the country to which migration has occurred. Rather, both elements will undergo transformations as they articulate in and through specific policies, institutions and modes of signification (BRAH, 2005, p. 189)²⁴.

Ainda na linha de pensamento de Brah (2005), o desejo de retorno ao país de origem não está presente em todas as situações diaspóricas. Há experiências em que o grupo deslocado almeja uma realocação, como o caso do menino Carlos, reivindicando para si o status de pertencente ou o “natural”. Uma apropriação que passa pela formação de uma comunidade que está se reorganizando constantemente a fim de se acomodar naquele novo espaço cultural e político:

Diasporas are places of long-term, if not permanent, community formations, even if some households or members move on elsewhere.

²⁴ Claramente, a relação da primeira geração com o local de migração é diferente das gerações subsequentes, pois é mediada por memórias do que recentemente foi deixado para trás, e pelas experiências de perturbação e deslocamento, ao mesmo tempo que tenta se reorientar, para formar novas redes sociais, e aprender a negociar novas realidades econômicas, políticas e culturais. Dentro de cada geração, as experiências de homens e mulheres, também será modelada de forma diferente a partir das relações de gênero. As reconfigurações dessas relações sociais não serão questões de imposição direta das formas patriarcais provenientes do país de emigração sobre as mesmas no país da imigração. Em vez disso, os dois elementos passarão por transformações, se rearticulando através de políticas específicas, instituições e modos de significação (Tradução livre).

The word diaspora often invokes the imagery of traumas of separation and dislocation, and this is certainly a very important aspect of the migratory experience. But diasporas are also potentially the sites of hope and new beginnings. They are contested cultural and political terrains where individual and collective memories collide, reassemble and reconfigure (BRAH, 2005, p. 190).²⁵

Assim, a relação, tanto com a terra natal quanto com o lugar para onde se imigrou, implica relações de pertencimento e apropriação, inclusão e exclusão. A vida cotidiana dos imigrantes explicita a tensão dessas relações, onde o conflito parece ser superado pelo fator adequação; quanto mais adequado o imigrante estiver, quanto mais naturalizados os hábitos rotineiros, e quanto mais hábil ele se tornar na utilização dos novos códigos sociais, tanto maior a apropriação do novo lugar. Entretanto, o custo disso pode significar o distanciamento dos antigos códigos identitários, o que, para muitos, representa a reconfiguração da própria identidade, gerando o sentimento de insegurança, desconforto e inadequação.

1.4.3 O *clash* cultural

Num episódio específico de *AC*, o contato cultural conflituoso também é desvelado. Vanja lê uma conversa num *chat* do *Yahoo*, sobre a imigração boliviana em São Paulo (observe-se as marcas textuais do ambiente virtual: q=que, vc=você, etc).

Encontro uma pergunta aberta no Yahoo. O q todos nós brasileiros podemos fazer para acabar com esta invasão latina no brasil em especial em são paulo?

E outra pergunta: o que vocês acham desses bolivianos que ultimamente vem se aglomerando por são paulo? muitos desses bolivianos não tem visto e ficam por aí ocupando vagas que deveriam ser dos brasileiros desempregados, e esse governo frouxo não faz nada.

[...]

Minha prima mora no Belenzinho, se vc andar pelas ruas do bairro nos fins de semana, vc não vê 1 brasileiro só boliviano, e cada dia aumenta mais! Eu não sou contra os imigrantes, mas o crescimento dos bolivianos em SP é assustador! (LISBOA, 2010, p. 102-103).

²⁵ Diásporas são lugares a longo prazo, se não permanente, de formações de comunidade, ainda que algumas famílias ou membros delas se mudem para outro lugar. A palavra diáspora muitas vezes invoca a imagem de trauma da separação e deslocamento, e este é um aspecto muito importante, certamente, para a experiência migratória. Porém, as diásporas são potencialmente locais de esperança e novos começos. Eles são espaços de debate cultural e político onde as memórias individuais e coletivas colidem, reorganizam-se e se reconfiguram (Tradução livre).

A fragilidade do sistema social acirra as diferenças culturais e, para “defender” seu espaço econômico, indivíduos reforçam o preconceito étnico-cultural. Fica explícito o esquema lacaniano do Imaginário, ao qual Homi Bhabha refere-se em “A questão do ‘outro’: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo” (1992), quando fala dos estereótipos negativos legados aos negros pelo discurso colonial. O que é dito em termos de subjugação do colonizado, na experiência colonial, parece válido para a discriminação da diferença nas situações de imigração contemporâneas, visto que a questão do poder econômico está em jogo. Aquele que vem para trabalhar é inferiorizado e essa inferioridade justificada pela diferença cultural.

Sempre se colocará o problema da diferença em termos daquilo que se encontra entre os polos preestabelecidos, “naturais”, preto e branco, com todas as suas ramificações históricas e ideológicas. O conhecimento da construção desse par opositivo será negado ao sujeito colonial. O sujeito é construído dentro de um aparato de poder que contém, em ambos os sentidos da palavra, um “outro” conhecimento, que é incompleto e fetichista e circula dentro do discurso colonial como a forma limitada de alteridade, como a forma fixa da diferença: o estereótipo (BHABHA, 1998, p. 195-196).

A problemática do estereótipo perpassa os encontros interculturais, de forma que aquele que vem “de fora” causa profundo estranhamento aos nativos. Um estranhamento que é identitário, onde as marcas da estrangeiridade servem de fatores distintivos de pertencimento também para os que são “de casa”.

O imigrante – o estrangeiro, o outro, o “de fora” – coloca-nos diante de uma “estranheza identitária”, que é, simultaneamente, estranheza de nós mesmos (KRISTEVA, 1988). A busca de uma identidade para ele não pode se dar senão em confronto com a busca de nossa própria, do que nos constitui enquanto comunidade, construção sempre arbitrária e imaginária: familiar/estranho, eu/outro. O imigrante é “atopos” (SAYAD *apud* CURY, 2006, p. 11-12).

Contudo, os encontros culturais revelam também a dificuldade de lidar com o estrangeiro, quer seja pelo estranhamento provocado pela diferença cultural, pela “ameaça” de um autoquestionamento identitário, ou pelo receio de perda do espaço econômico para aquele que “nem é daqui”. Contexto esse que provoca conflitos com comunidades inteiras, como é o caso do preconceito com os latino-americanos nos EUA, pejorativamente chamados *cucarachas* (baratas), em situações de confronto intercultural.

Para Avtar Brah (2005), o racismo é uma das principais manifestações das fronteiras imaginárias dentro das situações de imigração. A autora destaca que o quadro econômico mundial, contemporaneamente, tem promovido uma crescente polarização do trabalho, e afirma o caso da imigração mexicana para os Estados Unidos da América como um caso exemplar. De um lado, há um mercado laboral em primeiro plano, no qual se remunera bem os trabalhadores altamente qualificados, exigindo sua flexibilidade e mobilidade de acordo com os interesses de seus empregadores; a esses trabalhadores geralmente são oferecidos benefícios como planos de previdência privada e seguro saúde. De outro lado, há um mercado laboral periférico, o qual é mantido por trabalhadores subempregados, comumente indocumentados; a esses não são oferecidos benefícios, nem bons salários, ao contrário, suas condições de trabalho são geralmente precárias em diversos aspectos. Embora tornem o sistema econômico lucrativamente viável, essas pessoas são, paradoxalmente, criminalizadas:

Thus there emerges the paradox of the *'undocumented worker'*—*needed to service lower rungs of the economy, but criminalised, forced to go underground, rendered invisible; that is, cast as a phantom, an absent presence that shadows the nooks and crannies wherever low-paid work is performed.* (BRAH, 2005, p. 196, grifo da autora)²⁶.

No próximo capítulo, a perspectiva da discussão apresentada até aqui a respeito da diáspora é direcionada para as relações interamericanas; ali serão retomadas as questões pertinentes à imigração da América Latina para os Estados Unidos da América, a partir da narrativa de AC.

²⁶ Assim surge o paradoxo do “trabalhador-indocumentado”, que, embora seja um serviço necessário para manter seguras as camadas mais inferiores da economia, é criminalizado, forçado à clandestinidade, rendido ao invisível; ou seja, escalado como um fantasma, a presença ausente faz sombras nos cantos e recantos onde quer que o trabalho de baixa remuneração seja realizado (Tradução livre).

« CAPÍTULO 2 »

2 TRAVESSIAS INTERAMERICANAS

Talvez, uma outra hipótese, essa fosse a doença do imigrante latino-americano no primeiro mundo: o desespero de abraçar com toda força o país rico e dizer quero um pedaço. Minha história não é só minha. É sua também. Por exemplo: de onde vem a sua cocaína? A carne do seu churrasco? A madeira ilegal da sua estante? Sua história não é só sua. É minha também. Nosso American dream. Afinal, a América é um naco de terra que vai desde o oceano Ártico até o cabo Horn, não?

(A adolescente Evangelina, em *Azul-corvo*)

A história das três Américas está perpassada pela dominação colonial, de maneira que as relações entre os continentes refletem as práticas de exploração dos recursos humanos e naturais, políticas expansionistas e ideologia de pseudo-preocupação humanitária. Por isso, um estudo das relações interamericanas precisa levar em conta a heterogeneidade cultural das Américas, dada a convergência de povos autóctones e extracontinentais. Deve considerar também os processos de independência dos países americanos, com suas revoluções, guerras e movimentos pró-independência, os quais acabaram forjando seus perfis identitários e definindo a maneira como se autoconcebem em relação aos demais países vizinhos. Não pode ser esquecido que a tomada de consciência de uma “América Latina”²⁷ foi essencial para que se estabelecesse uma consciência dessas diferenças.

²⁷ Ao marcar as “novas terras” com a latinidade, já na denominação, pretendia-se afirmar seus colonizadores de fala latina: Espanha, Portugal e França. “Toda a latinidade começou no Lácio, pequeno território adjacente à cidade de Roma, e foi crescendo em círculos concêntricos ao longo da história: primeiro, até abarcar o conjunto da Itália, ampliando-se logo até a parte da Europa colonizada pelo Império Romano, restringindo-se depois aos países e zonas que falaram línguas derivadas do latim, e transportando-se por fim ao continente americano que esses europeus descobriram e colonizaram. Deste modo, a América Latina viria a ser o quarto anel desta prodigiosa expansão” (MORENO, 1979, p. XVI).

A nomenclatura “latina” excluía os povos anteriores ao descobrimento ocidental. Não são originalmente latinas, no aspecto linguístico e cultural, as grandes civilizações que existiram no período anterior à colonização europeia, como os incas, os astecas, os maias e as comunidades indígenas. O mesmo se dá com os povos africanos, que foram arrastados para o continente mais tarde. As culturas autóctones não foram totalmente exterminadas, mas profundamente enfraquecidas. Entretanto, o mundo africano parece ter subsistido mesclado ao “novo” continente, como outro mundo não-latino.

Assim, em 1891, quando José Martí (1853-1895) publicava *Nuestra America*²⁸, afirmava as diferenças culturais entre as Américas e a dificuldade de falar em identidade cultural nesse vasto território. Olhava, ainda, para o passado histórico e concluía que a colonização inicial e as demais formas imperialistas que se seguiram, reconfiguraram constantemente a vida e a cultura nas Américas. Martí instigava o leitor a responder à pergunta: “O que nós americanos faremos para resistir a essas forças recorrentes de exploração?”. Esse escrito se tornou o marco do pensamento crítico latino-americano no início do século XX. A principal preocupação de Martí era a política anexionista do “vizinho do norte”, os Estados Unidos da América (EUA).

Para Lucas Machado dos Santos (2010), a percepção da ameaça norte-americana não era sem fundamento. Em 1889, os EUA convocaram a Primeira Conferência Pan-Americana de Washington e expuseram suas intenções de liderar os rumos dos três continentes americanos, propondo uma união aduaneira para resistir aos avanços comerciais da Europa. A inferência apenas não se concretizou por causa da oposição de países como Argentina e Chile (SANTOS, 2010, p. 3). Os Estados Unidos já haviam participado dos processos de independência de alguns países latino-americanos, como Cuba e Haiti²⁹.

Porém, o que mais parece preocupar José Martí é a estratégia norte-americana de influência ideológica. O país do Norte tentava ensinar aos novos países ao Sul sobre o “sonho da liberdade”. Ao que o intelectual cubano responde afiadamente:

No fue nunca de la Norteamérica, ni aun em los descuidos generosos de la juventud, aquella libertad humana e comunicativa, que echa de los pueblos, por sobre montes de nieve, a redimir um pueblo humano, e los induces a morir em haces, sorrindo bajo la cuchilla, hasta que la especie se pueda guiar por los caminos de la redención con la luz de la hecatombe (MARTÍ, [s.a.] p. 66).³⁰

Essa tomada de consciência continental, bem como seu processo de consolidação, sempre repercutiu na literatura produzida na América Latina. A produção

²⁸ Trata-se de uma coletânea de artigos e cartas enviadas a amigos, ou publicadas em jornais e revistas durante a segunda metade do século XIX. O conteúdo refere-se aos problemas comuns da América espanhola e da ameaça da anexação dos outros dois continentes americanos aos Estados Unidos da América (EUA).

²⁹ Em *A ilha sob o mar* (2010), de Isabel Allende, encontramos uma figuração literária do trajeto de muitos colonizadores franceses, durante a revolução negra do Haiti. Da ilha de São Domingos para Cuba onde, então, era acertada a imigração para o estado da Lousiana.

³⁰ Não foi nunca da América do Norte, nem em um dos descuidos generosos da juventude, aquela liberdade humana e comunicativa, que as pessoas perdem sobre montes de neve, que redima um povo humano de induzir outro a morrer por si, sorrindo sob uma faca, até que a espécie se possa guiar por caminhos da redenção por uma luz de hecatombe (Tradução livre).

literária revela não apenas a harmonia da diversidade cultural, mas principalmente os conflitos e as negociações entre línguas, costumes e visões de mundo implicados nos encontros interamericanos.

Desta forma, já no Romantismo estava presente a preocupação com as línguas nacionais e as culturas próprias dos países. No Brasil, da segunda metade do século XIX, é possível delinear o desejo, generalizado dentre diversos escritores brasileiros, de criar uma literatura independente, ou seja, genuinamente brasileira. A esse desejo geral é que Machado de Assis (1994) chama “instinto de nacionalidade”, no célebre texto “Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade”, publicado em 1873 na revista *O Novo Mundo*. Bem sabemos, porém, que o “elemento indiano”, para o renomado escritor e crítico brasileiro, diz respeito à vida e história dos indígenas brasileiros antes e nos primórdios da colonização. O espírito civilizatório ainda dominava as mentes dos intelectuais desse período, de maneira que a vida dos índios era vista como “atrasada” se comparada à civilização – o mundo não indígena, na compreensão machadiana.

No entanto, no Modernismo, as literaturas da América Latina ganharam características próprias efetivamente. Escritores dos diversos países voltaram os olhos para os negros e índios do país, seus costumes, expressões, ritmos, imagens. Sob seus holofotes, as diferenças culturais foram valorizadas por toda a parte.³¹ Segundo Antonio Candido, essa mudança de perspectiva afetou diretamente o plano linguístico.

No centro deste esforço [diz Antônio Candido] estava o propósito de elaboração de uma nova linguagem literária, que aproveitasse ao máximo as possibilidades de liberdade da língua, dando em muitos casos categoria culta à sintaxe popular, aproximando a fala comum à fala escrita (CANDIDO *apud* SAGUIER, 1979, p. 11).

Além de novo enfoque, a revolução linguística foi importante também pela ruptura com as correntes literárias europeias, que até então eram espelho no qual a literatura latino-americana se via. São exemplos dessa ruptura os peruanos José María Arguedas, Mario Vargas Llosa e o paraguaio Augusto Roa Bastos, pois impregnam o castelhano de sua literatura com idiomas aborígenes, como o quíchua e o guarani. Arguedas afirma: “... escrevi num tipo de castelhano que é uma espécie não de mistura mas de estilo, no qual o espírito, as características do quíchua estão bastante vibrantes, muito claras no estilo castelhano (ARGUEDAS *apud* SAGUIER, 1979, p. 12).

O acontecimento literário modernista reflete o impacto do ideal de progresso na visão de mundo latino-americana. Entretanto, apesar de todo o afã cosmopolita, a

entrada da economia latino-americana no circuito do mercado internacional não entorpeceu seus escritores a ponto de cegá-los para a ambiguidade do momento. As mazelas sociais das grandes cidades em crescimento, as fortes contradições campo-cidade, as deficiências na área de educação para a competência industrial e a forte ameaça de seus países serem “devorados” pelo capital dos países mais desenvolvidos, tornam-se temas literários nesse período da história latino-americana:

Num dado momento, os modernistas voltam seus olhos para a América (*Ariel*, de Rodó, 1900; *Cantos de vida y esperanza* de Darío, 1905; *Odas seculares de Lugones*, 1910). Se observarmos as datas de publicação, percebemos que os três livros aparecem depois que os Estados Unidos haviam empreendido duas intervenções na América Latina: Cuba e Porto Rico (1898), Panamá (1903). O que tencionam é preservar “os valores espirituais constituídos por sua língua, sua nacionalidade, sua religião, sua tradição” frente à inquietante presença norte-americana (SAGUIER, 1979, p. 19).

No decorrer do século XX, as artes latino-americanas continuaram refletindo esses impulsos nacionalistas, a fim de definir sua “cor local”. De acordo com Leoné Barzotto (2011), os movimentos regionalizados na América Latina representam o esforço pelo pensamento intelectual próprio, que volta seu olhar para seu contexto, filtrando as intervenções “de fora”, ou seja, do pensamento teórico europeu e norte-americano:

Não obstante, ao longo dos anos, a América Latina tem vivenciado outros fenômenos socioculturais que, *mutatis mutandis*, inter-relacionam-se no quesito de assumir um lócus de enunciação bem marcado, com vistas a expor e a sedimentar as características próprias em detrimentos daquelas impostas de fora, como os seguintes movimentos: Negritude (no Caribe negro); Antilhanidade (nas Antilhas); Crioulismo (na América hispânica); Rastafarianismo (na Jamaica); Tropicalismo (no Brasil), etc. (BARZOTTO, 2011, p. 76).

No texto “*Nuestra cultura local: por uma epistemologia das margens*”, a autora discute a proposta de revisão epistemológica à guisa do pensamento de Walter Mignolo (2003) acerca da “genealogia do pensamento”. Tal assertiva se baseia na construção de um universo intelectual próprio, ou um pensamento liminar, livre das influências de pensamentos hegemônicos, a partir dos locais, com suas singularidades próprias. Barzotto afirma:

O pensamento liminar pode ser compreendido como o pensamento das margens, uma vez que há margens das margens e o centro (no formato

eurocêntrico e norte-americano) já não é mais o mesmo porque se encontra fraturado e ocupado, ironicamente, pela ‘periferia’. Se, por um lado, contribuir para a promulgação de uma epistemologia liminar significa emancipação intelectual e consciência de autonomia; por outro lado, significa agir contra a subalternização do conhecimento (BARZOTTO, 2011, p. 76).

Desta forma, pensar a partir de nosso local, o que significa situar o pensamento em nossa cultura, é uma necessidade não apenas de correção da forte influência recebida do pensamento europeu e norte-americano ao longo do processo colonial, mas, principalmente, uma necessidade de resistência às novas formas imperialistas que se nos impõem no contexto das relações interamericanas contemporâneas. Isso porque, desde o século XX, emerge um tipo de neocolonialismo por meio de políticas capitalistas no mundo inteiro. Global como sempre, mas agora com diversos centros europeus, asiáticos, e norte-americanos, essa nova forma de imperialismo não amenizou a tensão entre os países latino-americanos e a nação norte-americana. Surgiram enlacs, como MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), ainda vigente e em crescimento, o MCCA (Mercado Comum Centro-Andino), integrando países da América Central, dentre outras iniciativas que não permaneceram, como forma de defesa contra o NAFTA (North American Free Trade Agreement), dos EUA, Canadá e México. A desconfiança dos países americanos com o vizinho do norte também parece ser a principal explicação para a não concretização da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas). O projeto previa eliminar as barreiras alfandegárias entre 34 países americanos (exceto Cuba), mas não chegou a ser implantado.

No presente capítulo, o enfoque ainda recai sobre o fato de que, alheios a essa problemática, milhares de latino-americanos continuam cruzando ilegalmente a fronteira México-EUA, em busca do *American Dream*, afora os imigrantes legais que, por motivos diversos, passam a viver no país norte-americano. Enquanto isso, as políticas de imigração norte-americana são reforçadas e se multiplicam esquemas de proteção na fronteira. Especialmente com a política de Reforma na Imigração, do governo Barack Obama, que, de acordo com Filipe Brum Cunha (2012), inclui *to bring people of the shadows*, ou seja, legalizar os imigrantes que já estão em território norte-americano e reforçar o policiamento nas fronteiras.

Em AC, verificam-se personagens figurando o trânsito entre as Américas. Refiro-me, principalmente, à jovem Evangelina, a seu amigo salvadorenho, à amiga porto-riquenha de sua mãe, aos avós norte-americanos, ao pai norte-americano e ao pai-

civil brasileiro. Essas personagens nos revelam que o deslocamento de pessoas entre as Américas é um fenômeno fluido e que as pessoas se misturam e se contaminam culturalmente nesse processo, à revelia do que acontece no plano econômico. Por isso, não se pode pensar nos Estados Unidos como um país culturalmente homogêneo, que consegue impor sua cultura aos que lá adentram. Ao contrário, os EUA já foram o destino de diversas ondas imigratórias, vindas de diversas partes do mundo, principalmente desde o século XVIII: irlandeses, alemães, asiáticos, ingleses, espanhóis e os latinos. Essa fluida convergência de culturas reconfiguraram, e reconfiguram até hoje, o quadro heterogêneo da cultura norte-americana. Um fluxo que ainda não cessou.

2.1 Um esboço da formação da identidade latino-americana

O vasto território da América Latina corresponde a mais de 21 milhões de quilômetros quadrados, para os quais o processo colonial fez convergir diferentes povos. A consciência a respeito de que se estava constituindo um novo continente de base heterogênea e mestiça foi moldada desde o início da colonização espanhola:

Os espanhóis precisavam explicar aos americanos o que era a Europa, e o que era América aos europeus. Os índios primeiro e os mestiços depois precisavam modificar a consciência que tinham de si mesmos como americanos. A solução para aquela falsa opção entre o americano e o europeu consistiu em ser ambas as coisas, em ser mestiço, real ou metaforicamente: isto é, o homem europeu modificado pela América e vice-versa. Triunfa assim na cultura superior latino-americana uma concepção sintética de si mesma, onde se reconhecem não só as contribuições das culturas autóctones, mas também as das culturas europeias descobridoras, a fundamental contribuição africana que chega à América através da escravidão, e, por último, a renovação das fontes universais implícitas nos movimentos imigratórios do século XIX (MORENO, 1979, p. XXII-XXIII).

A chegada dos portugueses, as disputas por território, as diferenças nas políticas colonizadoras espanhola e portuguesa e as distintas misturas dos povos europeus com os autóctones e, logo depois, com a chegada dos africanos, foram geradas particularidades linguísticas, econômicas e culturais. A partir de então, muitas das particularidades foram usadas para erguer fronteiras ideológicas entre os povos e culturas, de maneira que os povos não se (re) conhecessem. Essas separações remontam ao período colonial, aos processos de independência e, posteriormente, ao processo de modernização de seus países.

2.1.1 A América nomeada “latina”

O aspecto linguístico foi fundamental na formação dos países da América Latina. Rubén Bareiro Saguier (1979)³² afirma o uso da língua nas estratégias políticas de dominação no período da colonização das Américas.

O problema linguístico é colocado durante o período colonial como uma questão de política cultural da Coroa espanhola na América. Sem dúvida nenhuma, a implantação do castelhano – a suplantação das línguas aborígenes – significava para a Espanha um importante aspecto no processo de dominação e uma das bases de unidade em suas colônias (SAGUIER, 1979, p. 6).

A suplantação linguística, em termos violentos, logo entrou em choque com outro pilar da dominação colonial espanhola – a cristianização. Por isso, as línguas dos índios, ao menos as gerais, como o tupi e o guarani, foram preservadas especialmente na América espanhola. A catequese era ministrada na língua dos indígenas, e os jesuítas foram os grandes executores deste trabalho. Sua ação cristianizadora, entretanto, gerou uma ambiguidade. Preservou o sistema linguístico, mas não a visão de mundo tradicional indígena. Os mitos e lendas – a literatura dos índios, foi pouco preservada, e apenas oralmente, pois os missionários negaram-se a transcrever essas crenças não-cristãs (SAGUIER, 1979, p. 7).

Um pouco mais tarde, com a expulsão dos jesuítas, Carlos III, rei da Espanha, determinou que apenas o castelhano fosse falado nas colônias. Essas medidas, porém,

não conseguiram deter o processo de americanização do castelhano no novo continente, isto é, a impregnação sofrida pelo idioma do conquistador no que se refere a termos, fonemas, construções gramaticais, giros, esquemas morfológicos, processo que vinha realizando-se desde as origens do contato cultural (SAGUIER, 1979, p. 7).

Ao marcar as “novas terras” com a latinidade, já na denominação, pretendia-se afirmar seus colonizadores de fala latina: a Espanha, Portugal e França.

Toda a latinidade começou no Lácio, pequeno território adjacente à cidade de Roma, e foi crescendo em círculos concêntricos ao longo da

³² Um dos artigos da coletânea organizada por César Fernández Moreno, na década de 1970 sob encomenda da UNESCO, que deu origem ao livro *América Latina em sua literatura* (1979). Nele, é possível encontrar um estudo histórico das culturas e línguas que constituíram esse grande bloco territorial denominado América Latina e como a Literatura manifestou-se ao longo de todo esse processo.

história: primeiro, até abarcar o conjunto da Itália, ampliando-se logo até a parte da Europa colonizada pelo Império Romano, restringindo-se depois aos países e zonas que falaram línguas derivadas do latim, e transportando-se por fim ao continente americano que esses europeus descobriram e colonizaram. Deste modo, a América Latina viria a ser o quarto anel desta prodigiosa expansão (MORENO, 1979, p. XVI).

A nomenclatura “latina” exclui seus povos anteriores ao descobrimento ocidental. Não são originalmente latinas, no aspecto linguístico e cultural, as grandes civilizações que existiram no período anterior à colonização europeia, como os incas, os astecas, os maias e as comunidades indígenas. O mesmo se dá com os povos africanos, que foram arrastados para o continente mais tarde. As culturas autóctones não foram totalmente exterminadas, mas profundamente enfraquecidas. Entretanto, o mundo africano parece ter subsistido mesclado ao “novo” continente, como outro mundo não-latino³³.

Paulatinamente, a nomeação “latino-americano” foi sendo associada a outros fatores além do linguístico, de maneira que ainda permanecem dúvidas quanto à inclusão de alguns países ao bloco “América Latina”. Porto Rico, por exemplo, é ainda um país livre associado dos Estados Unidos da América³⁴. Possui duas línguas oficiais, o inglês e o espanhol, já indicando a disputa no passado colonial. Em 2006, o Congresso Latino-Americano e Caribenho pela Independência de Porto Rico reuniu-se no Panamá, e, em 2012, 65% da população porto-riquenha votou pela independência do país, mas ainda permanecem no mesmo regime de território norte-americano não-incorporado.

E esse não é o único caso controverso. Toda a região das Ilhas do Caribe implica uma discussão acerca de suas origens coloniais e a perpetuação da condição de dependência ou vínculo político com a matriz colonial, seja estadunidense, britânica, francesa ou holandesa.

Como estamos vendo, a discussão sobre a delimitação da América Latina tem vários pontos controversos, dada sua diversidade e complexidade. Só é possível pensar a América Latina tomando-a como uma mescla indivisível, nas palavras de Moreno. Qualquer critério, como linguístico, religioso, racial, político, depara-se com as exceções oriundas de uma história de formação dos países, baseada na pluralidade

³³ Moreno faz uma analogia com a unidade geológica que havia entre os continentes americanos e o continente africano, como se os africanos escravizados estivessem retornando, mesmo que pelo árduo caminho da escravidão, à terra original. E ainda alude que essa analogia poderia se estender à uma antecipação do futuro, onde os povos se reintegrariam em uma única raça (MORENO, 1979, p. XXIII).

³⁴ Embora seus cidadãos tenham cidadania norte-americana, não participam das eleições presidenciais dos EUA e elegem seus próprios governantes.

cultural. Simplesmente porque não houve colonização uniforme. O que houve foram encontros culturais territorializados, ocasionados pela colonização, diferentes em seus diversos lugares, de maneira que o encontro indígena-espanhol, na região do Plata, criou certa uniformidade, mas totalmente diferente do encontro indígena-espanhol na região andina, por exemplo. E, ainda, considere-se que nenhuma das culturas envolvidas, nem mesmo a dos colonizadores, manteve-se imutável no novo continente. Só a mistura cultural pode definir a América Latina. E isso vai além da estrita “latinidade”.³⁵

2.1.2 A controvérsia com o vizinho do norte: entre o pan-americanismo e o latino-americanismo

Em “A Construção da Identidade Latino-Americana: uma análise da contribuição dos intelectuais ibero-americanos (1989-1932)”, Leandro Galvão (2013) apresenta um apanhado diacrônico do desenvolvimento de dois contrapontos fundamentais no pensamento acerca da identidade da América Latina, a saber, América Latina e sua relação com a outra América, a do norte.

De acordo com Galvão (2013), ainda na primeira metade do século XIX, Michel Chevalier (1806-1879) já percebia a coexistência de dois blocos americanos: o latino-católico e o anglo-saxão-protestante. Mas é somente na virada do século que surge uma reflexão acerca da identidade da América Latina, a partir de intelectuais latino-americanos. Fica evidente que nesse período emerge nos Estados Unidos uma reinterpretção monroísta³⁶, que faz com que a intelectualidade ibero-americana se manifeste no intuito de desvendar as reais intenções imperialistas dos Estados Unidos da América, disfarçada de solidariedade para com os jovens Estados independentes da América Latina.

José Martí é uma das vozes proeminentes nesse sentido. Denuncia como a mídia norte-americana estava disseminando o preconceito a respeito dos cubanos e, por conseguinte, aos latino-americanos:

³⁵ No item 2.2, deste trabalho, apresentaremos uma delimitação da América Latina por áreas culturais, a partir do pensamento de Ana Pizarro.

³⁶ Da Doutrina Monroe, em referência a James Monroe (1758-1831), político e presidente dos Estados Unidos. Sua prática política previa não intervenção europeia nas Américas. Anos mais tarde, surge uma corrente política, que sob a égide de solidariedade pan-americana, propõe a intervenção militar e econômica dos norte-americanos à parte sul do continente.

Na Filadélfia, o jornal *The Manufacturer* descreveu os cubanos como “efeminados”, como um povo dotado de “aversão a todo esforço”, “preguiçosos” e desprovidos de “iniciativa”; categorizações, estas, que muitas vezes também competiam ao restante da América Espanhola (GALVÃO, 2013, p. 38).

Embora fosse admirador dos valores da América do Norte, como a liberdade individual, o ideal do trabalho e a tolerância religiosa, Martí adota uma postura crítica em relação à política externa dos EUA. Em dois artigos, especialmente, podemos ver o ataque de Martí ao projeto hegemônico norte-americano. Trata-se de “A Conferência Monetária das Repúblicas da América”, de 1891, e “A Verdade sobre os Estados Unidos”, de 1894³⁷. Neles, consta um alerta à “ingenuidade” dos aristocratas autóctones, que aderem facilmente à crença da superioridade da “raça anglo-saxônica sobre a raça latina” (MARTÍ *apud* GALVÃO, 2013, p. 39). Fala da “ianquemanía” que penetrara no pensamento das elites latino-americanas e de sua falsidade. “A ianquemanía é inocente fruto de um conhecimento superficial, como quem julga o interior de uma casa, e as pessoas que nela rezam ou falecem, pelo sorriso e o luxo da sala de visitas ou pelo champanhe e o cravo da mesa de jantar” (MARTÍ *apud* GALVÃO, 2013, p. 39). E acrescenta, mais adiante: “vivi no monstro e lhe conheço as entranhas”.

No Brasil, Eduardo Prado (1860-1901) publica o livro *A ilusão americana*, que logo é retirado de circulação pela polícia da República da Espada, em 1893. A obra apresentava “um levantamento histórico dos abusos de poder e dos frequentes casos de violação de soberania exercidos pelos Estados Unidos no restante do continente” (GALVÃO, 2013, p. 39). Dentre as acusações estavam incorporações territoriais, descumprimento de pactos internacionais e preconceito aos latinos. Para Prado, “a tradição latina seria incompatível com o espírito americano, motivo pelo qual deveríamos suprimir a identidade pan-americana vigente” (GALVÃO, 2013, p. 40). Isso que o intelectual brasileiro nem sequer teve oportunidade de assistir às intervenções norte-americanas durante as ditaduras latino-americanas do século XX.

José Enrique Rodó (1872-1917), no Uruguai, escreveu “Ariel”, em 1900, comparando as personagens antitéticas, Ariel e Caliban, aos contrapontos dos povos anglo-saxões e latinos, respectivamente.

Manoel Bonfim, por sua vez, escreve “A América Latina: males de origem”, em 1905. Na obra, chama a atenção dos latino-americanos para o fato de que a América

³⁷ Ambos encontram-se no compêndio *Nuestra America*.

Latina, aos olhos da Europa se tornara um grande “protetorado” dos Estados Unidos. E mesmo estes viam o continente sul como “ingovernáveis, imprestáveis quase”, que necessitavam de sua intervenção pretensamente superior.

Numa segunda geração de intelectuais latino-americanos, José Carlos Mariátegui, surge como voz peruana.

Nessa condição, o apelo de Mariátegui é na direção de conduzir todo nacionalista e revolucionário ao caminho socialista, considerado a única solução real, estrutural e genuína. O regime econômico vigente havia tornado o Peru vítima do capitalismo imperialista anglo-saxão, e é contra ele que Mariátegui levanta sua bandeira de luta (GALVÃO, 2013, p. 42).

Os dilemas do Peru foram também a motivação para Victor Raul Haya de la Torre pensar a América Latina. Seu ideal enfrentava as discrepâncias entre as “duas Américas”: a forte economicamente, poderosa, expansiva e a outra, fraca, sofrendo espoliação pela primeira. Diante de 40 mil pessoas, em discurso inflamado, cita as palavras de Bolívar: “União, união, América adorada, caso contrário a anarquia devorarte-á” (GALVÃO, 2013, p. 42).

Já no início do século XX, o Brasil experimentou uma relação ambígua com os Estados Unidos. Galvão pontua que Monica Hirst denominou de “aliança informal” a troca de apoio diplomático e forte comércio entre os dois países. A simpatia do Brasil com o país norte-americano consolidou-se com a ascensão do Barão do Rio Branco ao Ministério das Relações Exteriores, em 1902. Entretanto, o fim do regime imperial proporcionou a proximidade dos países latino-americanos, mesmo no sul do Brasil, onde a desconfiança com os vizinhos destacava-se. Assim, o Brasil esteve entre o monroísmo e o latino-americanismo. À medida que a política externa dos Estados Unidos se tornava mais agressiva, ficou evidente a incompatibilidade com os interesses emergentes das nações latino-americanas. Por isso, nesse período, surgem reflexões críticas acerca da América Latina. Na elite intelectual latino-americana “pairava um sentimento de urgência no que tange à necessidade de traçar reconsiderações acerca do sensível tema da identidade coletiva, o que se evidenciava na própria proliferação do uso da palavra ‘América Latina’” (GALVÃO, 2013, p. 44).

Por fim, Leandro Galvão avalia que a reflexão acerca da América Latina foi fruto da necessidade de resistência às investidas neoimperialistas, pois concordando com Jorde Larrain Ibanez, afirma:

[...] os períodos de instabilidade –independente de sua origem endógena ou exógena –, são estimulantes sociais que impulsionam as comunidades em direção ao debate e reflexão sobre suas respectivas identidades coletivas. Em contraposição, em épocas de relativa estabilidade e autossuficiência, as questões identitárias se inclinam para a imobilidade (GALVÃO, 2013, p. 44-45).

Certamente outras contribuições fazem parte da história do pensamento sobre a América Latina. Contudo, aclarou-se o quanto o pensamento latino-americano, sobre sua própria identidade enquanto continente, ou agrupamento, conecta-se à sua relação com o vizinho do norte, os Estados Unidos da América. A América Latina tomou conhecimento de si, pensou suas diferenças na perspectiva de seu passado colonial em comum, e constituiu-se como bloco econômico, político e cultural diante do globo, enquanto buscava estratégias de resistência à “ameaça imperialista”, anunciada por José Martí.

2.1.3 O Modernismo apresenta as “nossas línguas”

O modernismo foi o primeiro movimento artístico a abordar a heterogeneidade da América Latina, justamente pela revolução da linguagem. Essa produção literária interagiu com a multiplicidade linguística da América Latina, ora registrando suas mesclas ou mestiçagem, ora gerando-as. Isso porque “a língua – mesmo a literária – não é uma invenção arbitrária, mas um produto histórico” (SAGUIER, 1979, p. 14).

Na década de 1970, escritores participaram do processo de renovação linguística, provocando uma “degeneração” da língua. Esse acontecimento, que marcou uma conversão na história do pensamento acerca da América Latina, rompeu com o ideal de pureza linguística instalado no processo de dominação colonial. Os países independentes mostravam, nesse momento, que os vínculos com suas metrópoles já não os identificavam plenamente.

Num quadro geral, o modernismo latino-americano refletiu um esquema de “homologia sócio-literária”:

Nas obras, aparece com frequência crescente o “gringo”, pintado como uma personagem ávida, grosseira, cruel. O inquietante afresco da exploração do continente mestiço foi pintado depressa, com indignação, com figuras retorcidas, caricaturais, grotescas, em que se colocou mais intenção denunciadora e redencionista do que vontade de criar um mundo de ficção (SAGUIER, 1979, p. 21).

Problemáticas sociais tornaram-se temas dos escritores do período modernista. Dois enfoques principais: indianismo e negritude. No primeiro caso, diferenciava-se da abordagem romântica, em que o indígena fora apresentado como uma figura harmônica e até mesmo natural do panorama continental. Agora, a literatura projetava os problemas reais enfrentados pelos índios, “como elemento marginalizado numa sociedade de classes” (SAGUIER, 1979, p. 21).

Ao que tudo indica, a radicalidade do modernismo latino-americano é herança do barroco. Desde o princípio, esse movimento literário marcou as artes na América Latina. O carnavalesco, de caráter paródico, deve ser visto como uma forma de revide à cultura europeia.

De acordo com Severo Sarduy (1979), é próprio do estilo barroco a desfiguração de uma obra anterior, com forte potencial de variação e inversão³⁸. “Defrontando-se com as linguagens entrecruzadas da América – com os códigos do saber pré-colombiano – o espanhol – os códigos da cultura europeia–, viu-se duplicado, refletido em outras organizações, em outros discursos” (SARDUY, 1979, p. 170).

Vejamos a definição do barroco, de Sarduy, que justifica seu potencial de revide à imposição cultural e política da colonização europeia:

O barroco, superabundância, cornucópia transbordante, prodigalidade e esbanjamento – daí a resistência *moral* que suscitou em certas culturas da economia e da medida, como a francesa –, irrisão de toda a funcionalidade, de toda sobriedade, é a solução para essa saturação verbal, para o *trop plein* da palavra, a abundância do nomeante com relação ao nomeado, ao enumerável, ao transbordamento das palavras sobre as coisas. Daí também seu mecanismo de perífrase, da digressão e do desvio, da duplicação e até da tautologia. Verbo, formas malgastas, linguagem que, por ser demasiado abundante, já não designa as coisas, mas outros designantes das coisas, significantes que envolvem outros significantes num mecanismo de significação que termina significando a si mesmo, mostrando sua própria gramática, os modelos dessa gramática e sua geração no universo das palavras. Variações, modulações de um modelo que a totalidade da obra coroa e destrona, ensina, deforma, duplica, inverte, desnuda e sobrecarrega até preencher todo o vazio, todo o espaço – infinito – disponível. Linguagem que fala da linguagem, a superabundância barroca é gerada pelo suplemento sinonímico, pela “dublagem” inicial, pelo

³⁸ Lezama Lima (1910-1976) já teria afirmado o barroco no sentido de desfiguração, como um barroco de sincretismo. Para ler o barroco latino-americano era preciso *ler em filigrana* (técnica de produzir joias pelo trabalho com finos fios de metal e bolas minuciosamente trabalhadas), dada sua complexidade, perseguindo suas linhas miúdas para então compreendê-la em sua totalidade (SARDUY, 1979, p. 169).

transbordamento dos significantes que a obra, que a ópera barroca cataloga (SARDUY, 1979, p. 170).

Por esse viés, concebemos a radicalidade dos escritores modernistas latino-americanos, que esteve presente, por exemplo, na proposta do escritor argentino Julio Cortázar, ao apelar constantemente à interação de seu leitor:

O discurso literário se impregna de ambiguidade que exige a participação, a cumplicidade do leitor; a obra se converte assim numa criação pessoal e ao mesmo tempo multitudinária, como é possível ver, sobretudo na obra de Julio Cortázar, que obriga o interlocutor a manter constantemente a guarda, com sua linguagem ubíqua, de tira-e-põe, e com as múltiplas experimentações expressivas que realiza (SAGUIER, 1979, p. 14).

Concomitantemente, no Brasil, Guimarães Rosa inaugura a renovação radical da linguagem:

A ruptura que permitiu nossos autores a incorporação da linguagem cotidiana e regional explica o aparecimento de um escritor como João Guimarães Rosa, que soube universalizar a fala do sertão. Esta região foi um dos últimos redutos da mistura do português com as línguas indígenas e africanas (SAGUIER, 1979, p. 14).

Tantos outros escritores poderiam ser citados. Contudo, é importante que acentuemos o potencial de revide presente na linguagem como herança do movimento modernista na América Latina. Uma vez “aprendida a lição”, os exemplos do uso sagaz da linguagem se multiplicaram. Na década de 1970, por exemplo, no auge dos regimes ditatoriais no continente, a intelectualidade latino-americana lança mão da ambiguidade da linguagem para dizer “distorcidamente”. Dá origem a uma produção ambígua e instigante, que desafia seus novos inimigos, infelizmente, seus conterrâneos. Na música, por exemplo, Gilberto Gil compõe em 1969, “Aquele Abraço”, aludindo à distância forçada em que se encontrava da cidade do Rio de Janeiro, e a um dos centros de detenção do regime militar brasileiro, a Escola Militar do Realengo. O cantor e compositor preparava-se para deixar o Brasil e se exilar em Londres quando compôs essa canção. “Alô, Alô, Realengo/ Aquele abraço...”.

Néstor García Canclini (2003), em *Culturas Híbridas*, toma da literatura a afirmação “modernismo exuberante com uma modernização deficiente” (CANCLINI, 2003, p. 67). Isso significa que a modernização na América Latina se configura,

No final do século XIX e início do século XX, impulsionada pela oligarquia progressista, pela alfabetização e pelos intelectuais europeizados; entre os anos 20 e 30 deste século, pela expansão do capitalismo e ascensão democratizadora dos setores médios e liberais, pela contribuição de migrantes e pela difusão em massa da escola, pela imprensa e pelo rádio; desde os anos 40, pela industrialização, pelo crescimento urbano, pelo maior acesso à educação média e superior, pelas novas indústrias culturais (CANCLINI, 2003, p. 67).

Nem isso, entretanto, foi suficiente para “acompanhar” a modernização, ou a modernidade que acontecia na Europa. No Brasil mesmo, de acordo com Renato Ortiz, o índice de analfabetismo, em 1890, era de 84%. A tiragem de um romance era de apenas mil exemplares. Não era diferente no restante da América Latina, onde as oligarquias ainda impunham a divisão de classes e limitando a expansão da modernidade (CANCLINI, 2003, p. 68-69).

Canclini afirma que a limitação da modernidade sempre foi útil às classes dominantes:

Modernização com expansão restrita do mercado, democratização para minorias, renovação das ideias mas com baixa eficácia nos processos sociais. Os desajustes entre modernismo e modernização são úteis às classes dominantes para preservar sua hegemonia, e às vezes para não ter que se preocupar em justificá-la, para ser simplesmente classes dominantes (CANCLINI, 2003, p. 69).

O autor questiona a noção de “atraso” da modernidade latino-americana em relação às metrópoles. Canclini dialoga com um artigo de Perry Anderson, concordando que, mesmo na Europa, o modernismo cultural não acompanhou necessariamente a modernização estrutural, ou a industrialização, especialmente. A Inglaterra, de Anderson, “precursora da industrialização capitalista, que dominou o mercado mundial durante cem anos, ‘não produziu nenhum movimento nativo de tipo modernista virtualmente significativo nas primeiras décadas deste século’” (CANCLINI, 2003, p. 72). Os movimentos modernistas surgiram onde houve uma “interseção de temporalidades históricas”, mesclando alto academicismo, o surgimento de novas tecnologias do século XX (rádio, telefone, automóvel, etc) e a expectativa por revoluções sociais na Europa ocidental.

Heterogeneidade temporal torna a América Latina campo fértil para o surgimento de um movimento como o modernismo, isso, porque, havia preocupações

dos intelectuais escritores em chamar a atenção de seus públicos, elites aristocráticas, justamente para as contradições sociais em seus países.

Essas contradições entre o culto e o popular receberam maior importância nas obras que nas histórias da arte e da literatura, quase sempre limitadas a registrar o que essas obras significam para as elites. A explicação dos desajustes entre modernismo cultural e modernização social, levando em conta apenas a dependência dos intelectuais em relação às metrópoles, negligencia as fortes preocupações de escritores e artistas com os conflitos internos de suas sociedades e com os obstáculos para comunicar-se com seus povos (CANCLINI, 2003, p. 74-75).

A separação entre o movimento intelectual e a realidade, pode ser averiguada no fato de a Constituição brasileira de 1824 incorporar a Declaração de Direitos Humanos, enquanto prevê a manutenção da escravidão no país.³⁹

Desta forma, Néstor Canclini conclui que

não foi tanto a influência direta, transplantada, das vanguardas europeias o que suscitou a veia modernizadora nas artes plásticas do continente, mas as perguntas dos próprios latino-americanos sobre como tornar compatível sua experiência internacional com as tarefas que lhes apresentavam sociedades em desenvolvimento e, em um caso, o mexicano, em plena revolução (CANCLINI, 2003, p. 78).

Na prática, a expressão artística local foi modificando o caráter do que era considerado culto na América Latina, de maneira que o espírito de 1922 já encontrou ressonância no público: ser culto não significava mais apreciar a imitação do que era produzido na Europa, mas apreciar nossas características próprias:

Essa reorganização híbrida da linguagem plástica foi apoiada por transformações nas relações profissionais entre os artistas, o Estado e as classes populares. Os murais em edifícios públicos, os calendários e os cartazes e revistas de grande circulação foram resultado de uma poderosa afirmação das novas tendências estéticas dentro do incipiente campo cultural, e dos vínculos inovadores que os artistas foram criando com os administradores da educação oficial, com sindicatos e movimentos de base (CANCLINI, 2003, p. 82).

Poderíamos dizer que, como o movimento modernista, rompeu-se com a comparação do “nosso” com o “europeu”, de maneira que não fez mais sentido algum a

³⁹ Isso porque a criação da categoria “homem livre” somente sobrecarregou negros trabalhadores como carga horária e nenhuma subsistência, como moradia e alimentação.

noção de atraso cultural em relação à Europa. A América Latina, como um todo, produzia agora sua própria cultura, inclusive suas próprias vanguardas.

2.2 A pluralidade americana e suas relações

Importantes relações literárias interamericanas são discutidas por Zilá Bernd (2008) em “Americanidade/Americanização”. Americanidade é, para a autora, um conceito ligado às questões de identidade, “podendo corresponder a um anseio de afirmação identitária mais abrangente, para além das nacionalidades, dos gêneros e das etnias, por tratar-se de um desafio de identificação continental” (BERND, 2008, p. 1). Isso implica que, apesar da grande heterogeneidade cultural, e também social – pois são grandes as discrepâncias no que tange à distribuição de riqueza nos três continentes anseia-se por uma identidade comum nas Américas.

Para Bernd, é preciso balizar palavras de uso bastante comum: americano/a e América. Logo, esbarra-se em ambiguidades, visto que estadunidenses se autoneoiam americanos e são assim referidos pelos demais habitantes dos três continentes. O mesmo acontece com a denominação do país inteiro, os Estados Unidos da América (EUA), de maneira que é corrente chamá-lo “América”.

A ambiguidade vem do fato desses cidadãos não se nomearem estadunidenses, mas americanos, num processo metonímico hipervalorizante. Enquanto os habitantes dos países latino-americanos estavam se empenhando em definir-se como argentinos, uruguaios, colombianos, brasileiros, etc, implicados em resolver a questão da identidade nacional, os estadunidenses se apropriaram dos termos “América” e “americano”, fazendo com que hoje, quando se fala de “cultura americana” ou “cinema americano” ou simplesmente quando dizemos que “fulano é americano”, por exemplo, associa-se o adjetivo, em primeiro lugar, aos Estados Unidos (BERND, 2008, p. 3).⁴⁰

⁴⁰ É importante ressaltar que nem sempre houve essa “incoerência retórica”. No século XVIII, Basílio da Gama, em *O Uruguai* (1769), referiu-se à “Liberdade Americana”, e aos índios como “rude americano”. Nos sermões do Padre Antonio Vieira, especialmente no “Sermão da Epiphania”, ao mencionar que Ásia, África e Oceania estavam representadas nos três reis magos, indaga pela América, clamando que esse continente também seja lembrado. Também José de Alencar se apropriou do termo americano para declarar a literatura nacional como a “seiva americana”. Esse gesto, que pode ser interpretado como “usurpação” do termo “americano” e “América”, mostra o comprometimento local dos românticos brasileiros, afastando-se e opondo-se cada vez mais à literatura europeia. Um pouco mais tarde, o antropofagismo modernista iria prenunciar o que hoje se entende por americanidade, ao trazer a lume a visão de mundo autóctone e afro-americana, e sobrepô-la à europeia (BERND, 2008, p. 5-7).

Num esforço discursivo, seria mais apropriado adjetivar “norte-americano” o que corresponde aos EUA. Da mesma forma, “americanização” tem sido usado para designar as tendências de reprodução da cultura norte-americana em outras partes do mundo, enquanto, na verdade, trata-se de uma “norte-americanização”. Evidentemente, essa é uma questão retórica, mas a desambiguação é pertinente à consciência latino-americana enquanto parte integrante da vasta “América”.

No contexto quebequense, há diferentes perspectivas para a “americanidade”. Gérard Bouchard, citado por Bernd, analisa positivamente o conceito:

Só emerge uma literatura quebequense, a qual irá nomear a nação que passará a chamar-se Quebec, quando a cultura se torna realmente americana, isto é, deixa-se impregnar pelos neologismos, impurezas, anglicismos e transgressões associados à redescoberta da América (BOUCHARD *apud* BERND, 2008, p. 10).

Porém, há no Quebec quem veja a noção de americanidade com desconfiança e reticência. Um exemplo é a posição de Jean Morisset, para quem a americanidade é um neologismo hispânico (*americanidad*) que continua vinculado aos Estados Unidos. Essa também é a posição do escritor Yvan Lamonde, que afirma:

a noção de americanidade não deve se confundir com uma aceitação incondicional da americanização “ou de qualquer forma de imperialismo, garantindo a vigilância contra qualquer projeto em que o econômico venha a comandar a continentalização do imaginário e da cultura” (LAMONDE *apud* BERND, 2008, p. 12).

Noutro contexto, o caribenho, a noção de criouldade entrelaça-se à de americanidade. Em 1927, no Haiti, surge a *Revue Indigène* buscando o que havia de mais original, não no sentido de tábula rasa, mas de autêntico nas culturas caribenhas, antes da chegada dos colonizadores. Rompia-se o “cordão de isolamento erguido entre a América hispânica e a América francesa” (BERND, 2008, p. 12-13). Coincide com o intento do Manifesto Antropofágico brasileiro (1928), onde ganha destaque o ponto de vista do indígena, o autóctone americano. Outro manifesto caribenho, em 1989, o *Éloge de la créolité*, assinado por Jean Bernabé, Raphaël Confiant e Patrick Chamoiseau, afirma a criouldade com seu potencial transnacional. Elementos culturais caribenhos, europeus, africanos, asiáticos, etc, forjam aquilo que pode ser chamado de cultura caribenha. A criouldade distinguia-se das tendências de americanização, por designar o “contato brutal de populações culturalmente diferenciadas que foram levadas a

inventar novos esquemas culturais, para permitir sua coabitação” (BERNABÉ *et alii* *apud* BERND, 2008, p. 14). Essa forma de pensamento foi considerada recentemente, por Walter Mignolo, um caso de pensamento da margem, portanto uma “outra lógica, a lógica da diversidade”. Nesse contexto, é importante a contribuição de Dany Laferrière, de origem antilhana, cidadão canadense, que viveu no Quebec e mora atualmente nos Estados Unidos:

A América, para ele, seria um lugar de cruzamentos: escrever em francês, no jardim da casa de sua mãe no Haiti, contos que ela lhe contara em *crèole*, faz dele um americano, como se o continente americano fosse uma espécie de elo de ligação entre dois mundos, um espaço de hibridação (BERND, p. 15).

No contexto hispano-americano surge o conceito de *americanidad*. Zilá Bernd destaca que, a partir do pensamento de Aimé Bolaños e Ricardo Ávila, a *americanidad* traria implícita (ou mesmo explícita) não só a política antiassimilacionista (pela qual os EUA pretendiam anexar o território abaixo do Rio Bravo), mas também a contrapostura em relação aos EUA. “Teriam sido, segundo Ávila, a postura dos norte-americanos de se declararem paladinos da democracia que deu origem a uma identidade antagonista na América Latina, opondo as Américas do Norte e do Sul” (BERND, 2008, p. 16).

Por fim, Zilá Bernd afirma que “na conjuntura da pós-modernidade, reconhece-se a vasta heterogeneidade de culturas em presença na América e sua capacidade de hibridação e de aceitação do diverso em uma harmonia polifônica, como referem os autores do *Éloge de la créolité*” (BERND, 2008, p. 16). Essa é a tônica que a autora pretende dar ao conceito de americanidade.

2.2.1 Algumas Américas, por Ana Pizarro

Ana Pizarro, em *O sul e os trópicos* (2006), propõe o mapeamento de algumas grandes áreas culturais na América Latina. Essa designação é fruto de um projeto que a própria pesquisadora chilena organizou, ao longo de mais de dez anos, sobre a história da literatura latino-americana⁴¹.

A primeira grande área é a mesoandina.

⁴¹ Os resultados se encontram em três volumes sob o título *América Latina: palavra, literatura e cultura* (1993).

A história da cultura percebeu com nitidez a área mesoamericana e andina que, além do mais, numa avaliação um tanto rápida, conferiu o caráter fundamental ao continente. Trata-se, como sabemos, de um espaço geográfico com história e perfil próprios que se estende desde o norte do México, ao longo da cordilheira dos Andes, cruzando pela América Central. Nesta área, a característica básica seria a existência histórica e a memória presente de culturas indígenas cuja densidade e complexidade (também demográfica), mais do que suas diferenças étnicas – leia-se cultura asteca, maia, chibcha ou incaica –, lhe imprimem um caráter específico ao desenvolvimento posterior da dinâmica transcultural. Darcy Ribeiro chamou a forma resultante desta dinâmica de “povos de testemunho” (PIZARRO, 2006, p. 95).

A segunda grande área cultural da América Latina abrange o Caribe e a costa atlântica, e remete à forte influência negra nessa região e, conseqüentemente, nas imigrações caribenhas para países europeus, já na segunda metade do século XX:

Como espaço geográfico, esta área abarca o arquipélago das Antilhas e a costa atlântica até uma parte importante do Brasil. Trata-se de um espaço cultural com marcas africanas cuja origem, como sabemos, encontra-se no chamado comércio triangular, a escravidão e, como foi trabalhado por Moreno Fragnals ou Carrera Damas, entre outros, na economia de *plantation*. A memória desta área cultural incorpora o tráfico inicial e sua contrapartida, os frequentes episódios de rebelião – trincheiras defensivas, quilombos, guerras de resistência negra na Jamaica –, configurando uma estrutura de pensamento que em pouco tempo encontrou os subterfúgios do sincretismo. Darcy Ribeiro define estas formações como “povos novos” (PIZARRO, 2006, p. 96).

Seguindo uma definição de Ángel Rama, Pizarro apresenta a terceira área cultural – o Atlântico sul, abarcando a região geográfica de São Paulo até Buenos Aires, concentrando culturas de imigração “cujo perfil foi esboçado por Rama como cultura com vocação de vanguarda. Ribeiro chamou este caso de ‘povos transplantados’. São áreas ligadas aos grandes centros internacionais da modernidade cultural” (PIZARRO, 2006, p. 96).

A quarta área refere-se ao Brasil com suas subáreas internas. “Historicamente, a relação com o Brasil constituiu uma espécie de grande parêntese na América hispânica e, ainda que em menores proporções, creio eu, o mesmo ocorreu no sentido inverso” (PIZARRO, 2006, p. 97). A autora não se detém nos motivos prováveis desse isolamento, mas chama a atenção para o fato de, enquanto latino-americanos, não conhecermos adequadamente a complexidade cultural de um vasto território ao qual corresponde nosso país. “Ignoramos uma cultura de enorme riqueza e pluralidade que

ocupa a metade do continente, ignoramos o universo imaginário de quase 200 milhões de pessoas e, no entanto, queremos falar com propriedade da América Latina” (PIZARRO, 2006, p. 97).⁴²

Uma quinta área: as culturas das grandes planícies e suas similaridades.

A cultura das grandes planícies – o páramo mexicano, o sertão brasileiro, a savana venezuelana, o pampa argentino – que se constituíram em regiões de cultura popular tradicional, frequentemente oral, às vezes escrita, como no caso da literatura de cordel brasileira atual, assim como da mexicana ou da chilena no início do século; às vezes incorporada à literatura ilustrada dos setores médios, como um primeiro fenômeno no continente de cultura de massas, como no caso da gauchesca da Argentina e do Brasil no século XIX (PIZARRO, 2006, p. 97).

A Amazônia corresponde ainda, para Pizarro, a outra grande área cultural. Também pouco conhecida, embora esteja presente desde o início nas histórias contadas sobre o continente. Os mitos e lendas dessa área cultural povoaram as narrativas dos viajantes Lope de Aguirre, Humboldt e Pedro Teixeira. Amazonas, Eldorado, uma selva misteriosa, dentre tantas outras, constituem o imaginário da América Latina, bem como sua identidade cultural. “A Amazônia é hoje para nós, como para todos – internacionalmente falando –, um centro de importância ecológica, mas, além disso, é um centro de elaboração cotidiana de cultura, de densidade histórica e de imaginários” (PIZARRO, 2006, p. 104). Atualmente, torna-se centro de atenção internacional pelo patrimônio ecológico e também por seus graves problemas, como o narcotráfico.

Essa divisão em áreas nos ajuda a visualizar não apenas a pluralidade, mas a densidade cultural da América Latina. Quanto às grandes áreas, a própria autora

⁴² Evidencia-se o isolamento do Brasil em relação à América hispânica. Os fatores que acarretaram isso remontam às rivalidades das metrópoles de origem na Europa – Portugal e Espanha. Tratavam-se de diferentes políticas expansionistas. “Na perspectiva dos portugueses, já existia o conhecimento da alteridade, eles conviveram com outras línguas e culturas, outras religiões, inclusive o continente recém-descoberto não tinha para o português a importância dos domínios asiáticos e, portanto, sua relação com ele foi mais frouxa do que no caso do espanhol. Incorporava a nova realidade com um catolicismo mais aberto que o da Espanha; a mestiçagem, como menor reticência ao contato. Se tudo estava permitido abaixo da linha do Equador, como dizia o provérbio português, a Terra de Santa Cruz rapidamente trocou sua denominação e a cor extraída do pau-brasil demonizou seu perfil. As visitas da Inquisição não faziam senão constatar o previsível. E, ainda que ambos os conquistadores não chegassem com as mãos vazias, mas com uma mochila bem carregada, que continha imaginários provenientes de diversos momentos históricos desde a Antiguidade greco-latina, por estas razões, entre outras, estes imaginários tinham muitas vezes diferentes sentidos” (PIZARRO, 2006, p. 105). As áreas lusitana e hispânica constituíram-se, paralelamente, como dois centros de difusão cultural e suas relações divergências e convergências, reconhecimento e estranheza. Essas negociações articularam três dispositivos simbólicos: a subjetividade alternativa, a constituição dos projetos nacionais nos imaginários e os regionalismos que geraram discursos localizados.

destaca: “Cada uma delas é a América Latina, porém, ao mesmo tempo, não o é isoladamente” (PIZARRO, 2006, p. 103).

2.2.2 Ainda outra América: latinos nos Estados Unidos

Ana Pizarro (2006) identifica uma nova área cultural latino-americana. Trata-se da presença latina nos Estados Unidos, gerada pela migração das últimas décadas. Corresponde a uma área, que a autora denomina extraterritorial, com mais de 30 milhões de pessoas. Não se refere somente à imigração mexicana nos Estados Unidos, que deu origem à comunidade e cultura *chicanas*. Há também a presença caribenha nesse contingente imigratório, pois muitas pessoas migraram de Porto Rico, Cuba, República Dominicana, e ainda das ilhas de fala inglesa, para o norte do México e para os Estados Unidos, constituindo a onda de imigração hispânica (*hispanic*) na América do Norte:

Parece importante observar, neste caso, o caráter deste impacto, já que se trata de um fenômeno de mão dupla. Mesmo que a sociedade latina incorpore e transforme a cultura da vida cotidiana norte-americana, gerando, assim, novas linguagens e perspectivas, a cultura norte-americana também acusa a presença do mundo mexicano e caribenho na sua cultura popular e de massas, assim como no campo ilustrado do mercado editorial. O interessante na dinâmica que se produz é a configuração desse espaço de “entre lugar”, como o chamou Silviano Santiago, o espaço da fronteira onde se produz a negociação que dá origem à forma cultural diferente e irreduzível a seus componentes (PIZARRO, 2006, p. 98).

Esse contingente de pessoas já não pode ser ignorado dentro da nação estadunidense. De acordo com Felipe Brum Cunha (2010), o principal fator para essa onda imigratória é o econômico, dado o subdesenvolvimento dos países de origem dos imigrantes nos Estados Unidos. Um fenômeno mundial, que desloca massas de pessoas do hemisfério Sul para o hemisfério Norte, em boa parte de maneira ilegal.

O intercâmbio desigual, a ação das multinacionais, e a hegemonia dos países capitalistas centrais produziram um mecanismo de extração do excedente produzido na periferia, uma modalidade internacional do conceito de exploração. Impossibilitados de apropriar-se do excedente produzido localmente, os países pobres nunca teriam os recursos necessários para seu desenvolvimento e não conseguiriam reduzir o *gap* (econômico, tecnológico, militar) que os separa dos países ricos e os condena à dependência (WALLERSTEIN & AMIN *apud* CUNHA, 2011, p. 62).

No quadro geral da imigração ilegal nos EUA, o principal país de origem latina é o México, conforme Cunha (2012), compondo em torno de 62% dos imigrantes ilegais. O segundo país no *ranking* da ilegalidade é El Salvador, seguido pela Guatemala e Honduras. Se levarmos em consideração o PIB (Produto Interno Bruto) *per capita* dos principais países de origem dos imigrantes ilegais nos Estados Unidos, as discrepâncias evidenciam-se. Em 2009, segundo o World Bank, o PIB *per capita* dos EUA foi de \$ 46.436 (dólares). Do México \$ 8.144, de El Salvador \$ 3.598, da Guatemala \$ 2.623, de Honduras \$ 1.960 (CUNHA, 2012, p. 37). O fator fronteira direta também se mostra definidor da imigração ilegal. De acordo com o mesmo relatório do World Bank, em 2009, o PIB *per capita* do Brasil e México eram superiores a \$ 8.000 dólares. A Índia possuía PIB *per capita* de \$ 1.122, o que justificaria um contingente de imigrantes indianos nos EUA maior do que dos outros dois países. Entretanto, a distância Ásia-América do Norte dificultaria e inibiria a imigração indiana nos EUA, o qual corresponde a cerca 200.000 imigrantes, enquanto a imigração mexicana corresponde a 11.580.000 imigrantes ilegais.

Para Cunha, as diferenças econômicas entre os países americanos, desta forma, têm levado muitas pessoas a imigrarem para os Estados Unidos. Entretanto, as dificuldades da imigração legalizada têm gerado situações de risco na travessia do Rio Bravo e no deserto do Arizona. Apesar de toda adversidade, a fronteira México-EUA continua sendo permeada. Em 2011, o presidente norte-americano Barak Obama afirmou a inviabilidade de deportar 11 milhões de pessoas, que seria o contingente de imigrantes ilegais vivendo no país. “Não é prático”, pronunciou.

2.2.2.1 A “grande cerca”: a política de imigração dos Estados Unidos da América

Em campanha eleitoral, Barak Obama anunciava uma Reforma da Imigração. E sabe-se que o posicionamento favorável à legalização dos imigrantes ilegais, do então candidato à presidência dos Estados Unidos da América, contribuiu em muito para sua eleição. Os pontos previstos em seu plano de governo para *to bring people out of the shadows* abrangem as estratégias já utilizados nos governos de Ronald Reagan e Bill Clinton: reforçar as fronteiras e legalizar os imigrantes clandestinos.

Algumas ações foram implementadas. Embora não preveja conceder anistia total aos imigrantes ilegais, o governo Obama defende a criação de um sistema que inclui

pagamento de multa, aprender inglês e entrar na fila da legalização da cidadania, ou melhor, no final dela. Apesar disso, em 2010 foram deportadas 392.862 pessoas, mais do que em 2009 (389 mil) e 2008 (369 mil). Até mesmo porque os cidadãos norte-americanos são permanentemente desafiados a denunciarem os imigrantes ilegais e a não lhes oferecer empregos ou contratá-los (CUNHA, 2012, p. 65).

Em 2010, o Governo Obama destinou US \$ 600 milhões para o reforço da fronteira sul, através de contratação de patrulheiros e investimento em aparelhos e viaturas de alta tecnologia, como o uso de avião teleguiado e radares de luz infravermelha.⁴³

Entretanto, o assunto é extremamente polêmico. O investimento de 2010 sofreu duras críticas. O mesmo aconteceu com a lei SB 1070 do Estado do Arizona. Com cerca de 30% da população constituída de imigrantes de origem latina⁴⁴, o Estado aprovou, também em 2010, uma lei para maior fiscalização da imigração ilegal. Previa, por exemplo, a proibição da contratação de *day laborers*, os trabalhadores “por dia”, frequentemente contratados por produtores rurais norte-americanos.

O ponto da SB 1070 que causou maior polêmica, tendo inclusive repercussão internacional, foi o que tornava crime não apresentar documentos que comprovassem o *status* de imigrante legalizado. Havia ainda um critério de abordagem igualmente polêmico, o qual permitia um policial abordar um indivíduo que apresentasse “suspeita justificada”, referindo-se principalmente aos aspectos dos traços étnicos latinos, como a cor da pele. Esse aspecto da lei foi considerado inconstitucional, por basear-se em critérios de raça e cor (embora a então governadora do Estado o negasse), mas dividiu a opinião pública. Logo após a aprovação da lei, uma pesquisa do Instituto Gallup mostrou que 51% dos americanos se mostrava favorável à lei e 39% contrário. A polêmica da SB 1070 incluiu ainda diversos protestos públicos em prol dos direitos humanos (CUNHA, 2012, p. 71-72).

Desta forma, percebemos o quanto é incômodo o assunto da imigração ilegal nos Estados Unidos, cuja maioria absoluta é de origem latina, ou *hispanic*, como é conhecida lá. A polêmica não se dá apenas pela preocupação humanitária da

⁴³ Vale lembrar que a cerca física com mais de 3.000 km de extensão na fronteira México/Estados Unidos da América, foi implementada com uma cerca virtual, um sistema de tecnologia de ponta que inclui torres de radares, satélites e até mesmo aviões teleguiados. Ainda assim, milhares de pessoas vindas das Américas do Sul e Central atravessam ilegalmente, todos os anos, essa fronteira, dentre eles, muitos brasileiros. Uma discussão interessante é levantada em <http://pessoas.hsw.uol.com.br/cerca-virtual4.htm>. Acesso em 05 de fevereiro de 2014.

⁴⁴ De acordo com Cunha (2012), apenas 12% é legalizada.

comunidade internacional e suas vozes internas, mas pela forte presença latina, inclusa, mesclada, imbricada no tecido social norte-americano.

2.2.2.2 Brazucas são latinos?

Desde o final da década de 1980, o Brasil vivencia uma nova onda de emigração, contrastando com seu passado histórico de imigração. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, em 2011, 3,1 milhões de brasileiros residiam fora do país. Destes, quase 1,4 milhões estão nos Estados Unidos da América, onde também são conhecidos como “brazucas” (MARGOLIS, 2013, p. 19)⁴⁵.

Para Maxine Margolis (2013), o fator econômico é o motivo para a emigração brasileira.

O Brasil sofreu uma série de crises econômicas nas três últimas décadas. A partir de meados dos anos 1980, os brasileiros vinham lutando contra altos índices de desemprego e subemprego, baixos salários, custo de vida alto e, até 1994, inflação fora de controle. A classe média brasileira, em particular, foi atingida severamente por essas condições, tornando difícil demais manter o padrão de vida e minando, assim, suas expectativas (MARGOLIS, 2013, p. 22).

A falta de perspectiva de boas condições de emprego empurrou muitos jovens para fora do Brasil. Cerca de 1,3 milhões de pessoas entre 20 e 44 anos de idade deixaram o país, com ensino médio completo e, muitos, inclusive com diploma de curso superior.⁴⁶ Esse quadro nos levaria a incluir o caso da imigração brasileira na imigração latina nos Estados Unidos. Entretanto, por questões de identidade, muitos brasileiros rejeitam essa inclusão. Um dos principais motivos é identidade étnica-racial:

⁴⁵ Os EUA é o principal destinos dos emigrantes brasileiros. Em seguida está o Japão, onde vivem cerca de 230 mil brasileiros, e o Paraguai, onde vivem cerca de 200 mil brasileiros (MARGOLIS, 2013, p. 19). De acordo com Neide Lopes Patarra (2005), em “Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas”, os dados do Ministério de Relações Exteriores junto aos consulados e embaixadas brasileiras apontam um total de 1.419.440 brasileiros vivendo no exterior em 1996. Esse índice eleva-se para 1.887.895 em 2000 e 2.041.098 em 2002, com ligeiro declínio em 2003, ano em que foram registrados 1.805.436 brasileiros vivendo fora do país. A pesquisadora afirma ainda que os Estados Unidos da América tem sido o principal país receptor de imigrantes, em boa parte, clandestinos. Os brasileiros, assim como os imigrantes de outras nacionalidades, se sujeitam a um rebaixamento de seu *status* social em prol da recompensa financeira imediata, uma vez que, no Brasil, a falta de oportunidade de emprego e o longo período de recessão econômica bloqueiam sua ascensão social.

⁴⁶ Governador Valadares (MG), Criciúma (SC) e Piracanjuba (GO) são as cidades que mais têm jovens saindo para o exterior. Essas cidades contam com agências de emprego e de remessas de dinheiro. Dentre a população jovem, nesses lugares, cria-se uma “cultura de emigração”, indicando a tendência de que mais jovens deixem o país em breve (MARGOLIS, 2013, p. 25).

Nos Estados Unidos, por exemplo, os imigrantes brasileiros reclamam, com veemência, do fato de os norte-americanos os confundirem, de maneira sistemática, com os hispânicos, e insistem que não pertencem a essa etnia porque falam português, e não espanhol (MARGOLIS, 2013, p. 25).

Margolis lembra que Darcy Ribeiro, há alguns anos, já identificara esse sentimento de singularidade que a nação brasileira tem em relação a si própria. Isso pode explicar a dificuldade de autoaceitação do pertencimento a qualquer outro grupo étnico. Nos Estados Unidos, a não identificação com a comunidade hispânica tem custado a invisibilidade da comunidade brasileira. À medida que crescem os movimentos pró-imigração hispânica, é possível que os brasileiros unam forças e aceitem formar um único bloco, o de latino-americanos vivendo nos EUA (MARGOLIS, 2013, p. 25-26)⁴⁷.

Quando imigrantes brasileiros dizem: “Não somos como eles”, referem-se a outros grupos imigrantes, em especial os hispânicos, falantes de espanhol, dizendo respeito não só à sua etnia, mas também à sua classe social considerada inferior. Esse discurso de fronteiras sociais em terras exteriores remete às distinções de classe no próprio Brasil. Em Nova York, os brasileiros também se autodiferenciam dos imigrantes hispânicos por se considerarem um povo mais ordeiro e obediente à lei, que não “causa problema” como os hispânicos. Inclusive um pronunciamento do cônsul-geral do Brasil em Nova York teve grande repercussão na imprensa brasileira e internacional. Em reunião com líderes da comunidade brasileira em Nova York, pediu para “não se misturarem com os *cucarachos*”, fazendo referência à comunidade hispânica. Criticado por discriminação, o diplomata pediu desculpas por ter usado a palavra *cucaracho* (barata), e que apenas queria reforçar que os brasileiros continuassem sendo conhecidos como “ordeiros e trabalhadores”, diferenciando-se de “outras comunidades [que] seriam arruaceiras e formariam gangues” (MARGOLIS, 2013, p. 233-234).

Desta forma, brasileiros nos Estados Unidos assumem os estereótipos dos próprios norte-americanos em relação à comunidade latino-hispânica. Constroem sua identidade, afirmando-se diferentes dos demais imigrantes trabalhadores. Isso pode

⁴⁷ Os brasileiros nos EUA tendem a fazer uma distinção entre si, principalmente os pioneiros, que lá chegaram a algumas décadas, e os mais recentes. A acusação é de que esses não teriam senso comunitário. “Nos Estados Unidos, a questão problemática do senso de comunidade entre os imigrantes brasileiros e das instituições de base comunitária – ou melhor, da falta de ambos – foi apelidada de ‘brasfobia’. Envolve o que denomino de ‘o discurso de brasileiros falando mal uns dos outros’” (MARGOLIS *apud* MARGOLIS, 2013, p. 27).

acontecer não só quando assumem trabalhos ditos superiores, mas quando desempenham as mesmas funções braçais, como, por exemplo, o trabalho como empregada doméstica ou faxineira. Reforçam ao mesmo tempo o preconceito local e reavivam a antiga rivalidade colonial, Portugal-Espanha (MARGOLIS, 2013, p. 235).⁴⁸

As questões de raça se mostram importantes para os brasileiros. Porém, os padrões brasileiros, ainda herança colonial, não são exatamente os mesmos nos Estados Unidos:

Onde raça e aparência física se inserem na complexa teia da identidade brasileira? Afinal de contas, os brasileiros vêm de um país onde o “branqueamento da raça” é parte de sua história, uma nação onde “pessoas de cor” estão em maioria e onde o mito do Brasil como “paraíso racial” se perpetua. Eles então viajam para um país onde a categoria “não branco” substitui a de “mulato”, onde reina um sistema simplista de apenas duas raças e onde a regra de “uma única gota de sangue negro” ainda prevalece. Em termos de raça, uma maioria de imigrantes brasileiros se descreve como “brancos”, embora, nos Estados Unidos, eles descubram logo que, em virtude da tal regra de uma gota, nem todos os norte-americanos os veem dessa maneira. Na realidade, quando pedem que declarem a identidade racial, muitos brasileiros preferem a categoria “outra” que tem um quê de multirracial e lhes dá a oportunidade de evitar os rótulos de “hispanico” e “latino”. Além disso, a categoria “outra” se aproxima mais da ideologia nacional dominante no Brasil de que os brasileiros são de fato “uma mistura de todas as raças” (MARGOLIS, 2013, p. 238).

Com vistas ao futuro, Margolis sugere algumas possibilidades na relação das comunidades brasileira e latina nos Estados Unidos. Podem “diluir-se” na sociedade norte-americana, passando a serem considerados cidadãos norte-americanos “brancos”, como aconteceu com italianos, irlandeses e judeus. Tal assimilação se daria pela não aproximação política ao grupo de latino-hispanicos. Para Margolis, a não integração a esse bloco gerará o enfraquecimento político da comunidade brasileira. Mesmo assim, ainda seria possível que os imigrantes brasileiros optassem por se manterem como uma minoria nacional dentro dos países onde se encontram. Existe, ainda, a possibilidade de

⁴⁸ Na Flórida, entretanto, os brasileiros tendem a se identificar melhor como latino-americanos, porque lá vive um número significativo de latinos ou hispanicos com poder econômico e político. Miami torna-se referencial nesse ponto: “Lá os brasileiros podem ir a um restaurante de *fast-food* que atende a hispanicos e jantar o tão familiar arroz e feijão com suco de frutas tropicais. O sul da Flórida é também um local desejável por causa da facilidade relativa de comunicação em ‘portunhol’, uma mistura de português e espanhol (Oliveira, 2004). Alguns brasileiros dizem que se sentem mais em casa no sul da Flórida do que em outras partes dos EUA em virtude da latinidade prevalente na região” (MARGOLIS, 2013, p. 236).

retornarem ao Brasil, caso haja uma reviravolta na economia tanto deste, como dos países para onde imigraram (MARGOLIS, 2013, p. 244).

2.2.3 O Caribe no meio do caminho

Em certo sentido, o Caribe e a América Central constituem uma transição. Geograficamente, ao mesmo tempo separa e une as Américas. Para César Fernández Moreno (1979), o elemento negro é responsável por outra natureza de aglutinação entre as Américas separadas pelo Rio Bravo.

Aquilo que a América Latina tem de africano vem a ser, ao mesmo tempo, seu *trait d'union* com a América anglo-saxã: foram essa raça e essa cultura que se encarregaram de soldar os dois enormes subcontinentes que constituem as Américas. As ilhas do Caribe e a América Central constituem uma transição entre a América do Sul, exemplarmente latina, e a América do Norte, exemplarmente anglo-saxã. Nesta zona, nem mesmo é sempre precisa a delimitação básica e correlativa entre essas duas culturas colonizadoras, já que ambas nela coexistiram e coexistem ainda (MORENO, 1979, p. XVIII).

A problemática identitária, em especial, nas ilhas do Caribe, mobilizou o pensamento intelectual dessa região. Eurídice Figueiredo, em *Construção de identidades pós-coloniais nas Antilhas* (1998), apresenta o uso da língua crioula, pelos escritores antilhanos, como estratégia discursiva onônima nas Antilhas. Essa experiência literária Antilhana é, portanto, francamente americana.

De acordo com Figueiredo, o conceito de criouldade aparece como sinônimo de mestiçagem, no manifesto *Eloge de la créolité*, publicado em 1989 por Jean Bernabé, Raphaël Confiant e Patrick Chamoiseau, escritores antilhanos. A noção de criouldade, no manifesto, está vinculada a esse caráter aglutinador de diferenças. O crioulo é "veículo original de nosso eu profundo, de nosso inconsciente coletivo, de nosso gênio popular" (BERNABÉ *et alii apud* FIGUEIREDO, 1998, p. 104).

Também o conceito de estética da oralidade, proposto por Edouard Glissant, é pressuposto para a compreensão de criouldade: "A era das línguas orgulhosas de sua pureza deve acabar para o homem: começa a aventura as linguagens (das poéticas do mundo difratado mas recomposto)" (GLISSANT *apud* FIGUEIREDO, 1998, p. 105).⁴⁹

⁴⁹ Patrick Chamoiseau adapta o francês à sua escrita romanesca, crioulandando-o a ponto de criar uma língua própria – o francês "chamoisisé", segundo Milan Kundera. Esse recurso está longe de ser uma proposta de uma nova norma linguística. Na verdade nem é essa sua intenção, nem de outros escritores,

Sua própria escrita afirmou a forma de escrever em língua francesa os contos, provérbios e outras narrativas da tradição oral antilhense, utilizando vocábulos e expressões essencialmente crioulas.

Para Edouard Glissant, de acordo com Figueiredo (1998), criouldade é um conceito que suporta outros, como negritude, latinidade, etc. Portanto, propõe o uso do termo criouldização, referindo-se ao "emaranhado" de relações e jogos de relações no qual as culturas estão envolvidas, nas Américas, desde o início da experiência colonial. Glissant afirmaria ainda que as culturas neoamericanas (as que se geraram nas plantações escravagistas do período colonial) são compósitas, similares a um amálgama. Ou seja, tais culturas estão cheias de vestígios das culturas transplantadas que coexistem de maneira inclusiva (GLISSANT *apud* FIGUEIREDO, 1998, p. 108).

Desta forma, a experiência literária antilhana aponta para a ideia de um palimpsesto de culturas. Adriana Gianvecchio (2008) utiliza a imagem de palimpsesto relacionando à intertextualidade, na qual várias camadas de vestígios de outros textos podem ser percebidas num texto. O palimpsesto foi o pergaminho ou papiro reutilizado, especialmente durante a Idade Média, por meio de uma lavagem ou raspagem do texto anteriormente inscrito. Ao ser observado, o palimpsesto revela traços das escritas apagadas que acabaram formando camadas sob o texto aparente. Na apropriação da ideia à cultura, tem-se a imagem de culturas sobrepostas, onde já não é possível identificar precisamente cada uma das camadas, embora rastros sejam perceptíveis, principalmente quando observados atentamente. Quanto à formação cultural na América Latina, essa noção diz respeito à hibridação cultural por meio do contato das diferentes culturas envolvidas no processo colonial.

2.3 Mobilidades culturais interamericanas em *Azul-corvo*

Em *AC*, há uma série de deslocamentos e subdeslocamentos culturais americanos possíveis, figurados literariamente. Eles surgem da mobilidade das pessoas entre países, como a mudança de Suzana e Evangelina, dos Estados Unidos para o Brasil; da família Salvadorenha que mora no Colorado; do brasileiro Fernando, que deixou Londres e foi para os Estados Unidos atrás de um grande amor; de Isabel, que num vai-e-vem de Porto Rico para os Estados Unidos, não sabe a que lugar pertence de

visto que a literatura antilhense está se consagrando francófona. Trata-se, porém, de uma afirmação de que o crioulo, enquanto língua popular, é a única forma assertiva na designação de elementos da fauna, flora e costumes locais (FIGUEIREDO, 1998, p. 106).

fato. Também movimentos entre cidades, como da jovem Dolores que se casou com um cidadão americano e migrou do Colorado para a Flórida, vivendo o *American dream*; e de Fernando que, todos os dias, migra de Lakewood para Denver. Além de outras movências, próprias “da vida”, como aquelas que acontecem entre as pessoas – casamento, separação, rompimento de laços, morte.

Ao longo da narrativa, percebe-se o quanto essas personagens remetem à condição de imigrantes, legais e ilegais. Sua figuração literária discute questões identitárias muito próprias dos imigrantes latino-americanos nos EUA: os sentimentos da chegada aos EUA, como a comparação com a cidade natal e as estratégias de adaptação na vida cotidiana; a relação com a pátria de origem alterada ao longo do tempo; a problemática do multilinguismo; a identidade permanentemente em trânsito e/ou duplicada; o hibridismo cultural, dentre outras. A seguir, destaco alguns desses aspectos.

2.3.1 Os sentimentos da chegada

Inicialmente, o novo lugar é um utilitário para se conseguir o que se pretende. Para a maioria dos imigrantes latinos nos EUA, como visto anteriormente, o almejado é a “melhoria de vida”. A personagem Evangelina tinha outro objetivo, o de encontrar seu pai:

Lakewood, Colorado. Um lugar estranho. Mas eu não me incomodava com a sua estranheza, porque aquele subúrbio de Denver era, para mim, um **mero utilitário**. Algo de que eu me servia para atingir um fim. Uma **ponte**, um **ritual**, uma **senha** que você fala diante da porta e fica aguardando que abram, enquanto batuca os pés na calçada, olhando ao redor só por olhar. Estar ali era estar em trânsito, e não tínhamos nenhuma relevância para a vida um do outro: nem eu para Lakewood, nem Lakewood para mim (LISBOA, 2010, p. 18, grifos meus).

No período inicial, na nova terra, é comum a comparação com a terra de origem. Evangelina comparara detalhes da vida nas cidades de Lakewood e Copacabana, ao longo do primeiro capítulo. No trecho seguinte, a menina equipara a paisagem:

Sozinha em casa, nas primeiras tardes, eu olhava pela janela e via a imensidão do céu cutucando pelas montanhas a oeste. Havia algum verde, sim, mas era tão pouco que para mim não contava. No meu entender, verde ou era exuberante e denso ou não era verde. Eu desconsiderava aquelas plantinhas raquíticas do deserto. As árvores na

rua pareciam uma inutilidade, uma tentativa malsucedida de comprovar alguma coisa incomprovável, o ar as engolia, o espaço as engolia.

Antes eu estava habituada a caminhar por debaixo das árvores. Atravessava as ruas estreitas e sujas de Copacabana e suas calçadas esbugalhadas com telhados de árvores presentes o ano inteiro. **Agora**, naquela cidade semiárida, as ruas eram largas, limpas e sem sombra. (LISBOA, 2010, p.18, grifos meus).

Assim, a personagem vai contrapondo outros aspectos como o clima, o tamanho das porções de alimentos vendidos nas lanchonetes, o tamanho das roupas de banho, as casas da tia e de Fernando; e a quantidade de baratas (o primeiro capítulo inclusive recebe o título de *Periplaneta americana*), que em Lakewood é menor do que em Copacabana.

2.3.2 Estratégias de adaptação

Existe um núcleo de reflexão, da protagonista Evangelina, a respeito das diferentes maneiras que imigrantes brasileiros e latinos utilizam para adaptarem-se à vida nos Estados Unidos. Nas páginas 70 e 71 do romance, especialmente, a adolescente descreve as suas estratégias e considera importante a “imersão” na cultura norte-americana.

Tente: aja como, vista-se como, fale como as pessoas ao seu redor. Use gírias, frequente os lugares mais frequentados, se esforce para compreender os espaços políticos. Tente não se surpreender a cada vez que vê as pessoas vendendo móveis e roupas e livros usados na garagem de casa (a placa na esquina da rua anuncia a venda: *garage sale*), ou os supermercados oferecendo toneladas de abóboras em outubro e ferramentas para esculpi-las, ou labirintos abertos nos milharais. Finja que nada disso é novidade (LISBOA, 2010, p. 70).

Evangelina também afirma que conhece brasileiros que vivem como se fossem americanos, embora seja difícil esse “disfarce”.

Conheci imigrantes brasileiros que tentavam esquecer que eram brasileiros. Arranjavam parceiros americanos, filhos americanos, empregos americanos, guardavam a língua portuguesa dentro da garganta num lugar de difícil acesso e só se orgulhavam de suas origens quando alguém mencionava de modo elogioso o samba ou a capoeira (essa última também, na origem, a luta dos deslocados, dos expatriados, dos arrancados de casa) [...] No início, pensei que isso fosse estratégia de sobrevivência. Talvez fosse. Ou talvez fosse apenas permeabilidade. Depois de algum tempo, dá trabalho se manter íntegro. Continuar sonhando em português quando as outras dezesseis

horas do seu dia se pautam pelos colegas de trabalho americanos, pelos vendedores americanos, pelo carteiro mexicano que fala inglês com você, pelo rádio americano, pela tevê americana (LISBOA, 2010, p. 70-71).

A imagem do disfarce lembra a definição de “mímica” apresentada por Homi K. Bhabha em *O local da cultura* (1998). O colonizador espera a imitação de seus padrões de comportamento e pensamento por parte de seus colonizados. Estes, por sua vez, “representam a cena” conforme é esperado. Entretanto, trata-se de uma afirmação da cultura do colonizador acompanhada da ameaça visível: os atores da representação são outros, distintos até mesmo na cor da pele. Imitam e fica claro a todos que se trata apenas de uma repetição; a diferença cultural e a recusa permanecem iminentes. Porém, quando a personagem identifica que há imigrantes brasileiros que vivem “como os americanos vivem”, acaba por indicar o empenho do imigrante em ser aceito pela sociedade norte-americana. Não apenas porque é necessário falar inglês, mas porque é importante socialmente parecer um americano nativo, omitindo suas raízes imigrantes. Esse posicionamento foi denominado por Bhabha como “civilidade dissimulada”, onde o colonizado adotava as práticas culturais da “civilização” imposta pelo colonizador como uma ressonância externa; toda ação do colonizado, que imita ou repete a ação do colonizador “civilizado”, carrega em si a contrariade, a insujeição, pela própria diferença colonial:

O discurso imperialista ocidental continuamente põe sob rasura o estado civil, quando o texto colonial emerge incertamente dentro de sua narrativa de progresso. Entre a interpelação civil e sua significação colonial – cada eixo exibindo um problema de reconhecimento e repetição – o significante da autoridade vai e vem em busca de uma estratégia de vigilância, sujeição e inscrição. Aqui não pode haver dialética do senhor e do escravo pais, onde o discurso e tão disseminado, será possível haver uma passagem do trauma a transcendência? Da alienação à autoridade? Tanto o colonizador como o colonizado estão em um processo de cognição equivocada, onde cada ponto de identificação é sempre uma repetição parcial e dupla da *alteridade* do eu – democrata e déspota, indivíduo e servo, nativo e criança (BHABHA, 1998, p.144).

Na percepção da jovem personagem, esse comportamento de abdicação dos costumes nacionais de origem correspondem a uma estratégia de sobrevivência. O que exige do imigrante certa permeabilidade cultural. Um pouco além, Evangelina também considera a possibilidade de se tratar de um desejo de apropriação não só da cultura,

mas a própria riqueza do “primeiro mundo”. O pensamento da personagem aponta nessa direção.

Talvez, uma outra hipótese, essa fosse a doença do imigrante latino-americano no primeiro mundo: o desespero de abraçar com toda força o país rico e dizer quero um pedaço. Minha história não é só minha. É sua também. Por exemplo: de onde vem sua cocaína? A carne do seu churrasco? A madeira ilegal da sua estante? Sua história não é só sua. É minha também. Nosso *American dream*. Afinal, a América é um naco de terra que vai desde o oceano Ártico até o cabo Horn, não? (LISBOA, 2010, p. 71).

Apossar-se das facilidades econômicas de um país desenvolvido parece ser, de fato, um fator norteador de boa parte dos imigrantes nos EUA. O interessante é que a personagem volta a discussão para a relação entre as Américas. Estabelecendo uma unidade geográfica – “naco de terra que vai desde o oceano Ártico até o cabo Horn”, questiona o quê nesses três continentes não deveria ser considerado “americano” e, ao mesmo tempo, se apropria da riqueza do país norte-americano.

2.3.3 Diferença Comportamental

A literatura brazuca⁵⁰, ou seja, aquela que é escrita por brasileiros que vivem no exterior, é rica em trazer nuances da vida desses imigrantes nos EUA. Geralmente seus romances, autobiografias, biografias, crônicas, etc, estão marcados pelo uso da linguagem coloquial e verossimilhança. Neles, discute-se o que significa ser brasileiro e ser norte-americano, revelando o contraste das culturas norte-americana e brasileira, no nível do comportamento cotidiano.

Em “American Dream, *Jeitinho Brasileiro: On the Crossroads of Cultural Identities in Brazilian-American Literature*”, Antonio Tosta (2007), citando Ana Cristina Braga Martes, afirma que os norte-americanos são frequentemente descritos como “frios”, “muito sérios”, “distantes”, “formais”, enquanto os brasileiros são muito mais “amigáveis” e “felizes”. Dando aqui a primeira matiz para a expressão “jeitinho brasileiro” (TOSTA, 2007, p. 146). Em AC, logo da chegada da personagem Evangelina aos Estados Unidos, Fernando adverte quanto “a essa coisa de dar beijinhos”: “Não é

⁵⁰ Tosta menciona alguns exemplos literários: *Diário de um cucaracha*, do cartoonista Henfil, de 1983; *A Travessia Americana*, de Carlos Eduardo Novaes, de 1985; *O Sonho Americano*, de Angela Bretas, de 1997; e *46th Street*, de Julio Emílio Braz e Silvana Pimentel, de 2002, dentre outras.

para você chegar muito perto das pessoas, Fernando havia explicado. Essa coisa brasileira de ficar dando montes de abraços e beijos. Se quiser cumprimentar alguém, aperta a mão. É assim que funciona por aqui” (LISBOA, 2010, p. 100).

Na narrativa de *AC*, essas diferenças de comportamento vêm à tona no sexto capítulo, que recebe o título “May I pet your dog?”. Esse título refere-se a um episódio em que Vanja encontra, pela primeira vez, uma mulher passeando com dois *golden retrievers*. A dona não gostou que a menina tivesse “se atirado” sobre eles, então Fernando instruiu que devia pedir licença para “fazer festa” com o cachorro de alguém. A adolescente, então, pondera sobre como eram os tratamentos pessoais no Rio de Janeiro:

No Rio de Janeiro, as pessoas estão sempre esbarrando umas nas outras. Você esbarra nos outros nos corredores dos supermercados, nas filas, nas calçadas, no ônibus, no metrô. Você não sai da frente quando os outros precisam passar. Os outros não saem da frente quando você precisa passar. Vamos todos pedindo licença e abrindo caminho com o próprio corpo. *Licença*, dizemos, às vezes, e às vezes com tão pouco empenho que a palavra some no interior de si mesma e vira apenas um indistinto *ss-ss*. Vivemos dando beijinhos e abraços em quem conhecemos há dez anos e em quem acabamos de conhecer e dizemos oi querido, oi querida. Acariciamos os cachorros que passeiam pela rua com seus donos. No máximo, perguntamos ele morde? [...] (LISBOA, 2010, p. 101).

É nesse capítulo, também, que o menino Carlos é apresentado. Evangelina o conhece na calçada da rua. Dois dias depois ele bate na porta da casa de Fernando pedindo ajuda com as tarefas escolares. Ele tem nove anos e falava muito mal o inglês. Vanja decide ler um livro para ele:

Comecei a sublinhar com o dedo as palavras conforme ia lendo. Carlos se pôs a imitá-las com a voz. Alguns minutos mais tarde, empoleirou a mãe no meu antebraço, e deixou-a ali, como um pássaro quente e úmido e um pouco melado. Eu não sabia se ele estava efetivamente entendendo as palavras ou se aquilo era só fingimento, se era só estratégia para que eu continuasse a leitura (LISBOA, 2010, p. 100).

Em muitos momentos de *AC*, esse menino representará a necessidade humana de afeto. Acredito que a personagem criança remeta aos gestos de carinho e atenção ainda não “disciplinados” como o são na idade adulta; aqueles desejos e sentimentos que ainda estão livres do enquadramento social.

2.3.4 A apropriação do outro

É na apropriação do “outro”, e do que é próprio do outro, que se concentram os esforços dos imigrantes nos Estados Unidos. Uma apropriação da cultura do “outro”, como nesse episódio em que Evangelina brinca na neve acumulada em frente da casa de Fernando:

Eu abri a boca na descida e engoli neve suficiente para promover uma espécie de autobatismo. Dali em diante eu era um deles. Era igual. Era mais uma menina acolchoada num casaco impermeável violeta, e botas pretas de borracha forradas com pelo sintético. E calças jeans que ficavam duras de frio e onde emplastos de neve grudavam. E luvas. E um gorro de lã com duas tranças de lã nas laterais. O casaco e as botas eram de ponta de estoque mas estavam bastante bons, embora eu achasse estranho ter todas aquelas texturas se interpondo entre a minha pele e o mundo. Eu agora existia em camadas. [...] E de todo o modo o que importava era que agora eu era um deles, sim, análoga, comparável a, semelhante. Numa confraria prosaica de corpos encasacados descendo encostas lisas, brancas, entre tombos reverentes e gritos de guerra. Eu também gritava, eu também levava tombos, eu também. (LISBOA, 2010, p. 138)

Nesse trecho, Evangelina parece estar disposta a apropriar-se de uma brincadeira comum para as crianças daquela região dos EUA. Tanto que denomina essa experiência como “autobatismo”, pois agora também pertencia àquele lugar. Entretanto, chama a atenção sua insistência: “Eu **também** gritava, eu **também** levava tombos, eu **também**” (grifos meus). Por três vezes ela se inclui no comportamento que considera próprio “deles”. Essa repetição parece indicar incerteza, ou a necessidade de autoconvencimento. Ou talvez, o questionamento se os comportamentos seriam suficientes para lançar-lhe no universo de códigos da identidade norte-americana.

O desejo do menino Carlos em tornar-se um “nativo” também enfatiza esse anseio de apropriação cultural, presente em muitos imigrantes. No final da narrativa, somos informados que Carlos sente ter alcançado seu objetivo:

De vez em quando ele me pede o carro emprestado e vai para as montanhas, como qualquer nativo, íntimo da terra, do clima e das guinadas, lamentando muito a avalanche que matou os dois turistas incautos (mas quem mandou? Com as Rochosas não se brinca, ele sempre diz) (LISBOA, 2010, p. 217).

Uma vez apropriados das práticas locais, os imigrantes absorvem, ao menos em parte, a visão de mundo das pessoas daquele lugar. O próprio lugar vai se tornando

menos estranho. Assim, sentem-se incluídos, e cada vez menos são considerados “de fora”.

2.3.5 Cercas e muralhas defensivas

O encontro cultural nos Estados Unidos é múltiplo, em muitas cidades, por conta das diferentes imigrações que o país recebe. A garota Evangelina, de AC, por exemplo, tem uma colega de escola cuja família veio da Índia. A amizade com Aditi Ramagiri se estabeleceu a partir de uma curiosidade mútua. Entretanto, reproduz também os estereótipos em relação às culturas diferentes:

Aditi Ramagiri me perguntava: Como é a vida no Brasil? É verdade que vocês moram no meio da selva? É verdade que é um lugar muito violento e perigoso, uma nação de políticos corruptos e traficantes de drogas? Que língua você fala, brasileiro?

Eu perguntava a Aditi Ramagiri: Como é a vida na Índia? É verdade que lá tem um rio onde as pessoas jogam os mortos e tomam banho e lavam roupas, tudo ao mesmo tempo? É verdade que é a sua família que escolhe com quem você vai casar? Que língua vocês falam, indiano? (LISBOA, 2010, p. 74).

Sua amizade, porém, foi limitada pelo episódio em que a mãe de Aditi proibiu que Vanja fosse à sua casa para a festa de aniversário. Havia uma regra: a festa era apenas para as amigas que já tivessem ido à sua casa cinco vezes. A adolescente ficou desapontada. Tanto que Fernando a levou para passear no dia da festa. A reflexão de Vanja faz transparecer limites culturais: “Eu queria dizer que Aditi não tinha culpa. Eu não estava zangada com ela. Não estava zangada nem com Mrs. Ramagiri, costume é costume, regra é regra, cada família tem os seus e as suas [...]” (LISBOA, 2010, p. 107).

Essa regra familiar pode ser compreendida como um microcosmo da sociedade, no qual os limites impostos às convidadas da festa de aniversário de Aditi representam os limites impostos aos cruzamentos culturais, tanto pelo estranhamento da diferença alheia, quanto pelas pretensas políticas de fronteira para impedir o avanço da imigração, o que já nos traz à mente a grande cerca que divide o México e os Estados Unidos da América.

2.3.6 Ilegais

A família de Carlos vive nos Estados Unidos da América *sin papeles*, ou seja, ilegalmente. Por não possuir a documentação que comprovasse uma imigração oficial, a família vive com medo. Numa ocasião, o pai de Carlos o repreende por tocar no assunto na frente de Fernando e Vanja:

O bigode do pai dele falou, num espanhol espremido, que não era para o Carlos ficar dizendo por aí coisas como aquelas. As pessoas denunciavam as outras (não, ele não se referia a nós – claro que não – nós éramos amigos – mas Carlos tinha a língua solta). E num caso desses, no caso de uma denúncia, eles teriam que ir embora. IR. EMBORA. E, o pior, teriam que deixar a Dolores para trás, porque agora era ela estava na Flórida e a vida dela era outra coisa. E talvez nunca mais voltassem a ver a Dolores se por acaso tivessem que ir embora. E a mãe da Carlos começou a chorar baixinho e tapou o rosto com as mãos. Fernando pigarreou e olhou para a parede. Carlos foi imediatamente dominado pelo pânico, pediu desculpas e daquele dia em diante nunca mais pronunciou a palavra *papeles* (LISBOA, 2010, p. 140).

Em outro episódio, Fernando, Evangelina e Carlos param o carro num estacionamento comercial em Santa Fé e ficam aguardando a chegada de June, antiga amiga de Suzana. O medo e a preocupação do menino transparecem nesse trecho:

Marcamos encontro num posto de gasolina. Carlos leu em voz alta VAGAS EXCLUSIVAS PARA CLIENTES TEXACO E 7-ELEVEN. Ficou preocupado porque estávamos ocupando uma vaga e não éramos clientes Texaco nem 7-Eleven. Fernando disse que ele podia ficar tranquilo. Mas ele continuou olhando meio desconfiado ao redor. Talvez imaginasse um policial vindo nos avisar da nossa transgressão e pedindo os *papeles* dos três, enquanto batucava com o cassetete no carro – como nos filmes. Carlos suaria frio, depois choraria e depois seria deportado. Como nos filmes (LISBOA, 2010, p. 154).

O sentimento de viver ilegalmente num país é de exclusão e indignidade; os benefícios, que estão disponíveis para todos, não estão para esse tipo de imigrante. Ele vive às margens, e por isso se submete às condições ruins de trabalho, moradia, educação, etc. Somente a documentação da imigração legazida dá a esses indivíduos o sinal verde para usufruírem de direitos enquanto cidadãos e gozarem da tão almejada “liberdade americana”.

Nesse sentido, a personagem do pai do menino Carlos, a qual trabalha como garçom em um restaurante mexicano, pode ser vista sob a perspectiva do trabalho comumente realizado por imigrantes. Essa modalidade de emprego geralmente é informal e considerado inferior pela sociedade norte-americana. Sobre a condição de trabalho do imigrante, José Luis G. Fornos (2006) destaca a asserção de Julia Kristeva sobre a caracterização do estrangeiro pela clandestinidade de seu trabalho:

O estrangeiro é aquele que trabalha. Enquanto os nativos do mundo civilizado, dos países adiantados, acham o labor vulgar e assumem os ares aristocráticos da desenvoltura e do capricho (quando podem...), você reconhecerá o estrangeiro pelo fato de que ele ainda considera o trabalho como um valor. Certamente uma necessidade vital, o único meio de sua sobrevivência, que ele não coroa necessariamente de glória, mas reivindica simplesmente como um direito básico, grau zero de dignidade. O imigrante não está ali para perder o seu tempo. Batalhador, audaz ou espertalhão, segundo suas capacidades e circunstâncias, ele amalha todos os trabalhos e esforça-se sobre sobressair nos mais difíceis. Não só nos trabalhos que ninguém quer, mas também naqueles que ninguém pensou. O estrangeiro investe em si mesmo e se gasta. Se é verdade que fazendo isso para os seus, a sua economia passa por uma prodigalidade de energia e de meios. Já que ele não tem nada, já que não é nada, pode sacrificar tudo. E o sacrifício começa pelo trabalho: único bem exportável, sem alfândega. Valor, refúgio universal em estado errante (KRISTEVA *apud* FORNOS, 2006, p. 90).

Muito se tem discutido sobre a questão da imigração do trabalho, especialmente nos Estados Unidos da América. Os trabalhadores geralmente vêm de países da América do Sul e da América Central. Submetem-se aos trabalhos desprezados pelos norte-americanos, como serviços de camararia, de babá, de faxina, ou trabalhando como garçons e garçonetes, lavadores de carro, lavadores de pratos, dentre muitos outros. Em AC, há uma referência à Maria Isabel Vasquez Jimenes, “a mexicana de dezessete anos que morreu devido ao calor colhendo uvas nos campos da Califórnia, sem que lhe dessem água ou sombra” (LISBOA, 2010, p. 67)⁵¹. O caso ocorreu em maio de 2008 e repercutiu na mídia mundial. De fato, a experiência do subemprego revela o reverso da imigração, dialogando com a problemática das difíceis condições de vida a que se submetem milhares de imigrantes latinos nos EUA.

Recentemente, o *chicano* George Lopez vem satirizando, em espetáculos *stand up comedy*, a dependência que famílias norte-americanas têm dos trabalhos de

⁵¹ Uma reportagem de Sacha Khokha por ser lida em: <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=91240378>. Acesso em 22 de maio de 2013.

imigrantes mexicanos. O central de sua crítica, entretanto, está na mescla latino-norte-americana, no sentido de a cultura latina já ter impregnado a cultura norte-americana, de maneira que já a constitui, e que esse processo é irrevogável.⁵²

2.3.7 Identidade permanentemente em trânsito ou duplicada

Para Maxime Margolis (2013), os brasileiros têm certa facilidade de adaptarem-se socialmente em outro país por causa de sua transnacionalidade. Aqui “o termo ‘transnacional’ é usado para indicar a facilidade com que pessoas, objetos e ideias fluem de lá para cá, e vice-versa, através das fronteiras internacionais” (MARGOLIS, 2013, p. 242). Assim, os imigrantes brasileiros permitem coexistir suas identidades brasileiras (se são cariocas, baianos, mineiros, etc) e a nova identidade de estrangeiro. Tal ideia transparece na definição da personagem Evangelina:

Depois que você passa tempo demais longe de casa, vira uma interseção entre dois conjuntos, como naqueles desenhos que fazemos na escola. Pertence aos dois, mas não pertence exatamente a nenhum deles. Você passa a ter uma memória sempre velha, sempre ultrapassada de casa. As pessoas estão escutando sem parar tal música no Brasil, toca na novela, toca no rádio. Seis meses depois você descobre a música, por acaso, gosta dela, e a imensa popularidade prévia parece uma espécie de traição. É como se as pessoas estivessem trocando segredos, e vocês sempre se surpreendendo com notícias velhas. As pessoas do conjunto A te consideram um ser meio à parte, porque você também pertence ao conjunto B. As pessoas do conjunto B te olham meio de banda, porque você também pertence ao conjunto A. Você é algo híbrido e impuro. E a interseção dos conjuntos não é um lugar, é apenas uma interseção, onde duas coisas inteiramente distintas dão a impressão de se encontrar (LISBOA, 2010, p.73).

A habilidade dos brasileiros em se duplicar culturalmente é tanta que, segundo Antonio Tosta (2010), demonstra como os brasileiros conseguem se adaptar à vida nos Estados Unidos, duplicando-se culturalmente, por isso, chegam a ser chamados como “brazilian-norte-americanos”.

Apesar disso e ironicamente, os brasileiros resistem em assumir para si a identidade da comunidade latina nos Estados Unidos. A antipatia entre portugueses e espanhóis nas colônias americanas é uma questão histórica que pode ser observada num provérbio corrente no Brasil colonial: “Da Espanha não vem nem bons ventos nem bons casamentos” (TOSTA, 2012-2013, p. 307).

⁵² Cf.: http://www.youtube.com/watch?v=obl_tZezHPA. Acesso: 22 março 2014.

Porém, mais do que isso, a indeterminação étnica dos brasileiros, dada sua formação a partir de diversos povos, parece justificar sua não identificação com o grupo latino; mostrando, mais uma vez, o peso que a noção de raça tem sobre o preconceito sofrido pelos estrangeiros. Oriundo da miscigenação de portugueses, espanhóis, italianos, alemães, libaneses, holandeses, coreanos e japoneses, o “povo brasileiro” reflete sua heterogeneidade não só na cor da pele, como já dissera Darcy Ribeiro, mas também nos múltiplos traços culturais⁵³. Isso também aparece no pensamento de Evangelina:

Se bem que os brasileiros sempre se colocaram de um modo bem claro nessa história: alto lá, não somos imigrantes *hispânicos*. Pode olhar para o nosso rosto, a gente inclusive é bem diferente em termos de biotipo e não falamos espanhol, falamos português. POR. TU. GUÊS. (Na escola, eu tinha que preencher um papel com meu grupo étnico. As opções eram: CAUCASIANO. HISPÂNICO. AMERICANO NATIVO. AFRO-AMERICANO. Onde é que eu ficava nessa história?) (LISBOA, 2010, p. 72).

A etnicidade discutível dos imigrantes brasileiros faz com que, em algumas cidades, como Nova York e São Francisco, esses imigrantes formem um grupo bastante invisível. Entretanto, essa não é uma questão uniforme dentro dos Estados Unidos; em Boston o grupo de brasileiros tem maior visibilidade. Recentemente, na Flórida

os brasileiros finalmente atingiram ampla visibilidade com a presença de compatriotas abastados que vêm abocanhando, sem parar, tantas casas e apartamentos a ponto de, na verdade, já terem exercido impacto positivo no desacelerado mercado imobiliário de Miami (MARGOLIS, 2013, p. 226).

Pelo próprio censo dos EUA, de 2010, ficou estabelecido que os brasileiros não devem se identificar como latinos e sim como brasileiros. Contudo, independente que das estatísticas oficiais e da autodiferenciação que os brasileiros fazem em relação aos latinos, a imagem de imigrante, e sua conotação negativa, prevalece em muitas situações cotidianas. Evangelina, em certo episódio experimenta o preconceito generalizado:

⁵³ Antonio Tosta reconhece a falta de traços étnicos dos brasileiros na personagem Vianna, em *Stella Manhattan* de Silviano Santiago, “pouco latino na sua beleza baby face”, e a personagem Ana Célia, em *Febre Brasil em Nova York* de Norma Guimarães, uma “brasileirinha loira, de olhos tão azuis, que mais parecia uma alemã” (TOSTA, 2012-2013, p. 305-306). E Maxime Margolis lembra que a “confusão” étnica também tem origem na década de 1940, quando Carmem Miranda, sendo brasileira, vendeu a imagem latina para o povo norte-americano.

[...] eu estava com um grupo de outras três garotas da escola, e num dado momento fui ajeitar o colar de uma delas, e disse acho que fica melhor assim, e ela me disse não preciso de informações da **América do Sul**.

Lembro-me da sua voz. Doce e precisa, sua voz-bisturi. *I don't need information from South America*" (LISBOA, 2010, p. 218, grifo meu).

Tal episódio marca, na narrativa de AC, que, quer como latinos ou brasileiros, o preconceito ao imigrante está perpassado das relações entre as Américas. Ser estrangeiro nos Estados Unidos, independente do país de origem, é ser visto como ameaça, um usurpador de uma riqueza que não lhe pertence. O imigrante precisará lidar tanto com as sutilezas desse preconceito quanto com as atitudes mais grosseiras e defensivas.

Se essa relação com o imigrante nos EUA nos parece deveras preconceituosa, é importante notarmos que, quando nos tornamos receptores de imigração, as hostilidades de lá ecoam aqui. Desde 2010, o Brasil tem recebido um significativo aumento nos pedidos de refúgio, por parte de haitianos, senegaleses e caribenhos, principalmente. Uma reportagem do jornal *Zero Hora*, de 16 de agosto de 2014, atesta o crescimento da imigração no Estado do Rio Grande do Sul.⁵⁴ Os comentários dos leitores, logo após a reportagem, revelam certa dose de hostilidade. “Antes EUA e Japão podiam deixar as portas de casa sem chaviar, agora até aqui no Japão isso já não é possível. Mão de obra barata já tem no Brasil. Estes caras vão tirar o emprego do povo brasileiro”, afirma um leitor. Essa e outras manifestações indicam que o imigrante não é bem vindo, apenas tolerado enquanto força trabalhadora.

O impacto da imigração, todavia, não pode ser medido apenas pelo fator econômico. É preciso levar em conta os aspectos culturais. A imigração reconfigura o cenário cultural de uma cidade, região ou país, fazendo com que um produto cultural novo e híbrido surja então. No capítulo seguinte, atento para a bricolagem cultural própria da imigração que é trazida à tona na narrativa AC, de Adriana Lisboa.

⁵⁴ Intitulada “Novos imigrantes mudam o cenário do Rio Grande do Sul”, a reportagem é de Carlos Rossling e Humberto Trezzi. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/novos-imigrantes-mudam-o-cenario-do-rio-grande-do-sul-4576728.html>. Acesso em: 10 fev. 2015.

« CAPÍTULO 3 »

3 A BRICOLAGEM CULTURAL EM AZUL-CORVO

Depois, percebi que a vida fora de casa é uma vida possível. Uma vida entre as muitas vidas possíveis.

(A personagem Evangelina, em *Azul-corvo*.)

A imigração carrega em si um potencial conflituoso, no qual o *clash* cultural possui caráter discriminatório, dada ameaça que o “outro” representa para aqueles que reivindicam seu *status* de proprietários. Assim, a humanidade tem tido a ideia de erguer muros e, à semelhança das medievais muralhas da China, dividir espaços políticos e econômicos em pleno século XXI. A cerca concreta e virtual que pretende separar os Estados Unidos da América, da América Latina, não foge à regra e se torna emblemática para as questões mais contraditórias da imigração latina nos EUA. De 10 de julho a 10 de novembro de 2013, o fotógrafo Kai Whiedenhofer expôs 36 fotos de importantes muros que dividem fronteiras contemporâneas, na WestSideGallery, em Berlin-Friedrichshain. A imagem a seguir é da fronteira México-Estados Unidos, na praia de Tijuana (Baja California) e San Diego (Califórnia).⁵⁵

⁵⁵ Um vídeo da exposição pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=JPxoWwHLlss>. Outras informações sobre o projeto fotográfico de Kai Whiedenhofer podem ser lidas em: <http://www.wallonwall.org>. Acesso em: 13 dez. 2014. As oito barreiras fotografadas são: México-EUA, considerada uma das fronteiras mais atravessadas do mundo; Coreia do Sul-Coreia do Norte, ao contrário da anterior, a barreira mais intransponível; Bagdá xiita- Bagdá sunita, procurando amenizar os conflitos internos da capital iraquiana entre os dois ramos mais numerosos do islamismo; Israel-Cisjordânia, marcando fisicamente o histórico conflito pelas terras da região entre israelenses e palestinos; Belfast (Irlanda do Norte) católica-Belfast protestante, uma tentativa de conter a violência entre os grupos cristãos divididos na capital norte-irlandesa; Chipre grega-Chipre turca, erguida para separar a parte norte da ilha que é reivindicada pela República Turca de Chipre do Norte (não reconhecida internacionalmente); e Espanha-Marrocos, em duas barreiras, uma na cidade de Ceuta, outra na cidade de Melilla, visando dificultar a imigração ilegal de africanos na Europa, via Espanha.



Fonte: <http://bloguedofranz.blogspot.com.br/2013/06/fronteiras-muradas.html>

"Um muro jamais poderá resolver um conflito político", declarou Whiedenhofer em uma reportagem⁵⁶. Também não será capaz de impedir que dois mundos se toquem e realizem trocas culturais entre eles. Não apenas porque as pessoas forçam as barreiras e as ultrapassam, mas porque elas desejam o contato e o encontro humano.

Nos primeiros capítulos desta dissertação, verificou-se que a narrativa AC problematiza importantes temáticas da diáspora contemporânea, como imigração interamericana e globalização. Agora, passo a distinguir aspectos estéticos desse romance, demonstrando que não se trata de um “voo panorâmico” sobre os assuntos pertinentes à condição humana do imigrante, ou daquele que se sente deslocado no contexto globalizado. Antes, estamos diante de um olhar cuidadoso, no qual sentimentos e reflexões acerca da existência perpassam as mais variadas experiências das personagens, mesclando mobilidades culturais às transitoriedades dos relacionamentos e da própria vida. Segundo Thomas Bonnici (2009), esse é olhar peculiar da literatura no século XXI:

[...] há uma estreita ligação entre os eventos contemporâneos envolvendo os povos do Sul e aqueles relacionados ao projeto cultural colonial europeu de outrora. Novas formas de capitalismo, veiculadas por uma mais vigorosa e sofisticada globalização, geraram outras questões ou revelaram aspectos mais profundos da história dos

⁵⁶ Disponível em: <http://www.dw.de/exposi%C3%A7%C3%A3o-sobre-fronteiras-usa-trecho-do-muro-de-berlim-como-mural/a-16964535>. Acesso em 13 dez. 2014.

últimos quinhentos anos. No início do século 21, a literatura é assaz sensível para representar, a seu modo peculiar, as repercussões do racismo, diáspora, multiculturalismo e outros tópicos que revelam a condição humana e sua luta para encontrar sentido de sua existência (BONNICI, 2009, p. 274-275).

O romance *AC* está em perfeita sintonia com a peculiaridade da literatura contemporânea, de maneira que compõe uma escrita singular da diáspora atual, apreendendo questões importantes e profundas da experiência humana em meio a uma realidade cultural heterogênea e híbrida. Em suas personagens convergem diversos elementos próprios da imigração, constituindo o que se pode chamar *bricolagem* cultural, transparente na expressão da protagonista Evangelina: “uma filha que falava inglês na escola, português em casa e espanhol com os vizinhos” (LISBOA, 2010, p. 96).

Segundo Laila Loddi e Raimundo Martins (2009), a *bricolagem*⁵⁷ corresponde a uma técnica artística de improviso a partir de matéria-prima disponível, diferenciando-se do trabalho elitizado do arquiteto:

A partir desta conceituação um construtor *bricoleur* seria aquele que realiza suas obras a partir de uma lógica divergente à do arquiteto: ele não elabora previamente um plano, ou um projeto com começo, meio e fim, mas desenvolve sua construção à medida que dispõe de material e ferramentas, em um desenvolvimento contínuo não-programado, lidando diretamente com o acaso, o imprevisto e o improvisado (LODDI & MARTINS, 2009, p. 2).

Loddi e Martins (2009) apresentam, como exemplo de *bricolagem* em arte visual, o trabalho de Gabriel Joaquim dos Santos, no início do século passado, em sua própria residência; o local hoje é conhecido como “Casa da Flor”⁵⁸, em São Pedro D’Almeida, no Rio de Janeiro:

Gabriel, movido por intuições e sonhos, construiu uma casa para morar sozinho, e começou a enfeitá-la com materiais que recolhia no lixo: pedaços de louça e vidro, cacos de cerâmica, azulejos, lajotas e telhas de barro, garrafas, espelhos, conchas, lâmpadas queimadas, faróis de automóveis. [...] Na composição dos mosaicos com os

⁵⁷ Do francês *bricolage*. Os autores mencionam que a palavra é bastante usada para identificar o método de “faça você mesmo”, “aparecendo em revistas, sites, lojas e cursos de jardinagem, marcenaria, pintura, decoração. Esta prática surgiu nos Estados Unidos (*do it yourself*), decorrente do encarecimento da mão de obra especializada e do novo nicho de mercado que surgiu com a venda de produtos fáceis de serem usados, contendo poucas peças e orientação em manuais explicativos. Atividades como pequenas reformas, texturização de parede, manutenção de móveis, conserto de eletrodomésticos, artesanato, entre outras, foram associadas ao termo *bricolagem*” (LODDI, 2009, p. 1-2).

⁵⁸ Cf. <http://www.casadaflor.org.br>.

fragmentos recolhidos, Gabriel desenhava folhas, cachos de uva e inúmeras flores, daí o nome da casa. Alquimista, dizia “é caco, é caco, mas é coisa de muita importância. É tudo caquinho transformado em beleza”. Gabriel ficava satisfeito com sua obra, que admirava durante as noites, à luz de vela. O conjunto iluminado revelava a beleza descoberta no lixo, metamorfoseada em arte. E ele, já idoso, se perguntava como tinha conseguido fazer tamanha invenção. Tipo de operação como as “maneiras de fazer” com sucata, iluminadas por Michel de Certeau (2007), táticas desviacionistas feitas pelo homem que “sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, aí instaura pluralidade e criatividade” (p.93) (LODDI & MARTINS, 2009, p. 3).

Em *O pensamento selvagem* (1970), o antropólogo Claude Lévi-Strauss usou os termos *bricolage* e *bricoleur* se referindo à formação de uma nova cultura mítica no “Novo Mundo”, constituída única e híbrida, por meio da união de diversos elementos. Para ele, a técnica e o artista partem de materiais heteróclitos disponíveis:

E, em nossos dias, o *bricoleur* é aquele que trabalha com suas mãos, utilizando meios indiretos se comparados com os do artista. Ora, a característica do pensamento mítico é a expressão auxiliada por um repertório cuja composição é heteróclita e que, mesmo sendo extenso permanece limitado; entretanto, é necessário que o utilize, qualquer que seja a tarefa proposta, pois nada mais tem à mão. Ele se apresenta, assim, como uma espécie de *bricolage* intelectual, o que explica as relações que se observam entre ambos (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 32).

Desta forma, o sentido que me apropriado aqui, quanto à *bricolagem cultural*, remete ao hibridismo promovido pelo encontro de culturas envolvidas no processo de imigração. À semelhança da hibridização ocorrida ao longo do processo colonial, a transculturação continua sendo um processo imprevisível, onde pessoas dispõem seus traços culturais como “matéria-prima” para a criação de uma nova vida possível. É como se o indivíduo contemporâneo, em seu percurso transcultural, juntasse cacos e fragmentos das culturas com as quais tem contato, por onde passa e onde se instala. Isso é o que ele tem disponível, ao seu alcance, e com esse material constrói uma nova forma de existir. Algo como: “As coisas boas de Janis Joplin + as coisas boas da minha mãe, pinçadas de modo criterioso. *Life is good*” (LISBOA, 2010, p. 40), na voz da protagonista Evangelina.

No caso específico da imigração para os Estados Unidos, percebe-se que o fluxo cultural é contínuo e intenso. Por exemplo, o país está impregnado pela cultura mexicana, independentemente de todas as barreiras criadas no intuito de separar os

países. O acolhimento à cultura mexicana, referencial para o que se denomina cultura “latina” por lá, está presente nas placas dos restaurantes, que anunciam “*mexican food*” aos clientes adeptos dos sabores apimentados do país vizinho; no ritmo latino que é verdadeira “febre” na música norte-americana; nas cores fortes e vibrantes por toda a parte.

Em *AC* o episódio do encontro com June, amiga de Suzana em Santa Fé, assinala a presença “latina” nas preferências de outras pessoas além dos imigrantes latinos. Quando o grupo formado por Fernando, Evangelina e o menino Carlos encontram com June vão até um restaurante onde comem *nachos*, prato típico do México: “Comemos nachos que vinham numa montanha compactada e notei que Fernando selecionava os jalapeños com uma avidez incomum” (LISBOA, 2010, p. 156). Mais tarde, quando entram na casa de June a influência cultural reaparece: “Sua casa tinha muitas cores por dentro” e a anfitriã preparou um jantar que “encheu a casa de cheiros quentes” (LISBOA, 2010, p. 157), referindo-se ao uso de pimenta na preparação da refeição.

Se, de um lado, há rejeição da presença latina e seu grande contingente imigrante, discriminando-o, muitas vezes a partir da diferença cultural, como se as pessoas de origem latina fossem inferiores às norte-americanas, por outro lado, essa mesma cultura, que confunde características mexicanas com latinas, é recebida e apropriada nas cores da casa, nas roupas, nos sabores de suas comidas típicas. Esse é um processo ambíguo e natural do encontro intercultural – uma bricolagem, na qual se dispõe dos elementos em contato, superando qualquer ideologia preconceituosa, em boa parte baseada em noções de raça, por mais interiorizada que esteja no pensamento dos indivíduos.

Entretanto, essa discussão, em *AC*, está enlaçada com uma profunda reflexão de cunho existencialista. Ao que corrobora a afirmação de Júlio Cortázar (2006), ainda na década de 1970, de que o romance vinha aprimorando uma linguagem reflexiva como suporte para as mais variadas temáticas da atualidade:

A variedade de intenções e temas é infinita; porém o instrumento, a linguagem que suporta cada um desses romances, é essencialmente o mesmo: é uma linguagem reflexiva, que emprega técnicas racionais para expressar e traduzir os sentimentos, que funciona como um produto consciente do romancista, um produto de vigília, de lucidez (CORTÁZAR, 2006, p. 69).

Assim, procuro demonstrar nesse capítulo como se dá em *AC* a relação entre prosa, poesia, crítica cultural e reflexão existencialista, ou filosófica. Certamente, estamos diante de uma intersecção singular na literatura contemporânea.

3.1 A vida no romance

Em *AC*, os dilemas de suas personagens apontam para diversos aspectos dos deslocamentos. Para fazer jus à escrita de Adriana Lisboa deve ser destacado que as movências não se restringem ao aspecto geográfico e nem mesmo às temáticas próprias da imigração. Vai além dessas perspectivas ao trazer uma reflexão de cunho existencial, a qual é perceptível no pensamento da protagonista Evangelina no transcorrer da narrativa. Lembremos que essa personagem é uma adolescente, sendo esse trânsito correspondente ao período da vida em que se deixa para trás o universo infantil e se assume uma consciência crítica a respeito da vida, conforme é possível verificar nesse trecho:

Ainda estava no início da adolescência, mas já desconfiava que ela era mais ou menos como uma guerra declarada entre mim e a idade adulta.

Depois descobri que não era bem isso, mas o simples fato de que as ideias de repente estavam claras na minha mente, e apenas na minha mente, e o resto do mundo incorria em erros, um depois do outro.

O resto do mundo usava a roupa errada, ouvia a música errada e dizia a coisa errada na hora errada, lia o livro errado, dirigia da forma errada, fungava e palitava os dentes, almoçava em família aos domingos, se casava, se separava, morria, nascia, e o que era aquele bigode naquele homem, e o que era aquela mulher com aquele short horroroso de jogador de futebol?

Minha onda messiânica viria e passaria, por falta de discípulos, ou por estratégia equivocada de marketing. Seria breve. [...] (LISBOA, 2010, p. 39).

Analisar esse romance e não levar em conta a reflexão humana por ele suscitada é como analisar estatisticamente a imigração latina nos Estados Unidos e não “parar para escutar” as histórias pessoais dos imigrantes, sempre tão ricas de sonhos e resiliências. Isso porque a forma como as temáticas próprias da imigração são apresentadas em *AC* apontam para a capacidade humana de se adaptar para tornar a vida possível – *leitmotiv* apreensível nas tramas de suas personagens.

Além de estabelecerem estratégias para viverem nos Estados Unidos, cada qual à sua maneira, as personagens mostram a capacidade de reverter suas dificuldades e conflitos em laços humanos, como o caso da amizade entre Evangelina, Fernando e o menino Carlos. Assim, os deslocamentos desses latino-americanos se transformaram numa intersecção de um mesmo ponto espaço-temporal para os três, gerou uma unidade de laços fraternais e familiares, como se revela ao final o romance.

Contudo, reafirma-se que os deslocamentos, nesse romance, estão enredados em múltiplas perspectivas reflexivas que procurei reunir na Tabela Temática por Capítulos, a qual se encontra em anexo. Evidentemente, esta não se trata de um esgotamento dos assuntos que AC coloca diante do leitor, mas uma apreciação geral da estrutura do romance a partir das conexões entre os principais temas e sua disposição nos capítulos. Observe-se que há temas centrais identificáveis em cada capítulo, mas as reflexões existencialistas, a respeito da morte e da efemeridade da existência em si e dos relacionamentos, perpassa todo o romance.

A referida tabela também indica a fragmentação do enredo de AC. Embora haja um capítulo para a apresentação de cada personagem, há fragmentos de informações que continuam compondo suas personagens e dando sentido ao enredo do romance. Tal forma corresponde a uma estratégia narrativa de progressão e digressão, como, por exemplo, quando a protagonista anuncia, ainda no primeiro capítulo, o poema que inspira o título do romance: “[...] O mundo dos peixes, das algas, dos moluscos, das conchas azul-corvo – como as que eu **leria** num poema **bem mais tarde**” (LISBOA, 2010, p. 29, grifos meus). A narradora está lembrando sua infância na praia de Copacabana.

Diante disso, passo a indicar características literárias de AC que afirmam uma reflexão de cunho existencialista na escrita de Adriana Lisboa, nesse romance especialmente, destacando sua habilidade em olhar para imigração sob o prisma da existência.

3.1.1 Uma singular intersecção entre romance e poesia

Para Julio Cortázar (2006), a literatura pode ser considerada a “conquista verbal da realidade”, onde o romance realizaria um pequeno fragmento da realidade: “descobre-se que cada livro realiza a redução ao verbal de um pequeno fragmento da

realidade, e que a acumulação de volumes em nossa biblioteca vai parecendo cada vez mais com um microfilme do universo” (CORTÁZAR, 2006, p. 62). Entretanto, a realidade que interessa à literatura é aquela que se refere ao indivíduo humano.

O romance enfoca os problemas de sempre com uma intenção nova e especial: conhecer e apoderar-se do comportamento psicológico humano, e narrar isso, exatamente isso, em vez das consequências fatuais de tal comportamento (CORTÁZAR, 2006, p. 65).

Desta forma, Cortázar entende que, depois de passar por um processo de aperfeiçoamento na abordagem da subjetividade humana, o romance entrelaça-se à poesia:

O que chamamos de poesia implica a mais profunda penetração no ser de que é capaz o homem. Sedenta de ser, enamorada de ser, a poesia cruza as camadas superficiais sem iluminá-las de todo, centrando seu foco nas dimensões profundas. E então ocorre que como o homem está fenomenicamente em relação com suas essências como a massa de esfera em relação com seu centro, a poesia incide no centro, instala-se no plano absoluto do ser, e só a sua irradiação reflexa volta à superfície e envolve seu conteúdo em seu luminoso continente (CORTÁZAR, 2006, p. 66-67).

Assim, o romance torna-se instrumento verbal “para a posse do *homem como pessoa*, do homem vivendo e sentindo-se viver” (CORTÁZAR, 2006, p. 67). Sobre as pretensões desse tipo de romance, o autor também afirma que:

O romance é a mão que sustenta a esfera humana entre os dedos, move-a e a faz girar, apalpando-a e mostrando-a. Abarca-a inteiramente por fora (como já o fazia a narrativa clássica) e procura penetrar na transparência enganosa que lhe concede pouco a pouco uma entrada e uma topografia. E por isso – digamo-lo desde já para voltar depois em detalhe –, como o romance quer chegar ao centro da esfera, alcançar a esfericidade, e não o pode fazer com seus recursos próprios (a mão literária, que fica por fora), então apela – já veremos como – para a via poética de acesso (CORTÁZAR, 2006, p. 67).

Embora isso, o romance difere em muito da poesia, esteticamente⁵⁹, de maneira que a intersecção do romance com a poesia não significa uma escrita com formas

⁵⁹ De acordo com Cortázar: “O romance é narração, o que por um instante se pareceu quase esquecer, deixando-se esquecer, deixando-se substituir pela apresentação estática própria do poema. O romance é *ação*; e além disso é compromisso, transação, aliança de elementos díspares que permitam a submissão de um mundo igualmente transaccional, heterogêneo e ativo. O importante é que o avanço da poesia sobre o romance que colore todo nosso tempo, significou um furo em profundidade como nenhuma narrativa do período estético tinha podido atingir por limitação instrumental. O golpe de estado que dá a poesia no próprio território da prosa ficcional (da qual havia sido até então mero adorno e complemento) revela em toda sua violência magnífica as ambições de nosso tempo e seus lucros” (CORTÁZAR, 2006, p. 71-72).

estéticas poemáticas, nem o mesmo que “prosa poética”, mas uma “atitude poética” do romancista. “Já não existe romance ou poema: existem situações que se veem e se resolvem em sua esfera verbal própria” (CORTÁZAR, 2006, p. 74). Neste contexto, portanto, a prática literária de Adriana Lisboa pode ser percebida como um “casamento” de romance contemporâneo e de poesia. Assinale-se que dois romances surgem de um claro diálogo com poesia: *Um beijo de columbina* (2003), o qual toma a poesia de Manuel Bandeira e *Rakushisha* (2007), o qual parte da poesia Haikai de Matsuo Bashô. Percebe-se que, assim, a autora sublima as experiências humanas ao fazer uso de todas as possibilidades literárias que deseja.

Nesse ponto, evidencia-se o cruzamento de literatura, existência humana e cultura, onde um aponta para o outro como num jogo de espelhos. Isso significa que o fazer literário para o imigrante também é uma tentativa de pôr em ordem um mundo desorganizado - um exercício semelhante ao do *bricoleur* reunindo cacos valiosos da existência, manifestada culturalmente, para compor sua escrita.

3.1.1.1 A poesia de Marianne Moore em *Azul-corvo*

A relação poesia-romance aparece, em AC, já no título, o qual acentua o diálogo com a poesia de Marianne Moore⁶⁰, especialmente seu poema *The fish*⁶¹. No corpo do romance, a primeira referência mais direta da poesia está no quinto capítulo, quando o poema *The Fish* é mencionado; nele, aparece a imagem das conchas do mar, cuja cor é “azul-corvo”. O poema é, então, eleito preferido pela personagem Evangelina; a adolescente leu-o por indicação da bibliotecária da Biblioteca Pública de Denver, onde costumava ir acompanhando Fernando em seu trabalho. No trecho seguinte, imagens do poema chamam a atenção de Evangelina:

⁶⁰ Marianne Moore (1887-1972) foi ma poetisa norte-americana; ela escreveu no período modernista, o mesmo de Wallace Stevens, William Carlos Williams, Ezra Pound, T. S. Eliot.

⁶¹ **O Cardume de Peixes:** passa o / jade baço. / Dentre os mexilhões de um azul-gralha, / um ajusta a borralha; / se abre e cerra, um leque que houvesse / sido, / pois, ferido. / A craca encrusta os lados da onda, / embora não a esconda / lá, que o feixe imerso de dardos do / sol, / como o rol / de vidro em fibra, / veloz fulgura / por cada rachadura - / entrando e saindo, iluminando / o / mar azul- / -turquesa de corpos. / A água crava / férrea cunha na trava / férrea do penhasco; onde os astros, / rosas / grãos de arroz, as / tintas águas-vivas, o siri / qual verde lírio e / cogumelos marinhos deslizam. / As / máculas / de abusos / estão presentes nisso, / esse audaz edifício- / toda característica física / de a- / -cidente há- / a ausente cornija, as queimaduras, / machadadas, ranhuras / de bombas se destacam; morreu a / fossa, / que reforça / todas as provas de que ele vive / do ser que não revive / seu viço. Envelhece o mar nisso. Tradução de Adriano Scandolaro. Cf.: <https://escamandro.wordpress.com/tag/adriano-scandolaro/>. Acesso: 21 mar. 2013.

Quando eu lia aquele poema chamado “The Fish”, os peixes, era transportada para um mundo de cores, de movimentos primordiais. Havia nele caranguejos como lírios verdes e chapéus-de-sapo submarinos.

E um oceano turquesa de corpos. E as conchas azul-corvo. E um *sun split like spun* bom de repetir várias vezes, trazendo a imagem do sol repuxado como vidro repuxado debaixo d’água, o sol em nacos, em feixes. SUN SPLIT LIKE SPUN SUN SPLIT LIKE SPUN SUN SPLIT LIKE SPUN. Sol repuxado (fendido, rachado) como vidro repuxado (LISBOA, 2010, p. 93).⁶²

No quinto capítulo, Evangelina relaciona a vida submarina evocada pelo poema de Marianne Moore às primeiras operações do Exército Brasileiro, por ocasião da Guerrilha do Araguaia. Cada uma delas foi denominada de “Operação Peixe”, e vários episódios factuais estão descritos nesse capítulo, por ocasião das memórias do personagem Fernando, ex-guerrilheiro no Araguaia. Evangelina conclui que os “peixes” não eram os mesmos: “Eram outros peixes, aqueles. A mulher que escreveu ‘The Fish’ estava morrendo quando os militares estendiam suas redes de pesca de subversivos na Amazônia brasileira. E ela não tinha nada a ver com isso” (LISBOA, 2010, p. 93), acentuando uma apropriação muito própria das imagens do poema.

Porém, já antes, no primeiro capítulo, o poema havia sido pré-anunciado. As imagens das conchas e do mundo no fundo do mar, do poema *The Fish*, já eram conhecidas por Evangelina, na infância em Copacabana:

O mundo dos peixes, das algas, dos moluscos, das conchas azul-corvo – como as que eu lia num poema bem mais tarde. Toda uma outra vida, outro registro, mas era possível mesmo para um ser humano nadar entre eles, observá-los, mergulhar até o chão do mar de Copacabana e tocar a intimidade da areia, ali, tão longe dos palitos de picolé e das bolas de vôlei e dos vendedores de empada (LISBOA, 2010, p. 29).

⁶² *The Fish*: wade / through black jade. / Of the **crow-blue mussel-shells**, one keeps / adjusting the ash-heaps; / opening and shutting itself like / an / injured fan. / The barnacles which encrust the side / of the wave, cannot hide / there for the submerged shafts of the / **sun**, / **split like spun** / glass, move themselves with spotlight swiftness / into the crevices— / in and out, illuminating / **the / turquoise sea** / of bodies. The water drives a wedge / of iron through the iron edge / of the cliff; whereupon the stars, / pink / rice-grains, ink- / bespattered jelly fish, crabs like **green / lilies, and submarine / toadstools**, slide each on the other. / All / external / marks of abuse are present on this / defiant edifice— / all the physical features of / ac- / cident—lack / of cornice, dynamite grooves, burns, and / hatchet strokes, these things stand / out on it; the chasm-side is / dead. / Repeated / evidence has proved that it can live / on what can not revive / its youth. The sea grows old in it. (Marianne Moore). Cf.: Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2012/10/05/3-poemas-de-marianne-moore/>. Acesso: 21 mar. 2013.

A cor das conchas associa-se, no pensamento da protagonista de *AC*, aos pássaros de mesmo nome. No oitavo capítulo, intitulado “*Corvus corax, Corvus brachyrhynchos*”, o menino Carlos pede ajuda de Vanja para fazer uma pesquisa escolar: “Da tela do computador, a imagem de um corvo nos espiava. Carlos tinha que fazer para a escola uma pesquisa sobre algum pássaro, e havia escolhido o corvo” (LISBOA, 2010, p. 133). As descobertas a respeito do pássaro são as seguintes:

Ele me perguntou se eu sabia que os corvos eram muito inteligentes. E se eu sabia que alguns corvos também comiam bichos mortos. E que muitas espécies tinham sido extintas depois que os homens colonizaram lugares como a Nova Zelândia e o Havaí.

[...]

Carlos me contou que existiam *los cuervos que los gringos llaman de crow y los cuervos que los gringos llaman de raven. No son lo mismo. Don't mistake. See: here los raven, Corvus corax. Here los crow, Corvus brachyrhynchos.*

Segundo o livro da biblioteca, *raven* é o indivíduo meditativo e arredio que você encontra no deserto, na tundra, nas planícies e nas florestas, nos grandes espaços abertos e mais ou menos desocupados. São grandes pássaros pretos com a cauda em formato de cunha e um colar de penas no pescoço. Formam casais, embora não se saiba ao certo, se para a vida toda. Há indícios de que o casal dure pelo menos um ano. Os pais cuidam juntos dos filhos, muitos dos quais vão morrer no primeiro ano de vida. Segundo registros, indivíduos selvagens podem chegar a treze anos de idade. Em cativeiro, a oitenta (na Torre de Londres, onde eles têm suas asas podadas em nome da tradição, para que possam ir e vir mas não em demasia, o mais velho chegou a 44). Não migram, mas podem se deslocar por pequenas distâncias a fim de evitar condições climáticas extremas. Não vivem em bandos. Preferem a solidão ou, no máximo, agrupar-se em pares. Gostam de pairar no céu, como se o ar fosse uma grande planície sem demarcações e eles não tivessem peso algum. Alimentam-se de praticamente tudo: frutas, brotos, cereais, insetos, anfíbios, pássaros, répteis, carniça, alimentam-se até mesmo de outros bichos que se alimentam de carniça. Parece que o *Corvus Corax* é um pássaro sério, e que respeita a vida e a morte (LISBOA, 2010, p. 134).

Na continuidade, são apresentadas as características da segunda espécie de corvos, os *crows*:

Segundo o livro, *crow* é aquele pássaro igualmente preto que você encontra em espaços abertos, com árvores próximas. Ele também se sente à vontade em espaços urbanos – nos subúrbios, nos parques, nas cidades costeiras. Tem penas lustrosas. Iridescentes. É menor do que seu primo *raven*. Tem patas fortes e, quando jovem, olhos azuis que depois escurecem. Quando nasce, é alimentado pelos pais e irmãos mais velhos. Pode chegar a catorze anos de vida na natureza. Em cativeiro chega, em média, a vinte. Vive em sistemas sociais complexos em que o adulto se mantém mais ou menos próximo ao local de seu nascimento e muitas vezes não se casa, preferindo cuidar

dos filhotes dos outros. Às vezes migra, em bandos. O *Corvus Brachyrhynchos* é onívoro. Come insetos e suas larvas, invade ninhos de pássaros menores em busca de ovos, come nozes e frutas e cereais e tudo o que estiver disponível numa lata de lixo desassistida (LISBOA, 2010, p. 134-135).

De uma maneira geral, os primeiros corvos podem ser comparados aos nativos e a segunda espécie aos imigrantes. Além disso, os *crows* aludem à personagem Fernando, que acolhe a jovem Evangelina como filha, embora não seja.

Observa-se que, enquanto a imagem de conchas lembrava a infância na praia de Copacabana, na memória de Evangelina, os corvos são por ela associados à nova vida nos Estados Unidos: “Enquanto isso, os moluscos do mar de Copacabana silenciavam o mundo dentro de suas conchas azul-corvo. E os corvos sobrevoavam a cidade de Lakewood, Colorado. Os corvos azul-concha” (LISBOA, 2010, p. 41). Assim sendo, a imagem das conchas e dos pássaros se tornam, ao mesmo tempo, distinção e ligação entre as “duas vidas” da personagem, a vivida no Brasil e a vivida nos Estados Unidos.

3.1.2 Reflexão de cunho existencial

O que situa *AC* como um romance contemporâneo, conforme as perspectivas de Cortázar, não é apenas a presença da poesia de Marianne Moore em alguns momentos do romance, mas o “mergulho” no propriamente humano, através de uma reflexão existencialista. Nesta, a ação do ser humano é vista não apenas em sua forma exteriorizada, mas a partir do conflito subjetivo que move cada ação.

Dir-se-á que o romance existencialista veio atrás da correspondente exploração filosófica, mas o que fez este romance foi mostrar e expressar o existencial em suas próprias situações, em sua circunstância; quer dizer, mostrar a angústia, o combate, a liberação ou a rendição do homem a partir da situação em si e com a única linguagem que podia expressá-la: a do romance, que procura desde tanto tempo ser de certo modo a situação em si, a experiência da vida e seu sentido no grau mais imediato (CORTÁZAR, 2006, p. 78).

Isso significa que o romancista e o romance contemporâneos corroboram com uma discussão acerca da relação da pessoa humana com o mundo, visando mergulhar no universo da reflexão filosófica que indaga mais o sentido do que a vida física e biológica.

Quero dizer neste ponto que a novelística de grande tensão existencial, de compromisso com o imanente humano, é a que aponta com mais

clareza de interrogação de nosso tempo. Repito que se o romance clássico narrou o mundo do homem, se o romance do século passado perguntou-se gnoseologicamente o *como* do mundo do homem, esta corrente que nos envolve hoje procura a resposta para o *porquê* e para o *para quê* do mundo do homem (CORTÁZAR, 2006, p. 79).

O estranhamento vivenciado pela personagem protagonista nos primeiros dias nos Estados Unidos gerara um sentimento, tanto de pequenez diante do tamanho do mundo ao seu redor, dada a dimensão dos prédios e das montanhas que cercam a região de Denver e Lakewood, quanto de solidão, o qual ela descreve:

Você perde um pouco a certeza de si mesmo quando confrontado com isso. E quando eu saía pela vizinhança de Fernando nas primeiras semanas, de patins, as casas pequenas me pareciam mais humildes e adequadas, como se baixassem a cabeça, e ali as pessoas pareciam, ao sorrir para mim e me cumprimentar, dividir um pouco aquela solidão. Como se os sorrisos dissessem: é mesmo, não é? (LISBOA, 2010, p. 23).

Esse tipo de indagação funciona como “plano de fundo” do romance de cunho existencial. Embora se trate de reflexões bastante intimistas, Cortázar faz questão de distinguir de qualquer tendência individualista. Trata-se, mais uma vez, de questões comuns aos seres humanos:

Não em vão o melhor individualismo de nosso tempo contém uma aguda consciência dos restantes individualismos, e se quer livre de todo egoísmo e de todo isolamento. René Daual escreveu esta frase maravilhosa: “Sozinhos, depois de acabar com a ilusão de não estar sozinhos, não somos já os únicos que estamos sozinhos” (CÓRTAZAR, 2006, p. 83).

Nesse sentido, destaco algumas circunstâncias reflexivas na narrativa de *AC*. Geralmente, correspondem a eventos introspectivos da protagonista Evangelina:

a) Quando Suzana morre, Evangelina se depara com o que ela própria denomina uma “guerra interna”, ou seja, o esforço contra a autopiedade por ter perdido a mãe. Então, o pensamento da menina retoma o que a própria mãe lhe advertira quando contara de sua doença:

Podia ser um monstro antediluviano de tristeza, algo maciço e insuportavelmente pesado, patas de chumbo, bafo de enxofre e cerveja, algo que me agarrasse e amordaçasse, que me reduzisse a um coração batendo por falta de alternativa. Eu ia arrastar por aí um par

de pés burocratas e um par de olhos burocratas, fitando lugar nenhum, com roupas meio tortas sobre o corpo e o cabelo melado sobre a testa.

Ou podia ser um acontecimento entre os inúmeros acontecimentos que pipocam no mundo a todo instante, e ao mesmo tempo há um resto de neve entre os cactos numa montanha do Novo México, e uma criança em Jaipur deixa cair um prato no chão e o prato se quebra, e um gato espirra em Amsterdã e uma formiga se desequilibra sob uma folha no outback australiano e garotos picham um muro no Rio ou em Nova York ou em Bogotá. E minha vida ia seguir em frente, porque eu mandava nela, e não ela em mim.

Ou podia não ser nada disso e eu só precisava de um nicho de quietude, de não-acontecimentos, um momento duradouro, comprido, um momento que tivesse o tamanho de muitos momentos, tantos quanto fossem necessários, que me deixasse quieta, sem ter que dar nomes às coisas a que eu não queria dar nomes (LISBOA, 2010, p. 55).

O que lemos é uma ponderação que se estende ao redor do acontecimento da morte e a partir dele. O luto é apresentado por Suzana, à filha, quase em forma de “opções”. Mais tarde, a adolescente ajuíza sobre os conselhos da mãe e conclui que precisou lidar com esses três sentimentos no primeiro ano sem sua mãe.

A morte da mãe desencadeia, por certo, ponderações sobre a morte e a existência:

Depois que minha mãe morreu, fiquei me perguntando se todas essas coisas guardariam a vaga dela por algum tempo. O lugar que ela ocuparia na fila do supermercado. O pé de alface ou o quilo de batatas que ela compraria na feira. As pinceladas de esmalte potenciais dentro do frasco. Fiquei me perguntando se o espaço que uma pessoa ocupa no mundo sobrevive à própria pessoa. Se o placó fica ali armado ainda por um tempo, o cenário pronto, e deixa repetida várias vezes, aguardando que a pessoa venha mais uma vez desempenhar-se. E só aos poucos as conexões vão se desfazendo, os fios vão se rompendo, as luzes vão se apagando, a pessoa vai morrendo devagar para o mundo depois de ter morrido para si mesma. Se existem duas mortes, uma íntima e individual, uma outra pública e coletiva, duas mortes que operam em ritmos diferentes (LISBOA, 2010, p. 176).

Outras reflexões acerca da morte estão marcadas, especialmente, no quarto capítulo do romance, intitulado “*Ursus arctos horribilis*”. O título remete à história de Timothy Treadwell, o homem que decidiu viver em meio aos ursos do Parque Nacional de Katmai, no Alasca e, depois de 13 anos, foi morto por um desses animais. Essa referência faz pensar na morte como um grande urso com o qual as pessoas convivem pacificamente e, quando se esquecem de sua natureza feroz, ela vem e determina o fim de suas vidas.

A imagem da vida reclusa escolhida por Treadwell se parece também com a atitude de autoexílio que Evangelina reconhece em Fernando:

Eu achava que Fernando não gostava de gente. Como segurança, na biblioteca, ele mantinha sempre aquele ar profissional e distante – o que não dever ser muito difícil, imagino, quando você é segurança. As pessoas não ficam se aproximando de você para bater papo. Ele usava aquele uniforme que impunha respeito, algo oficial e imbuído de poder, e os braços fortes por baixo do uniforme, e a cara de poucos amigos arrematando tudo (LISBOA, 2010, p. 62).

Assim, a morte surge noutra nuance, a de “morte social”, na qual o isolamento indica uma desistência da vida, de certa forma.

b) O quarto capítulo é todo ele escrito num tom mais reflexivo. Nele, são narrados os primeiros contatos, por carta e telefone, de Evangelina com Fernando. Ela passa a imaginar como teria sido a reação do ex-marido de sua mãe ao encontrar sua carta entre a correspondência, acentuando a relatividade da existência, no sentido do quanto ela está vinculada à presença:

Um envelope de beiradas perigosamente brasileiras, verde e amarela, em faixas curtas laterais. Do lado de dentro, notícias sobre a mulher com quem ele havia sido casado durante seis anos e que não via e com quem não falava e de quem não tinha notícias fazia tanto tempo a ponto de, talvez, se questionar se ela havia existido de fato.

Havia existido de fato, minha carta dizia, mas já não existia, pelo menos não da forma como tendemos a formular a existência dentro dessa substância esponjosa que carregamos em cima do pescoço. Eu conseguia pensar em pelo menos uma maneira através da qual minha mãe continuava existindo um pouco, e para atestar isso bastava tocar minha própria pele. Eu mesma. Era ela, um pouco, não era? (LISBOA, 2010, p. 63-64).

Essa reflexão deixa claro que, enquanto Evangelina vivencia o trânsito para os EUA, também experimenta um trânsito para outra fase da vida, da infância para a idade adulta, da inocência para a consciência da transitoriedade da própria vida.

c) Próximo do fim da narrativa surge uma ideia baseada no princípio biológico de renovação celular, a qual pode ser associada à noção popularizada como “a vida continua”:

Dizem que a cada sete anos as células no seu corpo já foram todas trocadas, de modo que você continua sendo a mesma pessoa mas, a

nível celular, passou a ser outra, se computar os dois extremos. A ideia soa estranha, porque as células não se modificam todas de uma vez, então não é que ao fim dos tais sete anos o corpo tenha se reciclado. Mas ao mesmo tempo é.

As coisas que eu esperava que fossem acontecer não aconteceram, as coisas que eu não esperava que fossem acontecer aconteceram e algumas das coisas sobre as quais eu nunca tinha pensado – como viajar à Costa do Marfim – pensaram em mim com independência e proficiência (LISBOA, 2010, p. 209).

Esse pensamento dá um contraponto aquele transmitido por Suzana, de que Vanja precisaria assumir o comando absoluto de sua vida e “mandar nela”, no sentido de que a transformação contínua dos acontecimentos é da ordem das inerências involuntárias da vida humana; essa mesma continuidade pode, por vezes, surpreender as expectativas de qualquer indivíduo.

3.1.3 Cúmplices humanos

De acordo com Júlio Cortázar (2006), as personagens do romance empenham uma viagem tão profunda aos sentimentos humanos, que já não há personagens, mas cúmplices do leitor:

Nossos cúmplices, que são testemunhas e sobem a um estrado para declarar coisas que – quase sempre – nos condenam; de quando em quando há um testemunho a favor, e nos ajuda a compreender com mais clareza a natureza exata da situação humana de nosso tempo (CORTÁZAR, 2006, p. 68).

Leonor Arfuch, em *O espaço biográfico* (2010), também aponta nessa direção, ao falar das personagens como “modelo” da vida comum. Na busca pelo sentido da existência, o “biográfico” contemporâneo está se deslocando das vidas célebres para as vidas comuns, mais próximas da realização do próprio receptor. Desta maneira, há

a coexistência no imaginário social de ambos os “modelos”, o estelar e o das vidas comuns, em sua invariável mistura e superposição – como na vida: desventura dos poderosos, ascensões e quedas, golpes de sorte dos humildes, felicidade das coisas simples, etc. (ARFUCH, 2010, p. 79).

Um pouco desse sentimento é expresso por Evangelina, quando anuncia que narrará a sua história:

O mundo não me devia nada, mas isso não me impedia de seguir mal e porcamente um trajeto mal e porcamente traçado, que não tinha nenhuma importância para a vida de ninguém, e que poderia ter passado como de fato passou: à margem de tudo. Quase em branco (LISBOA, 2010, p. 25).

A epígrafe de *AC* anuncia essa dimensão de universalidade: “Somos todos estrangeiros/ nesta cidade/ neste corpo que acorda”, de autoria de Heitor Ferraz, indicando que, embora a história do romance seja sobre a imigração de várias pessoas, também é sobre qualquer um de nós, que compartilhe dos sentimentos do estrangeiro, mesmo que não o seja efetivamente. No primeiro capítulo dessa dissertação nos dedicamos a discutir justamente essa noção, percebida como própria da era da globalização, por Stuart Hall.

Nesse sentido, as personagens de *AC* vivenciam dilemas comuns aos seres humanos. A família salvadorenha do menino Carlos representa não só a condição dos imigrantes ilegais, como a situação de qualquer trabalhador que vive em situação indigna, e executa tarefas desprezadas pela maioria da população. Da mesma forma, também, não é preciso ser imigrante nos EUA para ter os sonhos da juventude frustrados ou se casar como “tábua de salvação”, como no caso das jovens personagens, Dolores e Isabel.

3.2 Estratégias narrativas

A maneira como a narradora, também protagonista de *AC*, “oferece” ao leitor as informações de suas memórias é bastante fragmentada, como já foi afirmado. Percebe-se uma tematização específica em capítulo, mas a caracterização das personagens é complementada em qualquer momento da obra, num jogo de progressão e digressão. Essa quebra frequente da sequência cronológica é denominada anacronia:

Termo grego que provém de *ana* (contra) e *chronos* (tempo)] Refere-se às alterações entre a ordem dos eventos da história e a ordem em que são apresentados no discurso. Assim, o narrador pode antecipar acontecimentos ou informações (prolepse) ou recuar no tempo (analepse). O uso de anacronias pode ter vários motivos, como por exemplo a caracterização retrospectiva de personagens, a reintegração de acontecimentos que não foram focados no devido tempo ou manter a expectativa do leitor ao fornecer informações antecipadas. [...] (CEIA, s.v. 2009).

O efeito é de lacunas constantes que apenas são completadas páginas à frente, bem como informações que alteram uma noção construída anteriormente. Por exemplo, sobre o encontro de Evangelina com sua avó paterna, Florence, recebemos as informações aos poucos; trata-se de um momento importante da narrativa, pois significa a iminência do encontro com o pai.

O encontro com Florence é narrado, em núcleo, no décimo capítulo, cujo título é “*Redondo Road*” (nome da estrada em Santa Fé, no Novo México, por onde o grupo Fernando, Carlos, Evangelina e June precisavam ir para chegar à casa de Florence). O momento foi emocionalmente intenso para Evangelina que estava prestes a receber informações sobre o paradeiro de seu pai, além de ser conhecida por sua avó: “Meu coração aos trancos e minhas mãos muito frias”, afirmara Evangelina. A revelação à Florence a respeito de quem era Evangelina, no entanto não é narrada; antes, há um “salto” da conversa polida entre os adultos para a viagem de retorno, à noite, à casa de June; de “[...] pensávamos, todos nós, cada um no dialeto de seu próprio pensamento, como faríamos para contar a Florence qual o verdadeiro motivo de nossa visita. E se ela ficaria nervosa ou feliz ou desconfiada, ou nada disso”, para “Já era noite quando formos embora da casa na Redondo Road” (LISBOA, 2010, p. 173-174). Dois capítulos à frente é narrada uma parte da conversa com Florence, o momento em que revelam quem é a adolescente que está ali com eles, especificamente. Surge então, a reação da avó, que havia sido anunciada no décimo capítulo:

Mas ela se levantou e se aproximou de mim. Fincou os olhos nos meus. Esqueceu o que quer que fosse que costumava dançar no espaço aéreo pouco acima de sua testa. Esqueceu Fernando, June e Carlos.

É mesmo? Ela me perguntou.

[...]

E ela olhou e olhou e continuou olhando. Até encontrar o que procurava (LISBOA, 2010, p. 190, 191).

A partir daí, a narrativa vai por algumas páginas narrando a visita de Fernando, Vanja e Carlos à cidade de Albuquerque, a parada em frente da casa onde Suzana morava quando Evangelina nasceu e o encontro com Isabel, outra amiga antiga de Suzana. Até que retoma o momento em que Florence observava a neta recém-conhecida:

O QUE FLORENCE NÃO ENCONTROU EM MIM: 1) Os olhos do meu pai. Não podia ter encontrado, porque, como mais tarde vim a saber, ele tinha olhos claros, e eu tenho olhos escuros. 2) Motivos para desconfiança. Enquanto ela me olhava, eu pensei nas múmias e em

como os egípcios antigos retiravam o cérebro dos mortos enfiando um gancho pelo nariz, no processo de mumificação. [...] 3) A neta que ela havia pedido aos céus.

O QUE FLORENCE SIM ENCONTROU EM MIM: 1) A neta que ela não havia pedido aos céus – e as surpresas, acho, têm seu charme. São uma espécie de bônus. [...] 2) Algum mérito invisível e indizível que, entre as duas opções ao seu dispor (me colocar em contato com Daniel, não me colocar em contato com Daniel), fez com que escolhesse a primeira. 3) Um traço qualquer no sorriso, um milímetro de curvatura do lábio, que ela processaria ao longo dos anos seguintes até um dia me dizer, definitiva: você tem o sorriso do seu pai (LISBOA, 2010, p. 198-199).

E somente no capítulo seguinte, após a narrativa ter se dedicado a dar mais informações sobre Isabel, sobre a Operação Marajoara do exército brasileiro durante a Guerrilha do Araguaia, e ainda sobre a operação “Limpeza”, é que nos é apresentado o momento em que o grupo revela à Florence a respeito de Evangelina: “*Nós viemos até aqui porque durante essa época que passou com seu filho a Suzana ficou grávida, e no fim do ano teve uma filha*” (LISBOA, 2010, p. 207). Adiante, Florence agradece o grupo por terem confiado nela e aproxima-se da neta: “Mas Florence segurou minhas mãos, e era como se as nossas mãos também trocassem palavras, olhares, completassem ligações telefônicas extraviadas. Minhas mãos pequenas e magras e ásperas. Suas mãos longas e nodosas, com manchas senis” (LISBOA, 2010, p. 208).

Como já foi possível observar, a mesma fragmentação se dá no caso da narrativa sobre a Guerrilha do Araguaia. Histórias da guerrilha compõem as memórias da juventude da personagem Fernando, e estão dispostas, dentro do romance *AC*, como excertos. Essas memórias, narrada pela própria Evangelina⁶³, estabelecem um paralelo entre a reconstrução da história de Evangelina, pelo passado de seus pais, com a reconstrução da história de Fernando. Ele é brasileiro, ex-guerrilheiro do Araguaia, que vive há vários anos nos EUA, trabalhando como vigia da Biblioteca de Denver, e é faxineiro nas horas de folga. Fernando deixou o Brasil como fugitivo político, e mesmo depois do fim da ditadura, não quis retornar. Ao que tudo indica ninguém nos Estados

⁶³ A história de *AC* é quase toda narrada em primeira pessoa, pela própria protagonista. Exceto um episódio, o qual salta à vista pela mudança de narração. Trata-se do dia em que Suzana conta para Evangelina que está doente; tem câncer e morrerá em breve. A narrativa vinha, até aquele momento, em franco fluxo de consciência, divagando sobre os fatos que acontecem sob o desconhecimento de muitas pessoas, principalmente das crianças. Vanja anuncia que contará o dia em que a realidade resolveu “sair do cartão-postal”. “Começa assim: Vanja, vamos na rua tomar um sorvete” (LISBOA, 2010, p. 51). A partir de então, a narrativa ganha um narrado não-personagem. Na continuação: “Vanja pula da frente da televisão. Aperta o botão para desligar o aparelho que já está bem velho [...] As duas andam até o calçadão [...] Vanja tem onze anos. Suzana, trinta a mais. (LISBOA, 2010, p. 52).

Unidos conhece seu passado e sua história com a Guerrilha, mas ele decide contá-la a Evangelina. Suas lembranças do país de origem acabam apresentando a adolescente um “outro” Brasil:

Na escola, durante as aulas de história do Brasil, tudo era maçante, distante e levemente inverossímil. Eu acompanhava os pombos lá fora enquanto o professor dizia que durante os anos setenta. Que durante os anos setenta. Anos setenta para mim eram o *That's 70's Show* do canal de programas estrangeiros. (LISBOA, 2010, p. 44).

Uma revelação é anunciada no nono capítulo, “*Las Animas*”⁶⁴, quando Fernando, Carlos e Evangelina fazem um pernoite não planejado (o carro havia quebrado) na localidade de *Las Animas*, na fronteira do Colorado com o Novo México. À noite, antes de dormirem, Fernando pergunta a Vanja: “Você quer que eu conte as coisas que não contei à sua mãe?” e passou a contar a história de sua deserção da guerrilha. Entretanto, só ficamos sabendo que se tratava disso depois de várias páginas, pois a narrativa é interrompida para contar o encontro com June, já em Santa Fé.

As frequentes interrupções narrativas levam a uma constante retomada da narrativa, ora ampliando-a pelo oferecimento de mais informações, ora alterando-a, pela interpolação de novas informações.

3.2.1 Lacunas na memória

O passado ressurgiu a todo o momento como parte constituinte do presente, como nesse trecho no qual a adolescente Evangelina explicita a angústia em reconstruir sua história:

Eu tinha mil e duzentas páginas de perguntas sobre minha mãe, sobre ele e minha mãe, sobre meu pai e minha mãe, sobre o Novo México, sobre os esquetes encenados antes que eu nascesse. Por que as pessoas se deslocavam daquele jeito da vida uma à vida da outra, e mudavam de cidade, e mudavam de país, e adquiriam novas cidadanias ou não adquiriam novas cidadanias. Por que, nesses deslocamentos, antigos amores sumiam do mapa, antigos amores transubstanciados em amizades sumiam do mapa (LISBOA, 2010, p. 77).

⁶⁴ Fernando decide “abrir” uma parte desconhecida de sua história na cidade chamada *Las Animas*, cujo nome significa “as almas” (do latim “ânima”); simbolicamente, conta à Evangelina parte de sua história que mantinha em segredo, ou retida em sua “alma”, no sentido psíquico dessa palavra.

Essa noção de anterioridade determina a afirmação identitária da personagem Evangelina. No entanto, não se trata de um passado sólido que pode ser fixado num número calendarístico, mas um passado fluido, que em sua movência nos apreende e carrega consigo num curso ainda por nós desconhecido.

Embora o passado ressurja, em *AC*, nem sempre aparece objetivamente, apresentando os fatos de forma linear e evolutiva. Assim o leitor é levado a imaginar sobre o que não lhe é contado imediatamente, até que lhe seja revelado inesperadamente em outro momento da narrativa. Essa estratégia é vivenciada pela própria protagonista, que também não dispõe de todas as informações sobre o passado de sua mãe, seu pai e Fernando: “Mas de todo o modo, entre as coisas de que a gente se lembra e as de que não se lembra, entre as que conhece e as que desconhece, é preciso tapar os buracos da memória com a estopa de que se dispõe” (LISBOA, 2010, p. 129).

Preencher as lacunas da memória significa imaginar, reunir hipóteses, divagar sobre possibilidades. Em dado momento, Evangelina toma conhecimento de que Fernando fora à Albuquerque para lhe registrar como filha após seu nascimento. A “rotura” nessa história transparece no trecho a seguir:

Não tenho ideia do que aconteceu entre os dois depois disso. As informações de que disponho são que mais tarde, naquele mesmo ano de 1988, Fernando foi para Albuquerque passar comigo e com minha mãe o Natal. Ficou hospedado na casa de Adobe, que só tinha dois quartos – o meu e o da minha mãe (LISBOA, 2010, p. 69).

A partir daí, a adolescente passa a imaginar o que teria acontecido entre Fernando e Suzana:

Talvez ele tivesse dormido no sofá da sala.

As estradas são uma aventura em dezembro, nessa parte do mundo. Fernando dirigiu muito mais do que as seis horas habituais entre uma cidade e outra na autoestrada I-25. Havia neve e gelo na pista.

Ele deixou para trás Trindad, ex-residência de Bat Masterson e, naqueles dias, capital mundial da mudança de sexo graças às operações realizadas pelo famoso Dr. Stanley Biber. Passou pela placa que dizia BEM-VINDO AO NOVO MÉXICO TERRA DE ENCANTAMENTO e viu pelo retrovisor a placa que dizia BEM-VINDO AO COLORADO COLORADO, as montanhas Sangre de Cristo a oeste.

Não sei se quando ele chegou em Albuquerque eu dormia em meu quarto algum sono de sonhos pequenos, sonhos do tamanho da minha vida, que cabiam (que cabia) com sobras entre as grades do berço. **Não sei se** ele e minha mãe se abraçaram com a força da falta que sentiam um do outro, ou que pensavam sentir, ou que precisavam

sentir porque em muitos casos a falta faz companhia. **Não sei se** ele foi para a cama com ela ou se ela apenas preparou uma sopa ou um chá e depois ela o ajudou a arrumar os lençóis e o cobertor no sofá da sala.

No ano seguinte ele já não foi para Albuquerque no Natal. E dois anos depois minha mãe e eu voltamos para o Brasil. Era para ser definitivo.

No caso dela, foi (LISBOA, 2010, p. 69-70).

No final do romance, esse trecho é repetido com a tônica do que Evangelina gostaria que tivesse acontecido entre Fernando e Suzana naquele Natal. Já que as lacunas da memória “abrem portas” à imaginação, é possível criar versões para as histórias:

As estradas são uma aventura em dezembro, nessa parte do mundo. Fernando dirigiu muito mais do que as seis horas habituais entre uma cidade e outra na autoestrada I-25. Havia neve e gelo na pista. Ele deixou para trás Trindad, ex-residência de Bat Masterson e, naqueles dias, capital mundial da mudança de sexo graças às operações realizadas pelo famoso Dr. Stanley Biber. Passou pela placa que dizia BEM-VINDO AO NOVO MÉXICO TERRA DE ENCANTAMENTO e viu pelo retrovisor a placa que dizia BEM-VINDO AO COLORADO COLORADO, as montanhas Sangre de Cristo a oeste.

Quando ele chegou em Albuquerque eu dormia em meu quarto algum sono de sonhos pequenos, sonhos do tamanho da minha vida, que cabiam (que cabia) com sobras entre as grades do berço. Ele e minha mãe se abraçaram com a força da falta que sentiam um do outro. Ele foi para a cama com ela. Mais tarde, no meio da madrugada, ela preparou uma sopa e os dois se sentaram diante da árvores de Natal para tomar a sopa.

Era para ser definitivo. E foi (LISBOA, 2010, p. 219).

Nesse caso, a nova versão foi criada por Evangelina, adequada a seu apreço por Fernando e o desejo de apropriação de sua paternidade. Como estratégia, as lacunas da memória abrem a narrativa à interpretação do leitor, que as completa dando vazão de suas próprias expectativas.

3.2.2 Relação autobiográfica

Pode-se pensar numa relação autobiográfica de Adriana Lisboa com as memórias de Evangelina em Copacabana⁶⁵. As conchas de cor azul-corvo, para a personagem Vanja, lembram brincadeiras de criança na areia da praia de Copacabana:

Lembro-me da luz, dos meus dedos cavando túneis e construindo castelos na areia molhada, pacientemente. Havia outras crianças ao redor, mas éramos cada uma o começo, o meio e o fim de nosso universo particular. Brincávamos juntas, isto é, dividindo o espaço com uma espécie de harmonia tensa, mas era como se cada criança estivesse recolhida à sua própria bolha de ideias, de sensações, de iniciativas, de projetos arquitetônicos vanguardistas envolvendo areia molhada e palitos de picolé (LISBOA, 2010, p. 29).

A cidade do Rio de Janeiro está presente em AC principalmente na descrição dos primeiros dias da menina Evangelina nos EUA que o estranhamento com a cidade de Lakewood é evidenciado. Ao comparar as montanhas rochosas ao redor da região de Denver, com as montanhas do Rio de Janeiro, a personagem indica o conhecimento próprio de uma moradora da cidade:

Das montanhas do Rio de Janeiro as pessoas: pulavam de asa delta. Davam tiros. Viam o resto do Rio de Janeiro lá embaixo e a arrebentação que parecia uma faixa fixa de espuma branca.

As montanhas do Rio de Janeiro achavam graça, no âmago de sua intimidade de terra e pedra e raízes e matéria orgânica de folhas e bichos mortos e cadáveres desovados [...] (LISBOA, 2010, p. 24).

Há, ainda, a correspondência temática dos deslocamentos, presente na obra e na vida da escritora Adriana, pelo fato de viver como imigrante nos Estados Unidos, no estado do Colorado. Logo, Evangelina e Adriana Lisboa fizeram o trânsito Copacabana-Colorado.

Entretanto, em entrevista a Luciano Trigo, em junho de 2013, Adriana Lisboa fala dessa condição que lhe é tão pessoal, conferindo-lhe uma dimensão universal:

Embora a minha experiência seja minha, e o universo sobre o qual eu escrevo seja necessariamente aquele que passa pelos meus olhos ou pela minha imaginação, acho que o maior prazer em escrever ficção está em explorar situações que não são as da minha própria vida. Sobre ser estrangeira, é uma situação que hoje para mim tem dois

⁶⁵ A intimidade com a cidade do Rio de Janeiro também pode ser observada na participação de Adriana Lisboa em coletâneas de contos e narrativas que tematizam a cidade. Cf.: <http://www.adrianalisboa.com.br/publicacoes/index.html>.

significados. Sou estrangeira nos Estados Unidos, pelos motivos óbvios, embora viva lá já há quatro anos. E acabo virando, num certo sentido, meio estrangeira no Brasil também, porque morar fora significa perder a relação cotidiana com o país e seus hábitos – por mais que leia jornal brasileiro pela internet, por mais que escreva em português e fale português dentro de casa. Mas não é uma situação que me desagrade: ela me confere certo olhar curioso sobre um e outro países que de outro modo eu não teria, e eu me surpreendo com coisas que para outras pessoas talvez já tenham virado meros pressupostos. (LISBOA *apud* TRIGO, 2013, [fonte eletrônica]).

Isso significa que, embora haja uma correspondência entre a vida da autora e a narrativa de AC, o foco recai sobre sua condição de estrangeira nos Estados Unidos. E nesse sentido, falar sobre o Rio, ou sobre o Colorado, é tematizar a experiência da estrangeiridade. Assim, essas histórias continuam sendo possíveis a qualquer imigrante; falam de uma condição e não pretendem garantir ao leitor a narração da biografia do autor.

De acordo com Leonor Arfuch (2010), Lejeune considerava a autobiografia um gênero de autoreferência do real. Ou seja, a “verdade” era garantida pela “assinatura” do autor, que se assumia como “eu”, enquanto narrador e personagem da própria experiência. Já para Mikhail Bakhtin tal identificação entre autor e personagem não seria possível. “Nem mesmo na autobiografia, porque não existe coincidência entre a experiência vivencial e a ‘totalidade artística’” (ARFUCH, 2010, p. 55). Sempre haverá o “estranhamento do enunciador” – o vínculo não mimético entre a linguagem e a vida.

Tratar-se-á, simplesmente, de literatura: essa volta de si, esse estranhamento do autobiográfico, não difere em grande medida da posição do narrador diante de qualquer matéria artística e, sobretudo, não difere radicalmente dessa outra figura, complementar, a do *biógrafo* – um outro ou “um outro eu”, não há diferença substancial –, que, para contar a vida de seu herói, realiza um processo de identificação e, conseqüentemente, de valoração (ARFUCH, 2010, p. 55, grifo da autora).

Assim, segundo Leonor Arfuch, Bakhtin compreende que o valor biográfico está em ordenar a vivência e narrar a própria vida:

É precisamente esse *valor biográfico* – heroico ou cotidiano, fundado no desejo de transcendência ou no amor aos próximos – que impõe uma ordem à própria vida – a do narrado, a do leitor –, à vivência por si só fragmentária e caótica da identidade, o que constitui uma das maiores apostas do gênero e, conseqüentemente, do espaço biográfico (ARFUCH, 2010, p. 56).

A contribuição de Bakhtin esclarece porque da dificuldade em distinguir entre formas auto e heterodiegéticas de biografia. Deste modo, Arfuch passa a considerar a autobiografia, o romance e o romance biográfico como *espaço biográfico*, porque, na verdade, há nessas formas a mesma ordenação da vida. Além disso, há em todas essas formas, uma especificidade própria à literatura.

Nesse espaço, podemos acrescentar, como o treinamento de mais de dois séculos, esse leitor estará igualmente em condições de jogar os jogos do equívoco, das armadilhas, das máscaras, de decifrar os desdobramentos, essas perturbações da identidade que constituem *topoi* já clássicos da literatura (ARFUCH, 2010, p. 56).

Esse *fabulismo da vida*, como foi definido por Bakhtin, refere-se à flutuação clássica entre o heroico e o cotidiano, tão presente no imaginário contemporâneo: “a vibração, a vitalidade, a confiança nos (próprios) acertos, o valor da aventura, a outridade de si mesmo, a abertura ao conhecimento (do ser) com disrupção” (ARFUCH, 2010, p. 70-71).

Nesse sentido, a relação biográfica de Adriana Lisboa, presente em AC, como foi evidenciado no item anterior, coloca sua condição de imigrante acima de qualquer traço autobiográfico. O que importa é elaborar uma experiência comum a “nós”. Na entrevista referida anteriormente, Lisboa assinala a universalidade da experiência do imigrante:

Ser imigrante é uma experiência bem vinda, porque isso me tira da zona de conforto e sublinha coisas que eu de hábito não notaria, tanto no lugar onde moro quanto no lugar de onde venho, já que mudei o ângulo de observação, mas também convivo com uma sensação muito grande de deslocamento no mundo. Vilém Flusser escreveu uma passagem que cito com frequência: “o cedro é estrangeiro no parque, eu sou estrangeiro na França, o homem é estrangeiro no mundo.” Essa “estrangeiridade” é insolúvel, portanto a literatura não é uma forma de me encontrar. É apenas uma forma de elaborar e expressar isso. (LISBOA *apud* TRIGO, 2013, [fonte eletrônica]).

É importante pontuar que, apesar da reflexão que nos leva a compreender o autobiográfico em todos os textos, não houve um apagamento do autobiográfico enquanto gênero distinto da ficção:

Efetivamente, nem o descentramento do sujeito operado pela psicanálise, nem as distinções introduzidas pela teoria literária – a não identificação entre autor e narrador; os procedimentos de ficcionalização compartilhados, por exemplo, com o romance; o triunfo da verossimilhança sobre a veracidade etc. –, nem a perda de ingenuidade do leitor/receptor “modelo”, treinado já na complexidade

mediática e no simulacro (Baudrillard, [1978] 1984), levaram, no entanto, a uma equivalência entre os gêneros autobiográficos considerados de “ficção”. A persistência aguda da crença, esse *algo a mais*, esse suplemento de sentido que se espera de toda inscrição narrativa de uma “vida real”, remete a outro regime de verdade, a outro horizonte de expectativa (ARFUCH, 2010, p. 72-73).

O conceito de valor biográfico, entretanto, permite observarmos as formas narrativas dissimilares (em relação aquelas explicitamente autobiográfica ou biográficas) como *cronotopo da vida*. Essa “autenticidade” do real, presente no texto, e também nas formas midiáticas, que tanto atrai os receptores contemporâneos.

Além disso, vislumbra-se também os *momentos biográficos*

que surgem inopinadamente, nas diversas narrativas, particularmente nas midiáticas. Ali, nesse registro gráfico ou audiovisual que tenta dar conta obstinadamente – cada vez mais “pela boca de seus protagonistas” – do “isso aconteceu”, talvez seja onde se manifesta, com maior nitidez, a busca da plenitude da *presença* – corpo, rosto, voz – como proteção inequívoca da existência, da mítica singularidade do eu (ARFUCH, 2010, p. 74).

Neste sentido, existe uma marca em AC que chama a atenção. Nos excertos de memória da personagem Fernando, sobre a Guerrilha do Araguaia, são mencionados diversos nomes verídicos: Chico Ferradura, Osvaldão, Walkíria, dentre outros guerrilheiros, e ainda tantos outros militares responsáveis pelas diversas operações do Exército Brasileiro na eliminação da guerrilha⁶⁶. Entretanto, o codinome de Fernando, Chico, e seu par amoroso, uma guerrilheira denominada Manuela, cujo nome verdadeiro seria Joana, não têm correspondente verídico. Antes, essas personagens parecem integrar características de diversos guerrilheiros factuais.

Tal disparidade entre as memórias factuais e essas duas personagens, podem ser percebidas, em termos lacanianos, como a noção de que nenhum significante pode representar totalmente o sujeito. “Nenhuma identificação, por mais intensa que seja, poderá operar como elo final dessa cadeia. É precisamente esse vazio constitutivo, e sobre esse (eterno) deslizamento metonímico, que se tecem os fios de nosso espaço biográfico”, enfatiza Arfuch (2010, p. 80).

Ainda na linha psicanalítica de Lacan, Arfuch argumenta que a representatividade do outro é, em certa medida, autorreconhecimento por meio da vida do outro. O sujeito, nessa concepção é:

⁶⁶ Essas semelhanças foram analisadas no artigo “Uma narrativa contra o esquecimento: a Guerrilha do Araguaia (1972-975) em *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa”. Cf.: BRAUCKS (2014).

Um sujeito não essencial, constitutivamente incompleto e, portanto, aberto a identificações múltiplas, em tensão com o outro, o diferente, através de posicionamentos contingentes que é chamado a ter. Nesse “ser chamado”, operam o desejo e as determinações do social; esse sujeito é, no entanto, suscetível de autocriação. Nessa ótica, a dimensão simbólico-narrativa aparece como constituinte: mais do que um simples devir dos relatos, uma *necessidade* de subjetivação e identificação, uma busca consequente daquilo-outro que permita articular, ainda que temporariamente, uma imagem de autorreconhecimento (ARFUCH, 2010, p. 80).

Esse autorreconhecimento usufrui de ancoragem na vivência real, mas representa a *vida em geral*, daí o trânsito entre o “eu” e o “nós”, no sentido de que, em termos receptivos, se tome a experiência de um protagonista como uma experiência vivencial possível.

3.3 *Life is good*

A imigração ilegal latino-americana para os Estados Unidos é tema de ampla produção fílmica, tanto no cinema latino-americano quanto nas produções hollywoodianas. No conjunto, é representado um contexto de múltiplas dificuldades para aqueles que decidem entrar ilegalmente nos EUA, as quais têm início já na travessia da fronteira México-EUA. É o caso de *Border Run* (2012), no qual a saga dos imigrantes ilegais é vista num contexto de violência, tráfico de drogas e morte.

Manuel Fernando Medina (2012) analisa o filme latino-americano *Paraíso Travel* (2009), demonstrando seu potencial de representação da luta pela sobrevivência nos grandes centros urbanos, destino de milhares de imigrantes. Tratando-se de uma produção marginal, na qual a ideia de “paraíso” é desconstruída pelo sofrimento enfrentado por suas personagens e pela própria viagem para alcançar as tão sonhadas melhores condições de vida, que se converte, muitas vezes, em verdadeira odisseia.

Especialmente em *Paraíso Travel* é apresentado o viés da crise econômica nos Estados Unidos, tornando o “sonho americano” longe do alcance da própria população cidadã. Baseado no romance homônimo de Jorge Franco, o filme traz a história de

Marlon e sua namorada, que decidem viajar de Medellín para os Estados Unidos. Sem a possibilidade de conseguir vistos oficiais, escolhem a opção oferecida pela agência de viagem Paraíso Travel, referente inicial do nome do filme. Por uma quantidade enorme de dinheiro, eles oferecem literalmente uma viagem ao paraíso, os

Estados Unidos. O filme conta a odisseia da viagem por ar, mar e terra, desde a Colômbia até o destino final, depois de semanas, em New York. Marlon passa a maior parte do filme procurando Reina e o filme culmina quando ele a encontra (MEDINA, 2012, p. 14).

A ideia principal de *Paraíso Travel* é a frustração do sonho de viver dias melhores no país norte-americano, por isso, o filme não termina com um “final feliz”. Reina, namorada de Marlon termina da seguinte maneira:

Agora, viciada nas drogas, morando num lugar muito pobre, vendendo seu corpo para sobreviver, ainda que morando com sua mãe, não parece ter conseguido subir na escala social. Na verdade, o filme parece presentear a mensagem coerente de que todo mundo estaria melhor na Colômbia, longe do “paraíso” e de odisseias (MEDINA, 2012, p. 15).

Noutro momento, Manuel F. Medina (2010) analisa o filme *La Ciudad (The City)*, de 1999, no qual procura delinear uma Nova Iorque “selvagem” para os imigrantes latinos. O diretor David Riker, em determinado episódio, mostra imigrantes trabalhadores se apresentando a um contratador, mediante uma seleção “darwiniana”, tal qual aquelas às quais os escravos eram submetidos nos mercados públicos das colônias.

When a man arrives looking for workers, the men congregate around the truck and the scene acquires Darwinian and naturalistic characteristics. The immigrants fight among each other to position themselves in the front of the line. The man selects them according to their physical fitness: strong, fast, young and tall get picked over their mates. The street becomes the background for these human beings and the self-sacrifice, regret and dehumanization that they suffer as they struggle within the parameters of the “survival of the fittest”. Riker’s New York appears as a jungle where people must survive. (MEDINA, 2010, p. 16).⁶⁷

Essa filmografia aponta na direção da frustração que, como vimos no segundo capítulo deste trabalho, muitas pessoas enfrentam durante o processo de imigração para os Estados Unidos. As jovens mulheres latinas de AC, a salvadorenha Dolores e a portorriquenha Isabel figuram as aspirações frustradas, uma por não conseguir realizar o sonho de estudar, trabalhando como camareira num hotel de luxo em Denver, e a outra

⁶⁷ Então chega um homem olhando para os trabalhadores, os homens se reúnem em torno do caminhão e a cena adquire características darwinianas e naturalistas. Os imigrantes lutam entre si para se posicionar em frente da linha. O homem seleciona os trabalhadores de acordo com sua aptidão física: fortes, com reflexos rápidos, jovens e altos são preferidos entre seus companheiros. A rua torna-se o pano de fundo para esses seres humanos e para o autossacrifício, desgosto e desumanização que eles sofrem, e também para a luta que emprenham dentro dos parâmetros da "sobrevivência do mais forte". A New York de Riker, aparece como uma selva onde as pessoas têm de sobreviver (Tradução livre).

por não se tornar atriz, mas *stripper*; ambas trocaram seu sonho pelo casamento com um cidadão norte-americano.

Também podemos nos referir à frustração e decepção da família do menino Carlos com as condições encontradas nos Estados Unidos, antes do casamento de Dolores, é claro. Tal sentimento parece culminar na doença psiquiátrica da mãe do menino:

A mãe do Carlos continuava internada mas segundo ele viria para casa na segunda-feira. Ela chegaria mais magra e com pequenos vales escuros sob os olhos e com duas mãos invisíveis empurrando seus ombros para baixo e para frente, envelhecendo-a, subordinando-a. E ela diria que queria voltar para San Salvador mas diria isso sem gritos, porque já havia aprendido, a essa altura, o quanto era perigoso pautar-se por decibéis em excesso e atrair denúncias dos vizinhos, num lugar onde as pessoas efetivamente chamavam a polícia e a polícia efetivamente aparecia. Dias depois, convidaria a reincidente mulher dos folhetos para entrar em sua casa e conversar com sobre deus. Argumentaria que se deus existisse ela estaria de volta em San Salvador. Com sua filha. E a mulher dos folhetos evocaria a inescrutabilidade dos projetos divinos. Mais tarde, já na Flórida, a mãe de Carlos recuperaria a fé e perdoaria deus (LISBOA, 2010, p. 135).

De todos os problemas, há aquele irremediável, como o que sucedeu à mexicana Maria Isabel Vasquez Jimenes, a qual teve sua vida interrompida. A jovem acabou morrendo por desidratação em uma plantação de uvas na Califórnia. Esse contexto se refere ao lado desumano da imigração e suas políticas, as quais não poupam pessoas, chegando a negar-lhe água, e as usam como usam como mão-de-obra barata, perpetuando um ciclo de exploração e sofrimento. O sétimo capítulo, *O lobo do homem*, discute as brutalidades das guerras e é onde a mãe de Carlos tem um ataque histérico ao saber que a filha Dolores fugira como o namorado para a Flórida, aludindo à desumanidade que os processo de imigração implicam, muitas vezes, à semelhança das guerras.

No entanto, a tônica em *AC* é outra. Há uma perspectiva positiva da vida, na qual é possível pensar em cooperação apesar de que haja pessoas dispostas à guerra. Eis o paradoxo desse romance: o paralelismo entre a Guerrilha do Araguaia e seu contraponto, a nova vida possível surgindo no universo de Evangelina, Fernando e Carlos.

No fim de tarde, no qual Suzana dá a notícia de sua doença para Vanja, elas estão sentadas num banco de frente para o mar, na praia de Copacabana. Além da

notícia, Suzana fala do passado e dá conselhos para a filha que, em menos de dois anos, ficará sem a mãe.

Num saquinho de papel se embaralham nomes e palavras: *Albuquerque, Copacabana, Londres, Araguaia, LIFE. IS. GOOD. Amazônia Colorado Guerrilha. Texas. Namorado Americano Lugar Nenhum.* Algumas das palavras dizem respeito ao presente, outras vêm do passado, outras podem pertencer a algum futuro. Estão ali, confundidas. É um saquinho de papel que Vanja vai levar, sem saber, na mala com as coisas importantes, quando fizer sua viagem de volta ao país onde nasceu e onde o grito de ordem a-vida-é-bom se escreve assim: *life is good*. As palavras e os nomes dentro do saquinho aos poucos se destacam de Suzana, lhe pertencem cada vez menos. Tanto que ela nem as menciona, embora saiba que estão ali (LISBOA, 2010, p. 52).

De todos os conselhos que Suzana procura dar para Evangelina, talvez esse jargão seja o mais importante. Ela precisará vencer a autopiedade e a piedade alheia, tomar o comando da sua vida e “mandar” nela, mas independente de tudo que vier a viver, e das pessoas que vier a perder, *life is good*.

A imagem da capa de *AC*, da primeira edição, de 2010, mostra um bando de corvos, e se torna emblemática para a perspectiva positiva diante da vida:



Fonte: http://www.meggangould.net/site_seeingIV.htm#

Na imagem da fotógrafa Meggan Gould, os corvos estão sobre um fio que pode ser um condutor de energia, como os da rede elétrica pública. Simbolicamente, o fio fotografado está dividindo a vista do céu; a partir disso, permitimo-nos pensar numa divisão imaginária entre as pessoas imigrantes ou não, divididas pela desumanização. Separação que determina melhores oportunidades para a vida a alguns, e piores para outros; um marco distintivo dos que são dignos de água enquanto trabalham e os que não são.

Na página fotográfica, na Internet, é possível visualizar uma sequência de imagens, da qual a primeira foi eleita para a capa de *AC*; nas imagens seguintes os corvos voam:



Fonte: http://www.meggangould.net/site_seeingIV.htm#

Os corvos estão temporariamente pousados no fio; é possível que voltem, ou que escolham outro local para seus pousos intervalares. O que importa é que se movimentam por sobre o fio, ignorando seu limite simbólico. Dos poucos que voam na direção contrária (são dois apenas), somente um transpõe a linha divisória para a esquerda; imagem da qual nos apropriamos no sentido de que viver *humanamente* é, em momentos pontuais da vida, partir em outra direção solitariamente; o humano é coisa própria das minorias. Sob esse prisma alguns aspectos da narrativa de *AC* podem ser analisados.

3.3.1 Amizade de laços familiares

A amizade gerada entre Evangelina e Carlos irrompe o difícil mundo da imigração ilegal em diversos aspectos. Primeiramente, a ajuda com a língua inglesa que Evangelina pode oferecer a Carlos é um importante passo para que o menino possa se apropriar dela; o menino que queria se tornar um “nativo” precisava mergulhar e dominar essa língua, porque ela certamente lhe abriria as portas do universo cultural norte-americano. Apesar da necessidade de melhorar com o inglês fosse concreta, Carlos tem necessidade de companhia e afeto, porque o trabalho do pai e a doença da mãe fazem com que fique sozinho por muito tempo. Assim, Carlos passa horas com Evangelina, praticamente todas as tardes.

Carlos não tinha autorização para usar o computador de sua casa e vinha quase todos os dias depois da escola me pedir para jogar. Só depois que você terminar o dever de casa, eu disse, da primeira vez que ele pediu. E se Fernando deixar. O computador não é meu, é dele.

Carlos voltou para casa. Mas assim que o Saab parou junto ao meio-fio ele veio tocar a campainha outra vez, com o dever de casa em punho para me mostrar que tinha feito quase tudo e que só tinha deixado em branco uma dúvida, será que eu podia ajudar? Qual a diferença de *its* para *it's*? E depois ele podia jogar? (LISBOA, 2010, p. 104).

Evangelina também tem necessidade de companhia, pois ainda lida com o luto pela morte da mãe, embora Fernando se esforce para suprir a atenção que a adolescente necessita, mesmo que “desajeitadamente”. Nesse intuito, Fernando leva Evangelina para vários lugares, como a piscina pública de Lakewood, um passeio pelo subúrbio de Denver, descer o rio em Boulder em câmeras de pneus, ao labirinto no milharal, o *corn maze*. Esse último foi um passeio de “consolação” porque Evangelina tinha ficado triste por não poder ir à casa de Aditi Ramagiri para sua festa de aniversário. O menino Carlos, não tem as mesmas oportunidades e Evangelina logo percebe isso e passa a inclui-lo em seus passeios. Na visita ao labirinto no milharal Carlos já está junto, como estará nos outros acontecimentos dali em diante: na tradição de pedir doces pela vizinhança no dia de Halloween e as brincadeiras na neve.

Para Olgária Matos, no Renascimento nasce o humanismo, onde o homem perde a dimensão religiosa e passa a considerar os acontecimentos políticos, científicos e históricos como ação humana voluntária. A partir dos séculos XVI e XVII, com Bacon e Descartes, a ciência passa a ignorar o homem. “O sujeito moderno não tem ponto fixo,

religioso ou político [...] o sujeito lógico ou o sujeito econômico não têm dores a mitigar nem esperanças a realizar” (MATOS, 2004, p. 65). Essa foi a época do cientificismo, da racionalidade tecnológica, do ativismo político como solução dos problemas humanitários, do elogio ao pragmatismo, do abandono ideal da contemplação. Tudo isso ao mesmo tempo que o mercado ascendia impositivamente com as ofertas imagéticas da felicidade. A existência passou a ser regida pela insegurança e pela violência institucionalizada pelo mercado, cujos imperativos são considerados racionais e capazes, por si mesmos, de organizar a vida social, política e econômica, instituindo a competição e a competitividade como solo intransponível das relações individuais, sociais e institucionais: a violência econômica se tornou o paradigma e o ideal da ação humana. Os totalitarismos do século passado, que geraram Auschwitz e Hiroshima, indicam a homogeneização dos homens, que já não são mais indivíduos, mas exemplares de um tipo subumano (e retornamos à barbárie, ou, nas palavras de La Boétie, à tirania, o assimétrico oposto da amizade). A razão ocidental provara sua capacidade de dissolver a compaixão e a autonomia de pensamento – os marcos iniciais do humanismo renascentista (MATOS, 2004, p. 65). Matos pondera se estaríamos vivenciando um (re)nascimento de valores humanamente ambicionados desde as virtudes aristotélicas? Nesse caso, valores humanos como amizade, compaixão, altruísmo podem ser respostas do humano à “barbárie moderna”, tão bem descrita pela autora?

AC parece sinalizar a amizade como uma forma de resistência à desumanização. Esse laço é estreitado na viagem de Fernando, Evangelina e Carlos, a bordo do Saab vermelho 1985, para o Novo México, em busca da avó Florence e notícias de seu pai Daniel. Nessa viagem o trio conhece June, uma das amigas de Suzana no passado. Pelo aconchego da casa de June, Evangelina conclui que eram como uma família reunida:

Um talento de June: nós quatro éramos, de repente, essa grande família improvável, multinacional, cheia de línguas diferentes e sotaques diferentes para as mesmas línguas. Nossas idades eram em tese meio incompatíveis, nossas preocupações e ocupações idem, nossos passados talvez nos identificassem como animais de espécies distintas, resultados de processos evolutivos distintos, e no entanto ali estávamos. Com um monte de risos fáceis. [...]

O aquecimento da casa de June era no chão – logo eu e Carlos descobrimos isso, e o prazer de andar descalços por aquela grande placa terrosa e morna. [...] Enquanto eu e Carlos dançávamos um arremedo de balé no chão morno, os dois velhos mastiffs contemplavam, talvez com a memória vaga de em algum momento ter

feito aquilo também, acompanhando outras crianças, numa época em que o mundo tinha menos dores nas juntas (LISBOA, 2010, p. 158).

Esse episódio marca a aproximação humana por meio do aconchego na casa de June. A proximidade é uma necessidade e os encontros são sempre possíveis. Há uma simbologia na reunião na casa de June que é a de que, num contexto de indiferenças, em que pessoas se aproveitam umas das outras, como os coiotes (título do 14º capítulo *Canis latrans*), que se alimentam dos sonhos dos imigrantes latinos, ou matam uns aos outros como lobos ferozes (título do 7º capítulo *O lobo do homem*), uma confraria como essa na casa de June ainda é possível.

3.3.2 Alienação da paternidade

Fernando não é o pai legítimo de Evangelina, embora a tenha registrado como filha. Porém, tem preocupações genuínas de pai para com a adolescente, como transparece nesse trecho, o qual narra um passeio pelo jardim de Florence, logo depois de receberem a notícia de que Daniel, pai biológico de Evangelina, se encontrava no continente africano:

Fernando segurava a minha mão enquanto andávamos pelo jardim seco de Florence e víamos as esculturas sem prestar atenção. Foi a única vez que eu e ele andamos de mãos dadas. Ele segurava a minha mãe pequena e fria com sua mão grande e fria e para um olhar mais apressado, que deixasse a genética de lado, podíamos ser filha e pai (LISBOA, 2010, p. 187-188).

O fato de Daniel, pai de Evangelina, ter sido encontrado, não modificou a relação pai e filha, entre Fernando e Evangelina. O pai que estava morando na cidade de Abidjan, na Costa do Marfim, permaneceu um referencial distante. Evangelina nos conta que visitou Daniel algumas vezes e que se falavam por telefone também. Quando Daniel esteve nos Estados Unidos a trabalho, saíram para beber “umas cervejas”. Em vez de reivindicar sua herança, Evangelina prefere pagar a conta do bar. As viagens que fizera à Costa do Marfim também não foram pagas por Daniel, e sim por Fernando.

Quanto à herança, Evangelina herda a casa de Fernando quando ele morre, numa representação de que a paternidade foi alienada. Nesse momento, Carlos se muda para casa de Fernando:

Faz pouco mais de um ano que Carlos atravessou a rua e veio morar nesta casa, porque ele havia prometido não sair do Colorado e não sair de perto de mim. Então, quando seus pais arrumaram a mudança e venderam móveis e compraram passagens aérea só de ida para a Flórida, ele pegou suas coisas e as transferiu para cá. [...] eu me mudei para o quarto que era do Fernando e o Carlos se mudou para o quarto que era meu e com essas pequenas migrações ficamos (LISBOA, 2010, p. 217).

Fica estabelecida dessa forma, a perspectiva otimista da vida em *AC*, de maneira que o nome da protagonista, o qual deriva da palavra “Evangelho”, arremata essa ideia. A adolescente desconhece os motivos pelos quais sua mãe lhe dera esse nome:

Algun motivo especial para sua mãe ter chamado você de Evangelina?

June lavava os pratos do café da manhã e eu ajudava.

Você sabe, ela continuou. Evangelina, evangelho.

Dei de ombros.

Não que ela tenha me contado. Acho que foi só porque ela gostava. E porque não é muito comum. Ela não queria que eu tivesse um nome muito comum. Do tipo que um monte de gente na escola tem igual, sabe? (LISBOA, 2010, p. 163).

Por fim, a chegada de Evangelina nas vidas das demais personagens parece ter sido recebida como uma novidade bem-vinda, “boas novas”, gerando uma mudança positiva para aqueles que pensavam que o passado não poderia mais tocá-los.

Neste capítulo, afirmou-se que a escrita de Adriana Lisboa, em *AC*, reúne poesia e romance; poesia no sentido de “mergulho” no profundo de seu objeto; romance no sentido de tomar questões próprias do indivíduo humano como tema. Por esse tom tão profundo, “como a esfera entre os dedos, sendo perpassada até seu centro” (CORTÁZAR, 2006), foi possível tematizar a imigração na perspectiva de um mundo diaspórico, no qual a movência é intrínseca e cujas nuances se enredam na saga da existência humana.

Desta forma, essa análise, embora breve, evidenciou o lado esperançoso da vida humana, apesar das mazelas da imigração, ambas as perspectivas trazidas à luz em *AC*. Por fim, estabeleceu-se a esperança de que as travessias têm seus “valores”; de maneira que, ao cruzar países e culturas, o indivíduo se expõe a ganhar algo intransferível, embora cambiável, que acrescentará esperança e “brilho” nas relações humanas – a proximidade.

CONCLUSÃO

O mundo da personagem-protagonista de *AC*, Evangelina, não nos é estranho; estranho é o sentimento que qualquer um de nós, inserido nesse mundo, pode ter. Imerso numa cultura plural e em franco contato com as diferenças, o indivíduo “de hoje” é colocado frente aos apelos do consumo, aos ditames comportamentais da mídia, à discriminação interiorizada à revelia de sua vontade, ao distanciamento dos valores humanos; nessa atmosfera, o indivíduo empreende uma busca de autoconhecimento, constituindo uma identidade híbrida e única, a qual, embora permaneça em aberto, possibilitará encontrar sua própria forma de “viver a vida” além da sobrevivência física. Isso porque, embora o indivíduo viva num mundo palpável, feito de terra, água e ar, com o qual ele precisa lidar com o clima, vegetação e “acidentes geográficos”, não se pode esquecer que, ainda assim, estabelecerá relações com outras pessoas, tais como de amor, de amizade, de família. Existir é, portanto, de tudo isso, um pouco; à medida que cabe a cada um, conforme suas possibilidades e escolhas, até que a morte lhe imponha o limite máximo de sua transitoriedade.

A condição de diáspora contemporaneamente, como foi averiguado, configura-se pela flexibilidade, fragmentação e abertura identitária. Assim, os sujeitos estão imersos numa atmosfera de diferenças culturais, onde se intercambiam as diferenças de cor, raça, etnia, religião, sexualidade, gênero, nacionalidade, economia, políticas públicas, regimes políticos, etc. Essa troca, entretanto, nem sempre é um processo harmonioso; antes, em todos os cantos, reacendem conflitos etnorreligiosos, etnorraciais, políticos, etc. e se erguem novos muros, concretos ou imaginários, tentando dividir dois lados “diferentes”.

No filme *Border run* (2012) há uma cena recorrente; quando as pessoas se aproximam da cerca na fronteira México-Estados Unidos, em pleno deserto do Arizona, policiais norte-americanos disparam tiros para afastá-las. Tomemos essas imagens por emblema de um pensamento que visa a divisão e não aproximação; algo como “Nem chegue perto!”.

Desta forma, diáspora é um conceito que abrange os aspectos do contato e do afastamento, um aberto e fechado simultaneamente. Nesse contexto, as escolhas de aproximar-se e afastar-se até podem ser pensadas em termos individuais, entretanto, chegar perto e manter-se longe têm se apresentado como duas instâncias ideologicamente limitadas. As políticas, bem como seus elos com as economias,

determinam, nesse mundo diaspórico, quais são as formas culturais das quais as pessoas podem se aproximar “sem medo”; como vimos, essas formas têm se definido como as norte-americanas, as quais, cada vez mais, estabelecem-se como aquelas que conferem segurança aos sujeitos; o sentir-se “em casa”, a cada dia, parece-se mais com o *American dream*.

Além das preocupações culturais que esse quadro suscita, como o apagamento das diferenças, o sufocamento das culturas marginalizadas e a dominação econômica por meio do domínio cultural, borbulham questionamentos de outra ordem, a ordem da existência humana. Se tornar-se um sujeito “contemporâneo”, como vimos, significa uma postura crítica ao seu tempo, podemos afirmar que a literatura tem desempenhado essa função, como o fez em outros momentos de sua história.

Numa perspectiva diacrônica, a literatura tem tomado parte no profícuo debate das humanidades quanto à cultura, o qual tem se afirmado enquanto um debate sobre as identidades e também sobre a vida humana. Segundo o pensamento de Ottmar Ette, conforme apresentado por Horst Nitschack [s.a], da *Universidad del Chile*, a relação da literatura com as demais ciências humanas, no contexto de globalização acelerada, tem se intensificado e precisaria participar ainda mais desse debate mundial, tanto que o estudo crítico da literatura, enquanto ciência, poderia ser renomeado “Ciência da vida”:

La literatura – vista desde esta perspectiva – ha sido siempre el medio para hacer presente lo que ha sido amenazado de ser excluido y reprimido. Insistir en esta potencialidad de lo literario no significa solamente su reevaluación con respecto a los otros discursos y consecuentemente una revalorización o re-situación de las prácticas literarias al nivel de la producción como de la recepción, sino tiene también como consecuencia una revalorización de la ciencia que trata de estos discursos literarios. Se retribuye a esta ciencia una dimensión y al mismo tiempo una obligación que ella ha perdido de vista en las contiendas teóricas y en el torbellino de “giros” (engl. “turns”) a los cuales ella há sido sometido en las últimas décadas. Ello convierte la ‘Ciencia de la literatura’ en una “Ciencia de la vida” en la medida en que su objeto, la propia literatura, como O. Ette lo ha desplegado en su penúltimo estudio, es el lugar de un ‘ÜberLebenswissen’, el lugar de un “Saber sobre la vida” y de un “Saber de sobrevivir” (NITSCHACK, s.a. p. 2-3).⁶⁸

⁶⁸ A Literatura - vista a partir dessa perspectiva - tem sido sempre um meio para trazer de volta o que foi ameaçado de ser excluído e reprimido. Insistir nesta potencialidade da literatura, não só significa uma reavaliação em relação a outros discursos e, conseqüentemente, a uma reavaliação ou re-posição a nível de práticas de produção e recepção literária, mas também resulta da apreciação de uma da ciência que com esses discursos literários. É dada a esta ciência uma dimensão, ao mesmo tempo uma obrigação, a qual ela perdeu de vista na disputa teórica e no turbilhão de "voltas" (do inglês *turns*) aos quais foi submetida nas últimas décadas. Isso converte a "Ciência da Literatura" em uma "Ciência da Vida", na medida em que o seu objecto, a própria literatura, como O. Ette implantou em seu estudo penúltimo, é o

Nitschack assinala que a literatura é, para Ette, um lugar privilegiado onde o saber da vida está arquivado, condensado e discutido, devendo colocar essa perspectiva peculiar à disposição de um debate inter e transdisciplinar a respeito da vida, esta vista num conceito não redutor, como nas concepções mais tradicionais. O saber literário, visto dessa forma, está ancorado no tempo presente e atento à necessidade de diálogo intercultural:

La potencialidad de una ciencia de la literatura, sin embargo, no se agotará en la reformulación y recuperación del saber de la vida, sino encontrará su aplicación concreta y práctica en el contexto del desafío cultural que significa el proceso de globalización que requiere la convivencia de las más diferentes culturas, aceptando sus diferencias e incentivando su respecto recíproco (NITSCHACK, p. 4-5).⁶⁹

Numa perspectiva sincrônica, a literatura afirma-se contemporaneamente como fomento de reflexão existencialista, na qual o que é propriamente humano é observado profundamente, em seus desencantos e esperanças.

Nesta dissertação, observou-se justamente a intersecção entre o momento literário diacrônico, em sua relação de continuidade crescente com os estudos das humanidades, e o aspecto sincrônico, conforme a reflexão existencialista, em pleno mundo globalizado, a qual foi verificada na prática literária de AC; ambos os momentos mostraram-se passíveis da denominação “contemporâneo”.

Ao acompanharmos as rupturas da personagem Evangelina com o pensamento infantil, tomamos parte de seu despertar crítico. Quiçá possamos encontrar, assim como a adolescente, sentido em nossa ‘estrangeiridade’ e trilhar caminhos de proximidade com nossos semelhantes, mesmo os mais diferentes.

local de uma “*ÜberLebenswissen*”, o lugar de um "saber mais sobre a vida" e um "aprender a sobreviver" (Tradução Livre).

⁶⁹ O potencial de uma ciência da literatura, no entanto, não se esgota na reformulação e recuperação do conhecimento da vida, mas em encontrar a sua aplicação e prática específica no contexto do desafio cultural do processo de globalização, o qual exige coexistência das diferentes culturas, aceitando suas diferenças e incentivando o respeito mútuo (Tradução Livre).

REFERÊNCIAS

a) Da pesquisa

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**. Escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, Capítulo 1, “Culpas e memórias nas modernidades locais”, p. 14-31.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Editora Argos, 2009.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Espaços da memória, mapeamento do corpo: a consciência diaspórica contemporânea segundo Dionne Brand. In.: **Revista Interfaces Brasil/Canadá**. ABECAN, Vol.12, n.1, 2012, p. 49-64.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V. 3, p. 801-809.

BARZOTTO, Leoné Astride. Nuestra cultura local: por uma epistemologia das margens. **Caderno de Estudos Culturais**. V. 3, n. 6 (2011). Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2011, p. 75-87.

BERND, Zilá. Americanidade/ Americanização. PDF. GT ANPOLL- Relações Literárias Interamericanas. 2008. Disponível em: <http://partnership.files.wordpress.com/2008/02/americanidade-e-americanizacao.pdf>. Acesso: 16 jul. 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional (NVI)**. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Geográfica, 2000.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: _____. ; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Maringá: Eduem, 2009, Capítulo 14, “Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas”, p. 257-286.

BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora**. Contesting identities. Taylor & Francis e-Library, 2005, e-book.

BRAUCKS, Noraci Cristiane Michel; BARZOTTO, Leoné Astride. Uma narrativa contra o esquecimento: A Guerrilha do Araguaia (1972-1975) em *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa. In.: **Revista Memorare**. Vol.1, n.2, 2014, p. 142-156.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EdUSP, 2003.

- _____. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- CANDIDO, Antonio. Direito à Literatura. In.: _____. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 169-191.
- Casa da Flor**. Site. Disponível em: <http://www.casadaflor.org.br>. Acesso: 16 dez. 2014.
- CEIA, Carlos. s.v. Anacronia, **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <http://www.edtl.com.pt>. Acesso: 12 dez. 2015.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. Trad. Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Uma luz na escuridão: imigração e memória. In.: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira; VAZ, Artur Emilio Alarcon (Org.). **Literatura e Imigrantes**. Sonhos em movimento. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, POS-LIT; Rio Grande: Fundação Universidade Federal de Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2006, p. 9 a 33.
- CUNHA, Felipe Brum. **Imigração ilegal nos Estados Unidos: uma análise conjuntural a partir de uma perspectiva histórica**. 2010. 167 f. Monografia de conclusão de Curso de Graduação – Faculdade de Relações Internacionais, UFRGS, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70009/000876107.pdf?sequence=1>. Acesso: 16 jul. 2014.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói – RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.
- FORNOS, José Luís Giovanoni. Identidades diaspóricas e conflitos culturais na literatura açoriana. In.: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira; VAZ, Artur Emilio Alarcon (Org.). **Literatura e Imigrantes**. Sonhos em movimento. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, POS-LIT; Rio Grande: Fundação Universidade Federal de Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2006, p. 83-97.
- GONÇALVES, Teresinha Maria. Habitar: a casa como contingência da condição humana. In.: **Revista Invi**. Vol. 29, n. 80, mai 2014, p. 83-108.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- _____. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006, Capítulo 2 “Nascimento e morte do sujeito moderno”, p. 23-46.
- HANCIAU, Núbia. Esses escritores vindos de longe... Passagens obrigatórias pela escritura migrante do Canadá francófono. In.: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira; VAZ, Artur Emilio Alarcon (Org.). **Literatura e Imigrantes**. Sonhos em movimento. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, POS-LIT; Rio Grande: Fundação Universidade Federal de Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2006, p. 99-113.

HETATA, Sherif. Dollarization, Fragmentation and God. In.: JAMESON, Fredric; MIYOSHI, Masao (editors). **The cultures of globalization**. [s.l.] Duke University Press, 1998, p. 273-290.

JAMESON, Fredric. Notes on Globalization as a Philosophical Issue. In.: _____.; MIYOSHI, Masao (editors). **The cultures of globalization**. [s.l.] Duke University Press, 1998, p. 54-77.

KHOKHA, Sasha. Teen Farmworker's Heat Death Sparks Outcry. **Npr** (Site), 06 jun. 2008. Disponível em: <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=91240378>. Acesso: 22 mai. 2013.

KRÜGER, René. **A Diáspora: de experiência traumática a paradigma eclesiológico**. Tradução de Mônica Malschitzky. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 2008.

LODDI, Laila; MARTINS, Raimundo. A cultura visual como espaço de encontro entre construtor e pesquisador *bricoleur*. In.: **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**. Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. 2009, n.3, p. 1-11.

LOPEZ, George. **America's mexican**. HBO Entertainment. Vídeo. Duração:1h, 03 min., 31s. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=obl_tZezHPA. Acesso: 22 mar. 2014.

MARGOLIS, Maxime L. **Goodbye, Brazil**. Emigrantes brasileiros no mundo. Trad. Aurora M. S. Neiva. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTÍ, José. **Nuestra América**. Edición PDF: [novel]es.com. [s.a]. Disponível em: <http://www.iiicab.org.bo/Docs/diplomado-alba/m1/JoseMarti-NuestraAmerica.pdf>. Acesso: 30 mai. 2014.

MATOS, Olgária Chain Féres. Ethos e amizade: a morada do homem. In.: DOMINGUES, Ivan (Org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Editora UFMG/ IEAT, 2004, p. 59-72.

MEDINA, Manuel Fernando. Paraíso e odisséias pós-modernas: a(s) fronteiras(s) no cinema latino-americano contemporâneo. In.: **Raído**. Dourados, MS, v. 6, n.12, jul./dez. 2012, p. 11-19.

_____. David Riker frames new york city: Gazing at the latin american Immigrant in la ciudad [the city]. In.: **Raído**. Dourados, MS, v. 4, n. 7, jan./jun. 2010.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/Projetos Globais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MORENO, César Fernández [Coord.]. **América Latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1979, Introdução, p. XV-XXIX.

NITSCHACK, Horst. Ottmar Ette: Ciencia de la literatura como ciencia de vida. Una propuesta programática. PDF. Disponível em: http://www.biopolitica.cl/docs/Ette_Version_biopolitica.pdf. 11. Acesso: 13 dez. 2014.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. In.: **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, July/Sept. 2005, vol.19, nº.3, 17 páginas. D.O.I. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392005000300002>, ISSN 0102-8839. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000300002&script=sci_arttext. Acesso: 01 nov. 2013.

PIZARRO, Ana. **O sul e os trópicos**. Ensaio de cultura latino-americana. Niterói: EdUFF, 2006.

PORTO, Maria Bernadette. O lugar da memória nas cartografias da distância nas Américas. In.: GONZÁLES, Elena Palmero; COSER, Stelamaris (Orgs.). **Entre traços e rasuras**. Rio de Janeiro: 7 Letras, FAPERJ, 2013, p. 15-28.

REIS, Michele. Theorizing Diaspora: Perspectives on “Classical” and “Contemporary” Diaspora. In.: **International Migration**. Oxford (UK) and Malden (USA): Blackwell Publishing, 2004, Vol. 42 (2), p. 41-60.

ROBIN, Régine. **Le Québécoite**. Montréal: Éditeur XYZ, 2001.

ROSSLING, Carlos; TREZZI, Humberto. Novos imigrantes mudam o cenário do Rio Grande do Sul. **Zero Hora**. <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/novos-imigrantes-mudam-o-cenario-do-rio-grande-do-sul-4576728.html>. Acesso: 10 fev. 2015.

SAGUIER, Rubén Bareiro. Encontro de Culturas. In.: MORENO, César Fernández [Coord.]. **América Latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 3-24.

SANTOS, Lucas Machado dos. José Martí e o projeto identitário de *Nuestra América*. Uma análise de construção de identidade americana. In.: **Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio**, Rio de Janeiro: 19 a 23 de junho 2010, 11p.

SARDUY, Severo. O Barroco e o Neobarroco. In.: MORENO, César Fernández [Coord.]. **América Latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 161-178.

SILVA, Juremir. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

TOSTA, Antonio Luciano de Andrade. American Dream, Jeitinho Brasileiro: On the Crossroads of Cultural Identities in Brazilian-American Literature. In.: **A Companion to US Latino Literatures**. Woodbrigde: Tamesis, 2007, p. 140-157.

_____. The Other as Self or Other? Latinidade and the Politics de Identificação in Brazuca Novels. In.: **Revista Bilingue de Letras e Estudos Luso-Americanos**. Volume XXXIV-XXXV, 2012-2013, p. 301-339.

b) Referências do *corpus*

CAIXETA, Sheila Couto. **Memória e identidade em narrativas de imigrantes: A chave de casa**, de Tatiana Salem Levy e *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa. 2014. 75f. Dissertação. Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

COSTA, Ana Amélia Gonçalves da. **Novos territórios da escritura: reflexões sobre exotismo e identidade em Amélie Nothomb e Adriana Lisboa**. 2011. 131f. Dissertação. Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero**. 2008. 249f. Tese. Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LISBOA, Adriana. **Azul-corvo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

LISBOA, Adriana. **Caligrafias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

LISBOA, Adriana. **Os fios da memória**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISBOA, Adriana. **Parte da Paisagem**. Rio de Janeiro: Iluminuras, 2014.

LISBOA, Adriana. **Rakushisha**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LISBOA, Adriana. **Sinfonia em Branco**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

LISBOA, Adriana. **Um beijo de Colombina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

LISBOA, Adriana. Site. Disponível em: <http://www.adrianalisboa.com.br>. Acesso: 08 abr. 2013.

SCAMANDRO, Adriano. Três poemas de Marianne Moore. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2012/10/05/3-poemas-de-marianne-moore/> Acesso: 21 mar. 2013.

TRIGO, Luciano. Ficção de Adriana Lisboa lança um olhar estrangeiro sobre o mundo. Entrevista concedida por Adriana Lisboa, em 27 de outubro de 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2010/09/27/897/>. Acesso: 21 mar. 2013.

FILMOGRAFIA CITADA

Paraíso Travel. Direção de Simón Brand; Produção de Jonathan Sanger. Paraiso Produccions, 2008, DVD.

La Ciudad (The City). Direção de David Riker; Produção de Paul S. Mezey e David Riker. Zeigeist Films, 1998, DVD.

Border Run. Filme. Direção de Gabriela Tagliavin; Produção de Lucas Jarach. Voltage Pictures, 2012. DVD.

ANEXO

TABELA TEMÁTICA POR CAPÍTULOS de *Azul-corvo*

Nº	Título	Tema central	Caracterização	Temas adjacentes
1º	<p><i>Periplaneta Americana</i></p> <p>Correlacionado com as baratas, na pág. 18, em número muito menor em Lakewood do que em Copacabana.</p> <p>A comparação entre as duas cidades perpassa esse primeiro capítulo.</p> <p>Obs.: <i>cucarachas</i> é o termo espanhol, usado pejorativamente, para designar os latinos nos EUA.</p>	Apresentação de Evangelina (Vanja)	A protagonista apresenta-se. Descreve-se fisicamente e expõe o principal dilema de sua existência, que será o plano de fundo da narrativa: que mudou-se de Copacabana para o Lakewood, nos EUA, depois da morte de sua mãe; que foi viver com seu pai civil (o nome do pai que consta na carteira de identidade) e procurar seu pai biológico.	<ul style="list-style-type: none"> - VERÃO - Cor da pele/ latinidade - Comparação constante entre Copacabana e Lakewood - Estranhamento - Memória - Localização geográfica dos lugares x tempo - Adolescência - Casa (de Fernando e de Elisa, tia de Vanja) - Entre-lugar: “Eu tinha 13 anos...” - Não-lugar: “Um ano fora do calendário” - Morte (da mãe, pág. 17) - Narrativa: contar sua história desde o “começo” (pág. 25).
2º	<p><i>Crotalus Atrox</i></p> <p>Nome científico da cobra cascavel. O avô materno de Evangelina morreu picado por uma destas (pág. 35).</p>	Apresentação de Suzana (mãe de Vanja) e sua árvore genealógica	Vanja apresenta sua mãe, Suzana. Quando tinha 9 anos, sua mãe morreu e, por isso, foi morar com seu pai nos EUA. Estabelece-se, portanto, uma semelhança com a trajetória da adolescente. Suzana se tornou professora de inglês para os latinos no Novo México, e depois de mudar-se para o Brasil, passou a ensinar inglês para os brasileiros. Vanja é fruto de um relacionamento rápido de sua mãe com um norte-americano, e foi registrada por Fernando, ex-marido de Suzana. Quando Evangelina estava com 2 anos de idade, Suzana mudou-se para o Rio de Janeiro. Por isso, as	<ul style="list-style-type: none"> - CHUVAS - anúncio do frio - Morte (do avô) - Copacabana: conchas azul-corvo - Lakewood: corvos azul-concha - adolescência - <i>Life is good</i> - Árvore genealógica: Elisa; avô geólogo; as bonecas da avó - binacionalidade.

			<p>lembranças da infância de Evangelina remetem à praia de Copacabana, e as viagens de férias para Barra do Jucu, no Espírito Santo. Os avós maternos não foram conhecidos, mas são únicos que Vanja tem informação. A avó chamava-se Goretí, e o avô, Abner. Define sua árvore genealógica como “sem raízes”.</p> <p>Em Lakewood essas memórias vêm à tona.</p>	
3º	<p><i>Dentro da barra tem uma baía</i></p> <p>Título remete ao texto do Pe. Fernão Cardim sobre a Baía da Guanabara, “<i>que bem parece que a pintou o supremo pintor arquiteto do mundo, Deus nosso Senhor</i>” (pág. 53). Por se tratar justamente do capítulo em que Fernando é apresentado, o título liga-se a esse personagem homônimo, também geógrafo e preocupado com as condições de vida do povo brasileiro. O Padre jesuíta, que escreveu três importantes textos, posteriormente reunidos no título “<i>Tratados da Terra e da Gente do Brasil</i>”.</p>	<p>Apresentação de Fernando, o pai civil de Evangelina</p>	<p>Vanja fala de Fernando, com quem Suzana fora casada por seis anos. Nesse capítulo a narrativa mergulha nas memórias da Guerrilha do Araguaia, da qual Fernando teria participado como guerrilheiro. Além da descrição de sua adolescência, de seu bom humor, habilidade com as armas, é dito que Fernando é de Goiânia e que estudou Geografia na UnB. São inseridas diversas informações verídicas sobre a Guerrilha. Quanto ao personagem, entretanto, não identifiquei paralelo com um dos guerrilheiros sobreviventes, nem entre os mortos e desaparecidos. É também nesse capítulo que Suzana dá à Vanja a notícia de sua doença e anuncia sua morte para breve.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - CHUVAS - Morte de Suzana - Reflexões sobre a morte e a existência - Inserções da memória da Guerrilha do Araguaia. - O desconhecimento dessa história extra-oficial até pouco tempo. - O primeiro ano sem a mãe: “nicho de quietude, de não-acontecimentos” (pág. 55).

4º	<p><i>Ursus arctos horribilis</i></p> <p>O título remete à experiência de Timothy Treadwell, o “homem-urso” que viveu durante 13 anos no Parque Nacional de Katmai, no Alaska, convivendo com ursos. Os restos mortais do jovem foram encontrados espalhados pelo parque, após ter sido atacado por um urso.</p> <p>Parece uma conotação à convivência permanente da existência com a morte. Em algum momento, esse “grande urso” decide nos atacar, inevitavelmente.</p>	A vida “longe de casa”	<p>Evangelina descreve a rotina em Lakewood. Lembra seus primeiros dias na casa de Fernando, e de acompanhá-lo à Biblioteca de Denver, onde inicia leituras de poemas indicados pela bibliotecária. São descritas a rotina na escola, e suas impressões das colegas, especialmente da indiana Aditi Ramagiri. Vanja lembra os primeiros contatos com Fernando, por meio de uma carta e depois, telefonemas. Fala da sua decisão ainda no Brasil de procurar seu pai. A ênfase desse capítulo é bastante reflexiva. Duas reflexões destacam-se: as lacunas das histórias sobre Suzana e Fernando acabam sendo completadas pela imaginação de Evangelina; e a vida longe de casa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Esforço e estratégias dos estrangeiros para adaptar-se à cultura, língua, costumes norte-americanos. - “a gente se acostuma”. - subempregos dos latinos nos EUA. - hibridismo cultural e binacionalidade. - Lacunas da memória preenchidas pela imaginação. - O desafio da língua inglesa: poemas, televisão. - religião católica e Testemunhas de Jeová.
5º	<p><i>Peixes</i></p> <p>O título refere-se ao nome que as primeiras operações do Exército Brasileiro para desarticular a Guerrilha do Araguaia, “Operação Peixe”. Nas primeiras páginas do capítulo, Vanja conta algumas curiosidades a respeito dos peixes que lera na Wikipédia: não dormiam, apenas descansavam,</p>	Guerrilha do Araguaia	<p>Nesse capítulo a Guerrilha é apresentada. Iniciativa de ativistas do PCdoB, a Guerrilha reuniu homens e mulheres dispostos a lutar com armas contra a ditadura militar no Brasil. Seguiam o modelo de Mao Tsé Tung, de revolução suscitada a partir da mata. São expostos detalhes da condição de Fernando enquanto guerrilheiro, e sua relação amorosa com uma jovem</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Menção a diversos guerrilheiros (verídico): Pedro e Ana, que abandonaram a região do Araguaia porque Ana estava grávida (preso, Pedro foi o principal delator da localização da Guerrilha). César, o “cantor dos guerrilheiros”. Osvaldão, o líder do destacamento B, figura emblemática da Guerrilha do Araguaia. João Alberto Capiberibe. Elza Monerat, dentre outros. - Ideologia da ditadura militar brasileira: “Terrorismo Nunca Mais”, “Pra frente, Brasil! Salve a seleção!” (Copa de 1970).

	<p>enquanto os olhos permaneciam abertos. Certamente, uma alusão à destreza com que os cerca de 80 guerrilheiros resistiram por anos na mata do Bico do Papagaio, no Pará.</p> <p>É nesse capítulo que é estabelecida a relação do título da obra, <i>Azul-corvo</i>, com o poema “The Fish”, de Marianne Moore. Nele aparece a imagem de conchas do mar, de cor azul-corvo.</p>		<p>também guerrilheira, de codinome Manuela (sem paralelo com os nomes factuais). Há uma descrição das dificuldades vividas no interior do Brasil, especificamente da localidade de São João do Araguaia. A região estava totalmente esquecida pelas autoridades brasileiras até tornar-se parte do cenário da Guerrilha.</p>	
6º	<p><i>May I pet your dog?</i></p> <p>O título é parte de um pequeno acontecimento, em que a jovem protagonista acaricia cães que passeiam acompanhados de sua dona, numa rua de Lakewood. Fernando esclarece que a “afetividade brasileira” não era bem vista ali. Esse capítulo acaba mostrando-nos como os laços afetivos estreitam-se entre os personagens Fernando, Evangelina e Carlos.</p>	Afetividade	<p>É o capítulo em que Carlos é apresentado. O menino é filho de uma família salvadorenha que vive ilegalmente nos EUA, em Lakewood (são vizinhos de Fernando). Vanja o ajuda com tarefas escolares todas as tardes (Carlos tem muita dificuldade com a língua inglesa). Porém, o que Carlos encontra na casa de Fernando são atenção e afeto. Já na primeira tarde na casa de Vanja, “engancha-se” no seu braço.</p> <p>O capítulo reflete sobre as diferenças entre afetividades brasileira e norte-americana. Enquanto Fernando mostra o mapa e faz planos para uma</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Mudança climática: a chegada do OUTONO. - Multilinguismo. - alimentos que “acolhem”. - passeios na região de Denver. - afetividade brasileira. - afetividade latina. - Planejamento da viagem em busca de informações sobre o pai biológico.

			viagem em busca de informações sobre Daniel, o pai biológico de Evangelina, esta percebe que o gesto de Fernando é movido por profundo carinho, embora não seja dado a dizer “palavras cor-de-rosa”.	
7º	<p><i>O lobo do homem</i></p> <p>O título expõe a brutalidade das guerras, onde direitos humanos não são respeitados. Nesse capítulo é narrado como os guerrilheiros do Araguaia foram tratados como “o inimigo”, sendo muitos mortos sumariamente. Estes também agiram violentamente contra moradores da região que os delataram. O interessante é que o contraponto da amizade surge como esperança: nem todo “homem” é “lobo do homem”.</p>	Execuções no Araguaia	<p>A ênfase desse capítulo recai sobre as prisões, torturas e execuções na Guerrilha do Araguaia. Paradoxalmente, há o estreitamento da amizade de Fernando, Carlos e Evangelina, evidente na comemoração do aniversário de 57 anos de Fernando.</p> <p>Encontram June, amiga de Suzana na época em que conhecera Daniel, o pai de Evangelina. Vão à casa de Florence, mãe de Daniel, para apresentar a adolescente e informar-se sobre seu pai.</p>	<p>- OUTONO.</p> <p>- As violências da Guerrilha do Araguaia narradas correspondem a casos que estão sendo trazidos a público pela Comissão Nacional da Verdade. Ex.: a tortura de José Genoíno Neto.</p> <p>- Operação Peixe IV.</p> <p>- Morte do militar Odílio Rosa.</p> <p>- Fantasia acerca do pai.</p> <p>- Envelhecimento.</p> <p>- Casamento: alternativa para mulheres latinas obterem cidadania norte-americana.</p> <p>- Amizade</p>
8º	<p><i>Corvus corax, Corvus brachyrhynchos</i></p> <p>Nas páginas 134 e 135 são descritas essas duas espécies de corvos. Trata-se de um trabalho escolar de Carlos: <i>Corvus corax, os raven</i>, são pássaros que fixam casais,</p>	Imigração e memória	<p>Este capítulo também é bastante reflexivo, como o 4º.</p> <p>Outra guerra, a do Vietnã, fazia parte das lembranças de infância que Suzana contara a Evangelina. Mais uma vez, estabelece-se um paradoxo com a guerra, pois é narrada a história de amor de Suzana e Fernando.</p>	<p>- INVERNO</p> <p>- Imigração ilegal nos EUA</p> <p>- simultaneidade dos acontecimentos</p> <p>- Vietnã: massacre na Aldeia My Lai</p> <p>- lacunas da memória</p> <p>- Foto como registro de memória: “vi minha mãe nos meus olhos”.</p> <p>- Experiência na neve: “Dali em diante eu era um deles!”</p>

	<p>não vivem em bandos, não migram e podem viver mais de 40 anos. Em contraposição, os <i>Corvus bachyrlynchos</i>, os <i>crow</i>, vivem em sistemas sociais complexos, onde o indivíduo adulto prefere não se casar e cuidar dos filhos dos outros, migram em bandos, e vivem em média apenas 14 anos. Este último seria uma alusão a Fernando?</p> <p>Num paralelo com a imigração, os primeiros podem se referir aos nativos e os segundos aos imigrantes.</p>		<p>As lembranças levam ao choro de Elisa (tia de Vanja) durante os telefonemas, à saudade que Carlos sente da irmã que fugira de casa, à falta que Vanja sente de Suzana, à hospitalização da mãe de Carlos (ela quer voltar a San Salvador).</p> <p>Entretanto, sempre é preciso tapar os “buracos” da memória com “estopa”: cartas, fotos, telefonemas.</p>	<p>- Mapa remendado. As estradas ainda seriam as mesmas? O passado precisaria de remendos para ser recomposto?</p>
9º	<p><i>Las Animas</i></p> <p>Las Animas é uma cidade do Colorado que faz fronteira com o estado do Novo México. É local de parada e pernoite de Evangelina, Fernando e Carlos durante a viagem à casa de Florence (avó paterna de Vanja).</p>	Viagem; trânsito	<p>Nesse capítulo tem início a viagem de Fernando, Carlos e Evangelina ao Novo México. O primeiro destino é encontrar June, uma antiga amiga de Suzana, que os levará até a casa de Florence, avó paterna da adolescente. A viagem se dá num Saab vermelho 1985, um carro velho e pequeno, como o Fiat 147 no qual Vanja viajava com Suzana, quando era criança.</p> <p>É um capítulo de transição. Como a viagem o é. Conversam diversos assuntos, fazem pequenas paradas. A maior parada é o pernoite na cidade de Las Animas. Antes de dormirem,</p>	<p>- Paisagem do Colorado. - Fronteiras: “testas alinhadas” - Estrada I-25 - Outros ex-guerrilheiros: no governo atualmente.</p>

			Fernando anuncia a Vanja que contará coisas que não contou a sua mãe. Referia-se à sua deserção da Guerrilha.	
10º	<p><i>Camino sin nombre</i></p> <p>É o nome da rua, na cidade de Santa Fé, onde fica a casa de June, antiga amiga de Suzana. É uma parada acolhedora no meio da viagem.</p>	Apresentação de June, antiga amiga de Suzana.	<p>O capítulo apresenta June. Filha de um descendente da nação zuni e uma linguista inglesa. Sua casa é bastante acolhedora: aquecimento no chão, “cheiros quentes”, música, vinho para os adultos. É dito que June tem a capacidade de criar “ganchos invisíveis” entre as pessoas. Vanja gosta muito de um casal de mastiffs que June possui, Georgia e Alfred.</p> <p>Talvez por causa desse acolhimento familiar, Vanja, antes de dormir, chora ao lembrar do riso de Suzana.</p> <p>Nesse capítulo também surgem mais lembranças de Fernando sobre a Guerrilha do Araguaia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - ACISOS (Ações Cívico-Sociais na região do Araguaia). - Pelotão de Investigações Criminais (Brasília). - Torturas de guerrilheiros. - Bombas com Napalm. - CHUVAS - General Antonio Bandeira. - Namoro (Nick). - Desejo de Carlos de tornar-se nativo. - Indígenas zuni em Santa Fé. - Maconha. - lesbianismo. - Evangelina, de Evangelho.
11º	<p><i>Redondo Road</i></p> <p>Estrada em Santa Fé, em direção à casa de Florence, avó paterna de Evangelina.</p>	Visita à Florence	<p>As estradas que levam à casa de Florence ganham destaque. Ao deixarem a <i>Redondo Road</i>, pegam uma estrada de terra, em subida, até chegar à propriedade de Florence.</p> <p>Há um posto de segurança em Los Alamos, o qual passam com preocupação, por causa da ilegalidade do menino Carlos.</p> <p>Vanja chega à casa de Florence</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Cassinos da região. - Artesanato. - Afetividade. - Memória que é dada pelos outros.

			<p>bastante ansiosa, com o “coração aos trancos e as mãos frias”.</p> <p>Evangelina sente raiva quando o grupo é informado de que Daniel está em Abidjan, no continente africano.</p> <p>Na volta para casa de June, vão à cidade de Albuquerque, onde Vanja nasceu. Param em frente à casa onde vivera seus dois primeiros anos de vida. Essa é uma memória que a menina não possui, embora faça parte das histórias que lhe foram contadas pela mãe, por Fernando, e agora por June.</p>	
12º	<p><i>Sucuri</i></p> <p>Foi o nome da operação militar destinada à espionagem na região do Araguaia. Iniciada em abril de 1973, devia durar 2 meses, mas durou 5 meses. Na página 180 fica clara a escolha do nome da operação: a cobra sucuri não possui veneno, sua arma é a opressão física de suas vítimas.</p>	Deserção de Fernando	<p>Esse capítulo fala sobre a vida de Fernando depois da Guerrilha. Ele conta a Evangelina o que não contara à sua mãe: havia desertado da guerrilha.</p> <p>Conta também como foi sua chegada em Denver, após separar-se de Suzana. Vanja acredita que ele tenha se fixado ali, caso um dia Suzana mudasse de ideia e quisesse reatar o relacionamento. Fernando também cria uma “caixa de memórias”, na qual guardava cartas e recordações de Suzana, e uma carta de Manuela, o amor da guerrilha.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Operação Sucuri - Execução de Pedro Mineiro e Osmar (moradores da região). - Dificuldades e exaustão dos guerrilheiros na mata.

13º	<p><i>Vista del Mundo</i></p> <p>Onde ficava a casa de Isabel, outra amiga da mãe de Evangelina. Fica na cidade de Albuquerque. Esse capítulo reflete sobre os “vestígios” do passado.</p>	<p>Apresentação de Isabel, amiga de Suzana na época em que Evangelina nasceu.</p>	<p>Outra casa se torna acolhedora: a de Isabel, amiga de Suzana no tempo em que Evangelina nasceu. Isabel é uma porto-riquenha que imigrara para os EUA atrás do sonho de ser atriz. Acabara tornando-se dançarina de um clube noturno até casar-se e obter assim, a cidadania norte americana. Tem uma situação financeira confortável após o divórcio, mas não se sente a vontade com essa situação. Vive o conflito de não se sentir “em casa”, nem nos EUA, nem em Porto Rico. Nesse capítulo também é narrado um pouco mais da visita à casa de Florence.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O não sentir-se em casa. - Infância/adolescência. - Fernando passa as noites com Isabel. - “O que Florente encontrou em mim” - “O que Florence não encontrou em mim”. - Vestígios do passado.
14º	<p><i>Canis Latrans</i></p> <p>Esse é o nome científico dos coiotes. Uma alusão aos atravessadores de imigrantes ilegais na fronteira México-EUA.</p>	<p>Encontro de tempos e lugares num só lugar: casa de June</p>	<p>São narradas mais mortes de guerrilheiros, durante as operações Marajoara e Limpeza. Inclusive a morte de Manuela, personagem fictícia, e Walkíria, um dos casos verídicos. Fernando passa as noites no quarto de Isabel. Fernando, Isabel, Carlos e Evangelina passam o Dia de Ação de Graças na casa de June: um encontro impensável antes, histórias de outros tempos e lugares. Depois disso, as “coisas virariam outras coisas” (p. 209).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Operação Marajoara - morte de Osvaldão - morte de Maurício Grabois. - Fugas da Guerrilha: Angelo Arroyo, João Amazonas e Elza Monerat. - Operação Limpeza - Presidente Ernesto Geisel. - “mas a casa não é minha” - Dia de Ação de Graças.

15º	<p><i>Jay Street</i></p> <p>É o nome da rua da casa de Fernando, em Lakewood, no Colorado.</p>	Paternidade alienada	<p>No último capítulo acontece uma aceleração na narrativa. Evangelina conta o que aconteceu “há pouco mais de um ano”. Ela está com 22 anos então. A casa de Fernando agora é sua, pois ele morreu. Encontrara-se algumas vezes com Daniel, seu pai biológico, mas permanece uma distância entre eles.</p> <p>Visitara Elisa, no RJ, uma vez.</p> <p>Carlos mudou-se para a casa de Evangelina.</p> <p>Esses são alguns acontecimentos, dentre outros, que fizeram com que “as coisas estivessem iguais e diferentes”.</p> <p>No final, uma outra versão para a história de Suzana e Fernando (correlação direta com a página 69).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Preconceito permanente com os imigrantes da “América do Sul”. - Tornar-se nativo. - Aprimoramento da língua inglesa com o tempo. - Literatura.
-----	--	----------------------	---	---